ERWIN LUTZER

10 MENTIRAS SOBRE DEUS

SERÁ QUE VOCÊ JÁ FOI ENGANADO?

Vida

ALGUUIA MENFIRA)Á INFLUENCIOU SUA C RE II Ç A A RESPEÍ-ÍO DE DEUS?

SE SUA RESPOSTA É "NÃO", *í* DIEIHOR. P E N S A FU N O VA M E NTE ^

O consagrado autor A. W. Tozer disse certa vez que a mais importante afirmação sobre quem somos é aquilo que acreditamos sobre Deus. Mesmo assim, muitas influências sutis de nossa cultura nos tentam mostrar que a autoridade e o amor de Deus são discutíveis.

Para garantir que aquilo que sabemos e acreditamos sobre Deus esteja fundamentado na verdade bíblica e não no consenso popular, precisamos regularmente confrontar nossas crenças com a Palavra de Deus.

Erwin Lutzer escreveu este livro para desmascarar mentiras como "Deus ajuda a quem se. ajuda" e "a queda do homem arruinou os planos de Deus". *10 mentiras sobre Deus* apresenta, de forma clara e totalmente bíblica, o amor de Deus pela humanidade e seu poder eterno. Neste livro, você encontrará uma esperança maior, uma fé ainda mais forte e uma adoração mais profunda ao reafirmar a autoridade de Deus sobre sua vida.



HI E li t Í RA S SOB RJE

,Ê" IV.IY I. FIL IFTJ 1

DEUS

Este livro é uma surpreendente fonte de poder. O leitor não consegue terminar o prefácio sem ficar ansioso para começar o primeiro capítulo e ir até o final sem parar. O seu epílogo é um dos mais apaixonados apelos para confiar em Deus que eu já vi. Excelente leitura, tanto para cristãos quanto para não-cristãos.í

D. James Kennedy, Ph.D., pastor da Coral Ridge Presbyterian Church, Fort Lauderdale, Flórida, EUA, e autor de *E se fesus não tivesse nascido?,* publicado pela Editora Vida.

ERjwin Lutze R.é mestre em teologia pelo Seminário Teológico de Dallas e pastor da histórica Moody Memorial Church, em Chicago, EUA. É autor de vários livros, incluindo *A serpente do paraíso, De pastor para pastor, 7 razões para confiar na Bíblia* e *Um minuto depois da morte,* todos publicados pela Editora Vida. Reside em Chicago, com a esposa e três filhos.

I ISBN 85-7367	-655-8 I
9 I	i i5 - 3 ! U ! i

Categoria: Teologia

0/

Vida

www. editora vida .com .br

Pelo mesmo autor

Um minuto depois da morte (Vida) *De pastor para pastor* (Vida) *7 razões para confiar na Bíblia* (Vida) *A serpente do paraíso* (Vida) *Aprenda a viver com Deus e com seus impulsos sexuais* (Betânia)

Obra em co-autoria

Não tive onde chorar (Vida)

©2000, de Erwin W Lutzer

Título do original ® *Ten lies about God,*

edição publicada pela

Word Publishing Group, divisão da

Thomas Nelson

(Nashville, Tennessee, EUA)

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Vida

Rua Júlio de Castilhos, 280, Belenzinho CEP 03059-000, São Paulo, SP Telefax 0 xx II 6096 6814 www.editoravida.com.br

Ao Deus cuja graça me alcançou ainda criança e cujo poder, sabedoria e mistério são meu deleite.

Proibida a reprodução por quaisquer meios,

SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI),

©2001, publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

“Grande é o Senhor e digno de ser louvado; sua grandeza não tem limites.”

Salmos 145.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lutzer, Erwin W

Dez mentiras sobre Deus : será que você já foi enganado? / Erwin W. Lutzer; tradução Emirson justino. — São Paulo : Editora Vida, 2003.

Título original: Ten lies about God : and how you might already be deceived Bibliografia

ISBN 85-7367-655-8 V

1. Apologética 2. Deus - Conhecimento 3. Deus - Ensino bíblico 4. Verdade e falsidade I. Título.

02-6752

CDD-231.042

f índice para catálogo sistemático

M AZ I MTS O' KOi) RíClItS

a catálogo sistemático

ÍL:>

- Sumário
- Direto do meu
  - O Deus da minha autojustificação
- Muitos caminhos levam a Deus
  - Julgamento físico e imediato versus julgamento futuro e eterno
- Deus nunca sofreu
- Deus é obrigado
  - CONCLUSÕES DESAFIADORAS
- Deus não se responsabiliza
- Deus não sabe de antemão
- o pla.no de Deus
- Devemos escolher entre o prazer de Deus e o nosso
- Deus ajuda a quem se ajuda
- Podemos confiar nele?

SUMÁRIO

PREFÁCIO Direto do meu coração para o seu • 9

PRIMEIRA MENTIRA Deus é tudo o que queiramos que seja • 15

SEGUNDA MENTIRA Muitos caminhos levam a Deus • 41

TERCEIRA MENTIRA Deus está mais tolerante do que costumava ser • 59

QUARTA MENTIRA Deus nunca sofreu • 83

OüINTA MENTIRA Deus é obrigado a salvar os seguidores de outras religiões «103

SEXTA MENTIRA Deus não se responsabiliza pelos desastres da natureza *125

SÉTIMA MENTIRA Deus não sabe de antemão quais decisões tomaremos *147

OITAVA MENTIRA A Queda arruinou o plano de Deus *167

NONA MENTIRA Devemos escolher entre o prazer de Deus e o nosso *191

DÉCIMA MENTIRA Deus ajuda a quem se ajuda • 209

EPÍLOGO

Podemos confiar nele? • 225

PREFÁCIO

DIRETO DO MEU

CORAÇÃO PARA O SEU

QUANDO JOSAFÁ PERCEBEU QUE UMA COALIZÃO de exércitos superava em muito suas tropas, descobriu que sua esperança só poderia ser depositada em Deus. Em meio a grande desespero, orou dizendo: "Ó nosso Deus, não irás tu julgá-los? Pois não temos força para enfrentar esse exército imenso que vem nos atacar. Não sabemos o que fazer, *mas os nossos olhos se voltam para ti"* (2Cr 20.12; grifo do autor). Esse homem sabia que nossa maior necessidade é sempre olhar para Deus. Quanto mais clara for nossa visão a respeito dele, maior será nossa motivação para confiar, obedecer e adorar. A. W. Tozer estava certo quando disse que aquilo que acreditamos sobre Deus é a coisa mais importante so

bre nós mesmos.

Mas em qual Deus devemos acreditar?

Embora as pesquisas indiquem que a maioria das pessoas acredita em Deus, não é exatamente o Deus da Bíblia que conhecem. De acordo com o jornalista Chris Stamper, essa deidade "se parece cada vez menos com o Deus verdadeiro, pois se aproxima cada vez mais da personagem principal do evangelho *self-service* da lanchonete pós-moderna".[1] Essa geração simplesmente eliminou a idéia da crença em uma deidade transcendente, capaz de mexer com nossa vida profundamente, reorganizar nossas prioridades e forçar-nos a lidar com o temível conceito de *pecado.*

'Religious cafeteria and other cultural buzz, *World Magazine,* 5/12/1998, p. 30.

1 O IO MENTIRAS SOBRE DEUS

Em vez disso, nossa geração prefere satisfazer suas necessidades espirituais indo às compras em busca de uma fé que possua fragmentos do cristianismo misturados com cientologia, budismo e qualquer noção derivada da "experiência pessoal". Desse modo, embora uma imensa quantidade de pessoas continue a dizer que acredita em Deus, sua concepção de Deus é tão diversa quanto os itens que podem ser encontrados em um *shopping center.* Nietzsche estava certo: logo que Deus fosse declarado morto, uma "chuva de deuses" se seguiria, e cada pessoa adoraria o deus de sua escolha.

Em círculos acadêmicos mais liberais viceja o pós-modernismo, segundo o qual o conceito de Deus é na verdade uma construção social. Esse conceito afirma que nenhuma realidade exterior pode determinar a noção de Deus, pois cada indivíduo ou grupo de pessoas decide qual concepção adotar. O fato é que, para eles, não existe verdade, religiosa ou não, que deva ser descoberta: a verdade deve ser simplesmente "criada". A sociedade contemporânea não aceita nenhuma alegação quanto à existência da razão objetiva, declarando, pelo contrário, que "tudo o que existe é o que está em minha mente; minhas idéias são Verdadeiras' *simplesmente porque eu as concebo '*.

Etas tendências são compreensíveis em nosso momento cultural. O mais lamentável é que estas crenças distorcidas sobre Deus também podem ser encontradas na igreja. A grande visão de Deus, o legado dos autores bíblicos, foi, em grande parte, perdida. Essa visão deu lugar à ênfase na "percepção das necessidades" e na "saúde e riqueza". Pior do que isso é vermos algumas pessoas que ainda querem ser reconhecidas como evangélicas negando que Deus conheça o futuro ou que devamos ser salvos apenas pela fé em Cristo. Muitos freqüentadores-de-igreja extraem sua compreensão de Deus tanto da cultura popular quanto das Escrituras. Não rejeitam o cristianismo abertamente, mas o filtram para que se encaixe no pluralismo da religião do "sinta-se bem", muito difundida nos dias de hoje.

"Resumindo", escreve Os Guinness, "um dos males de nossa época é que temos corpos esbeltos, mas mentes flácidas e almas sedentárias.

Desse modo, como o preguiçoso que cochila depois do almoço e reluta em levantar-se para atender ao telefone, vemo-nos pouco inclinados a atender

ao desafio de estar acima de nossa geração”.[2] Se a igreja pudesse ser despertada para ouvir a voz de Deus, seria muito provável que nossa tolerante cultura se levantasse e desse uma segunda olhada em sua enfermidade moral e espiritual. Mas isso deve se iniciar com pessoas como nós dispostas a se voltar para o Deus das Escrituras, em vez de ser cooptadas pelo que C. S. Lewis chamou “cristianismo e água”, a visão segundo a qual realmente existe um bom Deus lá no céu, mas não precisamos nos preocupar com doutrinas complicadas como pecado, inferno e redenção.

Afirmo mais uma vez que as mentiras desmascaradas neste livro estão cada vez mais presentes não apenas na cultura popular, mas também na própria igreja. E claro que, embora tenha sido capaz de discernir estes enganos, obviamente nem eu, nem qualquer outro escritor pode dar a última palavra sobre Deus. A verdade é que este estudo me humilhou, pois, quanto mais aprendo sobre Deus, mais percebo o quanto ainda não sei. Fiquei profundamente impressionado com a observação feita em diversos momentos nas Escrituras de que os caminhos de Deus são insondáveis.|Esquadrinhar o caráter de Deus, até o ponto em que é permitido a nós mortais, certamente é a busca mais elevada que a mente e o coração podem fazerj Tenho feito uma jornada e espero que você se una a mim.

Escrevi este livro profundamente firmado em três convicções.

Primeiramente, *devemos obter conhecimento de Deus apenas a partir da Bíblia e não a partir de nossas experiências e preferências pessoais.* Naturalmente, não acho que seja possível nos isentarmos totalmente das influências culturais, mas, à medida do possível, devemos perguntar o que a Bíblia diz, e não o que *queremos* que ela diga. Logo descobriremos que o Deus da Bíblia é profundamente diferente de outras divindades. Esse Deus coloca-se à parte da mais intrincada deidade.

[2]*The mind on fire,* Portland: Multnomah, 1989, p. 28.

Tal como todos nós, enfrento o perigo da idolatria, ou seja, a tentação de fabricar um Deus baseado em minha inclinação e experiência. Cientistas sociais dizem que há fortes evidências de que cada cultura cria os próprios deuses; aliás, tais deuses não podem, na maioria dos casos, ser separados da cultura onde são adorados. Povos ligados à agricultura desenvolvem deuses a partir do sol e da chuva; culturas ligadas ao mar criam um deus mar e lua. Os ocidentais, de modo geral obcecados pelo consumismo e pelo prazer, criaram um deus que é tolerante com nossos estilos de vida, que nos deixa estar no controle e que serve principalmente para nos ajudar a alcançar o máximo do nosso potencial — um Deus "sob medida" para nós.)!"•-■ *f0*>*K* 0 Awz: ,Ay.

Creio que ninguém ousaria criar a idéia do Deus santo e transcendente da Bíblia. Esse Soberano põe à prova nossos pensamentos mais ocultos, pede que nos arrependamos e exige adoração que põe fim a qualquer pensamento de auto-engrandecimento. Esse Deus, como veremos nos capítulos a seguir, revelou-se a partir do céu. Nossa tarefa é compreendê-lo da maneira pela qual ele optou para se revelar a nós, não do modo que nós achamos que ele seja.

Minha segunda convicção é que, *quanto mais claramente virmos a Deus, mais claramente veremos a nós mesmos.* Calvino estava certo quando disse que nenhum homem pode conhecer a si mesmo sem que primeiramente conheça a Deus. Na presença do Todo-Podero-so, a vara com a qual medimos nossa bondade é finalmente revelada. Logo, devemos rapidamente confessar, como fizeram os santos antes de nós: "Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!" (Is 6.5). Felizmente Deus não nos deixa "perdidos", mas estende a nós a cura de sua amorosa graça e de sua misericórdia.

Equipados com o conhecimento de quem somos, estaremos mais bem preparados para ordenar nossa vida de acordo com valores eternos. A inquietação interior dará lugar à paz de saber que pelo menos descobrimos a razão de termos sido criados. Nossa busca por Deus afetará profundamente todos os aspectos de nossa vida.

Olharemos para nosso viver, até mesmo para as tragédias, com a fé de Josafá, que confessou: “nossos olhos se voltam para ti”.

Em terceiro lugar, *quanto melhor conhecermos a Deus, mais intensamente o adoraremos.* Quando Jó soube que seus dez filhos haviam sido mortos em uma tempestade, voltou-se para Deus e o adorou. Perceba que, naquele ponto de sua jornada espiritual, ele não tinha idéia do que havia acontecido. Contudo, lemos:

Ao ouvir isso, Jó levantou-se, rasgou o manto e rapou a cabeça. Então prostrou-se, rosto em terra, em adoração, e disse: “Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei! O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor (Jó 1.20,21).

Jó aprendeu a adorar a Deus mesmo se não recebesse explicações. Mesmo sem ser capaz de penetrar a mente de Deus e sem estar inteirado de todos os detalhes dos propósitos ocultos do Todo-Poderoso, Jó sabia que seu lugar era estar diante do Deus em quem confiava.

Este livro não tem a pretensão de responder a todas as nossas perguntas sobre Deus. Na verdade, levantarei algumas questões que, talvez, alguns leitores jamais tenham pensado antes. Porém, diante do que vemos de Deus e de sua glória e soberania, *devemos* adorá-lo! Concordo com John Stott quando diz que “existe alguma coisa fundamentalmente errada quando temos um interesse em Deus puramente acadêmico. Deus não é um objeto passível de observação científica e de avaliação fria, crítica e isenta. Não, o verdadeiro conhecimento de Deus sempre nos levará à adoração [...] Nosso lugar é diante dele, prostrados em adoração”.[3]

Sim, nosso desejo é estar “diante dele, prostrados em adoração”. Por isso, no final de cada capítulo, incluí uma resposta pessoal que, espero, possa motivar você a expressar sua devoção a ele. Convido-o a se colocar em um alegre sacrifício de admiração e adoração.

[3]*Romans:* God’s great news for the world, Downers Grove: IVP, 1994, p. 312.

Oro para que você seja transformado, da mesrrta maneira que eu fui, ao contemplar nosso grande e misericordioso Deus.

Una-se a mim na jornada criada para sondar os mistérios do Todo-Poderoso, que nos motivará a nos unir a Jó, com o rosto em terra e o coração erguidos em adoração.

PRIMEIRA MENTIRA

DEUS E TUDO O OUE

QUEIRAMOS OUE SEJA

ART LINKLETTER VTU UM GAROTINHO RABISCANDO UMA FOLHA DE PAPEL.

— O que você está desenhando? — perguntou Linkletter.

— Estou fazendo um desenho de Deus.

— Você nao pode fazer isso, porque ninguém sabe como Deus é. — Quando eu terminar, as pessoas saberão — respondeu o menino, todo confiante.

Como Deus é? Será possível fazer uma imagem dele? Admitindo ou não, nascemos para buscar um sentido, fomos criados com uma carência espiritual. Atrás de todos esses anseios está nossa busca por Deus. O protagonista de uma música de Carly Simon traçou a própria jornada espiritual, partindo dos corredores de Cambridge para a vida no campo, somente para concluir:

Agora você é dono de uma livraria,

Arrumou uma esposa,

Usa tecido reforçado nos cotovelos E leva uma vida tranqüila.

Mas você está satisfeito mesmo?

Era isso o que procurava?

Ou algo em você lhe segreda

Que deve existir alguma coisa a mais?[1] [1]

DEUS É TUDO O QUE QUEIRAMOS QUE SEJA I 7

Sim, todos esperamos por “alguma coisa a mais”. Em todos os tempos, algumas das mentes mais brilhantes acreditaram que a humanidade poderia experimentar “alguma coisa a mais” somente quando descobrisse a Deus: “A alma do homem [...] tem dentro de si uma profunda e inextinguível sede”, escreveu Henry Scougal no século XVII. [“A alma não conhece a profunda alegria e o imenso prazer, até que, cansada de si mesma, renuncie a todos os bens [e] se entregue ao Autor de seu ser.”[2] *Uma profunda e inextinguível sede/J*

O filósofo Blaise Pascal, contemporâneo de Scougal, uniu sua voz à dos que sabiam que somente Deus pode satisfazer o coração humano. Disse que o homem tenta inutilmente preencher o vazio de sua alma com as coisas que o cercam: “Desse modo, busca em vão e não acha nada que possa ajudá-lo, encontrando apenas um abismo infinito que só pode ser preenchido por aquele que é infinito e imutável. Em outras palavras, esse vazio somente pode ser preenchido por Deus”.[3]

Muitos séculos antes, Agostinho disse a Deus: “O pensar em tio toca tão profundamente que ele não pode se contentar até que louve a ti, porque tu nos fizeste e nosso coração encontra paz somente ao descansar em ti”.[4] Disse isso por experiência própria. Como resultado das orações de sua mãe e da leitura das Escrituras, Agostinho, um pecador imoral e de coração duro, foi profundamente convertido. Descobriu em Deus a resposta para sua inquietação interior.

Talvez os salmos nos deem a mais eloqüente descrição dessa “sede profunda”. “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus” (SI 42.1). “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água” (SI 63.1).

A humanidade sempre buscou a Deus, mas, em nossa era pluralista, devemos perguntar: *Que Deus devemos buscar?* Onde poderemos encontrá-lo? E como sabemos que já o encontramos?

DE DEUS AOS ÍDOLOS

“Eu acredito em Deus”, talvez seja a afirmação mais sem sentido que se possa fazer hoje. A palavra *Deus* tornou-se uma tela sobre a qual qualquer pessoa sente-se livre para pintar a própria imagem do divino. Como o garoto que rabisca em sua escrivaninha, podemos desenhar Deus como preferirmos. Para alguns, é uma “energia psíquica”; para outros, é “tudo o que é mais forte que eu” ou “o poder interior que nos leva à consciência mais profunda”. Dizer “eu acredito em Deus” pode simplesmente significar que estamos vendo a nós mesmos em um espelho de corpo inteiro.

Portanto, como devemos começar nossa jornada em busca de Deus?

O teólogo suíço Karl Barth estava certo ao dizer que existem apenas duas maneiras de se obter conhecimento de Deus: uma delas é começar pelo homem e elevar a razão; a outra é começar por Deus e aceitar sua revelação a nós.

Por enquanto, começaremos pelo homem e pela elevação da razão. Revelaremos alguns conceitos de Deus não dignos dele: idéias que brotaram do coração humano, imagens idólatras, resultado dos desejos naturais da mente. Donald McCullough disse:

Quando a verdadeira história for contada, seja na luz parcial da perspectiva histórica, seja na luz perfeita da eternidade, é bem possível que seja revelado que o pior pecado da igreja no final do século xx tenha sido a banalização de Deus [...] Preferimos a ilusão de uma deidade mais segura e, assim, reduzimos Deus a proporções mais manejáveis.[5]

[5]Donald W. McCullough, *The trívialization of God*, Colorado Springs: NavPress, 1995, p. 13-4.

A “banalização de Deus”! Uma “deidade mais segura”! Um Deus de “proporções mais manejáveis”! Que acusações chocantes. Mas continue lendo.

Todas as vezes em que começamos pelo homem e elevamos a razão, fabricamos um ídolo. Nossa tentação é convidar a entrar em nossa mente

idéias sobre Deus simplesmente erradas ou que se tratam de noções que o diminuem. A idolatria é mais do que dançar em volta de uma estátua de prata ou de ouro; é a construção mental de um deus que tem pouca semelhança com o Deus verdadeiro. Idolatria é dar respeitabilidade às nossas opiniões sobre Deus, formadas à nossa imagem e semelhança. E forjar uma idéia de Deus de acordo com nossas inclinações e preferências. E reduzir Deus "a proporções mais manejáveis".

No Antigo Testamento, o salmista contrastava os ídolos com o Deus que conheceu pela revelação pessoal. Note a diferença:

O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada.

Os ídolos deles, de prata e ouro, são feitos por mãos humanas.

Têm boca, mas não podem falar, olhos, mas não podem ver;

Têm ouvidos, mas não podem ouvir, nariz, mas não podem sentir cheiro;

Têm mãos, mas nada podem apalpar, pés, mas não podem andar; e não emitem som algum com a garganta.

Tornem-se como eles aqueles que os fazem e todos os que neles confiam. (SI 115.3-8)

Existem razões para que optemos por nossas idéias sobre Deus. Os israelitas fizeram um bezerro de ouro, porque ficaram impacientes com a demora de Moisés na montanha. A demora os deixou nervosos e começaram até mesmo a duvidar de sua volta: "... pois a esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu" (Êx 32.1) .[Deus parecia distante e despreocupado. Portanto, buscaram um deus mais presente e mais real. Construíram um bezerro que podiam ver, tocar e carregar — um deus de "proporções mais manejáveis"J|

Essa é a primeira razão para a existência de tantas idéias idólatras com relação a Deus hoje em dia: estamos impacientes por causa de seu silêncio diante desta era confusa. Donald McCullough cita o colunista Russell Baxter, cujo pai faleceu muito cedo, que diz: "Depois disso, nunca mais

chorei com convicção real nem esperei muito de Deus ou de qualquer pessoa, a não ser indiferença”.[6] Achamos que Deus, se realmente fosse Todo-Poderoso, deveria colocar um fim no sofrimento do mundo. E, assim, construímos um deus que tolera o mal pelas mesmas razões que nós, ou seja, porque não pode fazer quase nada em relação ao mal. Ou então, nos afastamos da realidade e dizemos que o mal não existe.

E preciso admitir honestamente que um crescente número de pessoas acha que a igreja é irrelevante. Bem, isso significa que o Deus cristão é visto como irrelevante. Além do mais, o Deus da Bíblia é exclusivo: ele parece ser tão exigente que, no momento em que você passa a conhecê-lo, ele começa a levantar “questões sobre o pecado”. Por nos ressentirmos com essa intrusão, preferimos um Deus que possamos manejar. Não um Deus onipotente, mas uma divindade aceitável, dedicada a nos ajudar a alcançarmos nosso potencial humano.

Assim, a segunda motivação para a idolatria é o fato de querermos um Deus mais tolerante conosco, menos exigente, menos “julgador”. Quando um amigo meu deixou a esposa para viver com outra mulher, afastou-se dos amigos da igreja e fez novas amizades em bares e complexos esportivos, pois sentia-se melhor associan-do-se com pessoas que podiam aceitar suas escolhas sem julgá-lo. Em vez de repreensão, queria apoio por ter tido a “coragem” de deixar a esposa. Da mesma forma, queremos um Deus que não vá interferir no cerne da nossa vida.

[6]Ibid., p. 20.

Um compromisso com o individualismo alimenta nossa natureza idólatra. Nutridas pelo consumismo, as pessoas fazem uma ‘compra divina em um ‘restaurante por quilo espiritual’, à procura de um deus que melhor se ajuste ao gosto pessoal. Essa idéia de servir-se é bastante importante. Sou o responsável por escolher meu prato preferido. Poderia escolher alguma coisa que minha mãe gostaria que eu comesse, mas de novo, então, não posso. O mais importante é que esta é a *minha* combinação de comida e nenhuma escolha é melhor do que outra. Não fico julgando a pessoa na minha frente por ter escolhido um menu completamente diferente do meu. Assim faço minhas escolhas, construindo um conceito de Deus “perfeito

para mim". Devido ao grande número de opções que um restaurante por quilo oferece, qualquer sistema de crença é possível. Milhões de americanos, em coro com Thomas Paine, de-ciaram: "Minha mente é minha igreja".

E claro que essa forma de idolatria mental não é um fenômeno novo. Muitos séculos atrás, Asafe registrou as seguintes palavras de Deus: "Ficaria eu calado diante de tudo o que você tem feito? Você pensa que eu sou como você? Mas agora eu o acusarei diretamente, sem omitir coisa alguma" (SI 50.21). Sim, ainda hoje, achamos que Deus *é como nós.*

Desse modo, a essência da idolatria é acolher pensamentos errados sobre Deus. Quando construímos uma idéia sobre Deus a partir da nossa imaginação, essa idolatria do coração é tão ruim quanto a idolatria das mãos. O profeta Ezequiel proferiu uma mensagem penetrante para esse tipo de idólatras: "Então o SENHOR me falou: 'Filho do homem, estes homens *ergueram ídolos em seus corações* e puseram tropeços ímpios diante de si'" (Ez 14.2,3; grifo do autor). "... ídolos em seus corações"! "... tropeços ímpios diante de si"! Não é de admirar que Calvino tenha dito que a humanidade é uma fábrica de ídolos!

Acompanhe meu raciocínio à medida que exploro o modo como nossas idéias sobre Deus afetam nossa forma de pensar, nosso modo de adorar e de viver. Estou convencido de que, se a mente estiver aberta, a investigação mudará a percepção de Deus e, por conseguinte, mudará nossa percepção de nós mesmos. Seremos levados a buscar o verdadeiro Deus de todo o coração.

Vamos fazer um passeio rápido por alguns dos ídolos da cultura moderna. Precisamos tentar entender quão tentador é construir uma idéia de Deus baseados em nossos próprios desejos e interesses.

ÍDOLOS PARA DESTRUIÇÃO

Naturalmente, algumas concepções modernas de Deus não são totalmente erradas, mas apenas distorcidas; outras estão longe demais da realidade para serem consideradas. Depois de assumirmos que podemos construir uma idéia de Deus, começando pelo homem, ou seja, "de baixo para cima",

qualquer coisa é possível. Somos capazes de fazer isso até mesmo tendo a Bíblia em uma mão e uma agenda de compromissos pessoais na outra.

No livro *The trivialization ofGod [A banalização de Deus*], Donald W McCullough nos dá vários exemplos de como o ser humano define seu conceito de Deus de acordo com as próprias preferências. Escolhi três dessas descrições e adicionei algumas outras de minha autoria. Embora algumas dessas imagens possam ser levemente associadas às Escrituras, outras são tiradas, quase que inteiramente, do tecido formado pelas inclinações e desejos humanos.

O Deus da minha saúde e da minha riqueza

Em razão de nossa preocupação com sucesso, dinheiro e diversão, não deveriamos nos surpreender com o fato de que um deus especial, ocidentalizado, tenha surgido nas últimas décadas. Esse conceito de Deus parece ter sido extraído da Bíblia, mas na realidade reflete mais o capitalismo do que a consideração séria dos textos bíblicos. Esse Deus tornou-se nosso conselheiro financeiro, nosso gerente de conta pessoal, nosso consultor. Gloria Copeland, esposa do televangelista Kenneth Copeland, escreveu o seguinte:

A Palavra de Deus simplesmente revela que a carência e a pobreza

não estão de acordo com vontade de Deus para quem é obediente

[...] Permita que o Espírito Santo ministre a verdade ao seu espírito até que você entenda, sem qualquer sombra de dúvida, que a vontade de Deus é a prosperidade.[7]

Ela está falando de diamantes, de BMWs e de uma casa nova, não de riquezas espirituais.

Esse evangelho não poderia ter sido pregado na Roma antiga, assim como não funcionaria nos dias de hoje em lugares como o Haiti, a Bielo-Rússia ou Angola. Seria realmente difícil convencer os mártires da igreja de que eles tinham um direito dado por Deus de serem ricos e prósperos, pois se

contentariam com a pobreza, caso fossem libertos da boca dos leões e da espada dos assassinos.

Não, o “Deus da minha saúde e da minha riqueza” é o Deus do Ocidente, o Deus do capitalismo, o Deus do consumismo. Quando corretamente interpretada, a Bíblia pode ser proclamada em todas as culturas. O que dizemos sobre Deus deve ser a mais pura verdade nos tempos de guerra ou de paz, na pobreza e na riqueza, na vida e na morte. Pode até parecer que o “Deus da minha saúde e da minha riqueza” foi retirado da Bíblia, mas essa é uma interpretação distorcida que deixa milhares de pessoas desiludidas em seu rastro.

Como podemos acreditar nesse Deus sendo que Jesus disse: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8.20)? Ou então, olhando para Paulo que, da prisão, escreveu: “... aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância” (Fp 4.11).

O Deus das minhas necessidades emocionais Em nossa cultura terapêutica, na qual todos estamos em uma redes-coberta ou em uma negação, trocamos a linguagem das Escrituras pela linguagem da revista *Psychology Today* O pecado é* definido como falta de auto-estima. Há muito foi abandonada a idéia de que o conhecimento de Deus é nosso maior objetivo; o conhecimento de nós mesmos e de nossa necessidade de sermos respeitados deve ser o primeiro item de nossa agenda teológica. De volta à década de 1980, o reverendo Robert Schuller disse que “precisamos de uma teologia de salvação que comece e termine com o reconhecimento da carência de glória que todas as pessoas têm”. De acordo com esse conceito, Deus não é o juiz ofendido, mas o servo que está esperando uma oportunidade de confirmar nossa dignidade. Schuller prossegue: “A mensagem do evangelho não é apenas defeituosa, mas potencialmente perigosa caso tente rebaixar a pessoa antes de elevá-la”.[9] E triste dizer que essas idéias fazem parte da nossa cultura contemporânea e, sem empecilhos, encontram acolhida dentro da igreja.

A cultura mais difundida sugere que se eu puder comparecer a um programa de entrevistas e expor meus mais profundos segredos ao mundo, serei ajudado e finalmente curado. Terei meus quinze minutos de fama e

“ajustarei todos os meus ponteiros”. Deus, se for digno da minha atenção, existe para me dar a aceitação incondicional que mereço. A verdade é que seu trabalho é afirmar quem eu sou. Minha grande necessidade não é me arrepender, mas sentir-me confortável com minha verdadeira e singular personalidade. O famoso historiador Joseph Haroutunian comenta: “Antigamente, a religião era centrada em Deus. Antes, tudo o que não levava à glória de Deus era infinitamente maligno; hoje, o que não leva à felicidade do homem é mau, injusto e impossível de ser atribuído à divindade [...] Antes, o homem vivia para glorificar a Deus; hoje, Deus vive para servir ao homem”.[10]

O sociólogo Robert Wuthnow destaca que a espiritualidade “não é mais considerada boa por ter atingido os padrões absolutos de verdade e bondade, mas porque me ajuda a estar bem no mundo. Eu sou o juiz de seu valor”.[5] [6] Em outras palavras, Deus *trabalha para mim* como meu grande terapeuta cósmico.

[9]*Selfesteem:* the new reformation, Waco: Word, 1982, p. 26-7, 127.

[10]*Piety versus moralism:* the passion of New England theology, New York: Harper and Sons, 1932, p. 145.

[11] Small groups forge new notions of community and the sacred, *Christian Century*, 8/12/1993, 1239-40.

Existe alguma verdade em tudo isso. Cristo realmente promete a paz, mas não a paz destituída do sofrimento; não paz que esteja isenta do conflito. Ainda hoje, muitos dos seguidores de Cristo são perseguidos e até martirizados. A promessa de Cristo é que ele estaria conosco, não que nossa vida estaria livre de angústia. Ele veio para levar nossas dores e tristezas, mas quando minha necessidade emocional de aceitação é mais importante do que minha necessidade espiritual de justificação, então Deus me deve satisfações. Quando busco mais a gratificação pessoal do que a humilde adoração ao meu Criador, estou me esquecendo de que existo para sua glória e não para a minha própria.

Não é possível reduzir Deus à receita de tranqüilidade emocional à luz das palavras de Jesus:

Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.

Pois eu vim para fazer que “o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família” (Mt 10.34-6).

O Deus do meu sexo

Feministas radicais buscam remodelar Deus de acordo com seus desejos e inclinações. Aqui está o argumento; Deus é representado na Bíblia como homem; os homens oprimem as mulheres; assim, o modelo bíblico é o culpado pela opressão. Uma vez que Deus é masculino e é visto como nosso “Pai”, significa que damos aprovação tácita à dominação masculina. Ou seja, se Deus é masculino, os homens são Deus.

Com o objetivo de erradicar essa imagem, devemos redefinir Deus como feminino, para que tenhamos uma divindade engajada com a causa feminista. É por isso que Rosemary Radford Ruether, talvez a maior autora feminista, defina sua deusa como “a Matriz

Primária, o grande ventre onde são geradas todas as coisas — deuses, homens, céus, terra, seres humanos e não humanos”.[12] Hoje em dia, algumas denominações religiosas usam lecionários, hinários e Bíblias com linguagem “inclusiva” (que elimina todas as referências masculinas a Deus). Quando o título “rei” é aplicado a Deus, a palavra *rainha* é adicionada; Deus Pai é traduzido por “pai e mãe” ou simplesmente “mãe”. Desse modo, as Escrituras são reescritas para servir à causa feminista.

Não podemos deixar de concordar que muitos homens têm abusado das mulheres. Os homens têm feito mau uso de sua autoridade e colocado suas necessidades em primeiro lugar. As mulheres têm sido injustamente discriminadas na igreja e no ambiente de trabalho. Mas será que estamos dando a Deus uma chance para cuidar dessas questões?

É óbvio que o Deus da Bíblia não tem sexo. A sexualidade está confinada à criatura, e não ao Criador. Contudo, quer gostemos, quer não, Deus optou por revelar-se a si mesmo usando a linguagem do gênero masculino. Existem razões para isso. Por um lado, as Escrituras preservam a clara

distinção entre a criação e o Criador. Todas as tentativas de reformular Deus como feminino resultam em idéias pan teístas, tornando-o [a] um com a criação que "ela nutre". Em uma conferência de "ressimbolização", em Minneapolis, alguns anos atrás, os congressistas honraram a deusa Sofia, não a Jesus Cristo, como exemplo de como redefinir Deus "de baixo para cima". Em uma conferência posterior, os congressistas aprenderam que a deusa emergiría quando as mulheres revelassem o "eu" interior. Oravam: "Agora, Sofia, sonhe a visão, compartilhe a sabedoria que habita em de você".[13] Esse é um deus criado *por* mulheres e *para* mulheres.

Em segundo lugar, Deus planejou a liderança masculina do casamento para demonstrar o relacionamento de Cristo com a igreja.

[12]Rosemary Radford RUETHER, ap. Elizabeth ACHTEMEIER, Why God is not mother, *Christianity Today*, 16/8/1993, p. 22.

[13]Parker T. WILLIAMSON, Sophia upstages Jesus at re-imaging revival, *Good News*, Jul./Aug. 1998, p. 34.

O marido deve ser como Cristo para sua esposa, exercendo a liderança servil. Em troca, a esposa deve exercer o papel da igreja, vivendo sob a autoridade do marido. Ao nos dar esse modelo, Deus é representado nas Escrituras como masculino.

Em resumo, a sociedade deve descobrir outras maneiras de lidar com a questão do abuso das mulheres, desde que não seja por meio do reescrever as Escrituras. Como é possível acreditar no "deus do meu sexo" ao lermos a afirmação de Jesus de que Deus criou o homem e a mulher (Mt 19.4) e de que Deus é Pai? "Além disso, o Pai a ninguém julga, mas confiou todo julgamento ao Filho, para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou" (Jo 5.22,23).

Outra versão muito próxima dessa é a teologia do "deus da minha preferência sexual". De acordo com essa visão, Deus aprova minha vida sexual, qualquer que seja. Existe um aumento no número de títulos da "teologia *gay*", na qual pessoas adeptas desse movimento, reinterpretaram as Escrituras para justificar seus relacionamentos homossexuais. Adoram a

Deus, confiantes de que sua preferência sexual não tem a mínima importância para o Senhor. Por exemplo, Paul Sherry, da Igreja Metodista Unida, fez um apelo aos líderes de sua igreja para que dessem total oportunidade de participação a *gays* e lésbicas no ministério da igreja e disse que os que se opusessem a isso deveriam "ler as Escrituras outra vez com novos olhos e ouvir o Espírito Santo com novos ouvidos".[7] A razão para essa reitura é óbvia: interpretar a Bíblia de modo compatível com o estilo de vida homossexual.

Mais uma vez é preciso confessar que os homossexuais têm sido profundamente feridos pela hostilidade da igreja. Foram escolhidos para a condenação, quase como se os outros pecados não importassem. Diante de tantas feridas, alguns interpretam as Escrituras de modo a ver Deus aprovando suas preferências sexuais. Contudo, será que essa seria a melhor maneira de abordar este assunto? Não seria mais útil estudar não apenas a condenação bíblica da homossexualidade, mas também analisar os notáveis ensinamentos sobre a graça, a misericórdia e o poder de Deus?

Como podemos aceitar o "deus da minha preferência sexual" quando vemos Jesus apoiando firmemente a lei do Antigo Testamento? "Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus" (Mt 5.19).

1

Playing possum, letra e música de Carl *y* Simon, ©1980, Universal-PoIyGram International Publishing, Inc., uma divisão da Universal Studios, Inc. (ASCAP). Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

2

Henry SCOUGAL, *The life ofGod in the soulofman,* Harrisonburg: Sprin-kle,1986,

p. 108.

3

The mindonfire, org. James M. Houston, Portland: Multnomah, 1989, p. 109.

4

AGOSTINHO, *Confissões*, São Paulo: Paulus, 1997, p. 76 (Coleção Patristica, v. 10).

5

God's will is prosperity, Fort Worth: KCP, 1978.

6

[8]Donald W. MCCULLOUGH, *The trivialization of God*, p. 40.

7

Ap. Edward PLOWMAN, Read it and weep, *World Magazine*, 5/12/1998, p. 24.

O Deus da minha autojustificação

Por trás desse e de outros conceitos errados está a profunda crença na teologia do "deus da minha autojustificação". Um desses exemplos vem do livro *Conversando com Deus,* no qual o autor, Neale Donald Walsch, supostamente obteve respostas às suas perguntas diretamente do próprio Deus. Na verdade, Walsch afirma que o processo de criação desse livro não foi propriamente a escrita discursiva, mas sim a transcrição de algo que lhe foi ditado.

O que Deus "diz"? Que devemos rejeitar todas as fontes autorizadas, pois a verdade vem até nós por meio dos nossos sentimentos. O Deus de Walsch caçoa da idéia de que ele/ ela/ isso é um ser onipotente que responde algumas orações, mas outras não. Citando o próprio "Deus", o livro diz o seguinte:

O seu desejo é a vontade de Deus para você. Viva sua vida da maneira que quiser, eu não tenho nenhuma prefe-rência em relação à sua escolha. Essa é a grande ilusão à qual você se prende: de que Deus se importa com a maneira pela qual você faz uma coisa ou outra. Eu não me importo com o que você faz e isso é difícil para você aceitar.[15]

De acordo com Walsch, Deus disse que não devemos procurar as fontes autorizadas para nelas encontrar "a verdade sobre Deus".

[15]Trad. Clara Fernandes, Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Em vez disso, Deus diz: "Ouça seus sentimentos. Ouça seus mais elevados pensamentos. Dê ouvidos à sua experiência. Todas as vezes que essas coisas forem diferentes do que você aprendeu com seus professores ou leu em algum livro, esqueça as palavras. As palavras são as piores fontes da verdade". Contudo, Walsch não é claro sobre a maneira pela qual podemos distinguir nossos mais altos pensamentos dos considerados mais baixos. E, uma vez que seu Deus diz reiteradamente que "não existe essa coisa de certo ou errado, bom ou ruim, melhor ou pior", o assunto fica ainda mais complicado. Talvez encontremos a resposta quando Deus diz: "Existe

somente o que lhe serve e o que não lhe serve". Assim, nossos mais altos pensamentos podem ser considerados os que *nos* servem melhor. Uma coisa precisa ficar clara: nós somos a melhor autoridade para nós mesmos.[16]

Mesmo deixando de lado a contradição de que Deus não fala por meio de palavras, mas pelos sentimentos (aparentemente Deus dá ao autor uma revelação por meio de palavras, que se estendem por centenas de páginas!), devemos nos perguntar: Por que esse Deus se agrada tanto em aprovar nosso estilo de vida, nossas crenças e nossos valores? Não é surpresa para ninguém que esse Deus seja exatamente tudo o que queremos que ele/ ela/ isso seja. Esse Deus não dá nenhuma definição de pecado, não faz nenhuma reprovação nem tampouco propõe algum julgamento. Na verdade, não existe certo ou errado! Afinal, no mundo sem o Deus transcendente, a palavra *mal* perde todo o significado. O Deus de Walsch foi totalmente domesticado. Como alguém já disse, criamos vacas para dar leite, carneiros para dar lã e Deus para nos dar completa aceitação e afirmação.

Não é possível aceitar o "Deus da minha autojustificação" à luz da advertência de Isaías: "Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas, do amargo, doce e do doce, amargo! Ai dos que são sábios aos seus próprios olhos e inteligentes em sua própria opinião!" (Is 5.20,21). E ainda podemos acrescentar: Ai dos que se olham no espelho e dizem que viram a Deus!

O Deus da minha experiência de quase morte

Betty Eadie representa o grupo de pessoas que afirma ter descoberto Deus por meio da experiência de quase morte. No livro *Envolver pela luz*, fala de seu encontro com Cristo em uma região difusa entre a vida e a morte. Chega até mesmo a dedicar seu livro a Jesus. Diz ela que, agora, sabe que não haverá julgamento após a morte, mas apenas uma alegre admissão ao Reino — um lugar onde todo mundo é simpático. Ela apela para o desejo de todos que é o de entrar no Paraíso sem que nos seja feita nenhuma pergunta.[1] Ensina também que o mundo não está cheio de tragédia como a maioria de nós pensa, pois, afinal, os homens não são criaturas pecaminosas.

Mas como é possível acreditar no Deus não julgador da experiência de quase morte, quando Jesus disse que todos os mortos ressuscitarão e “os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados” (Jo 5.29)?

Idéias similares às de Eadie são encontradas em outros livros populares como *A profecia celestina* e *A return to love [De volta ao amor*. Estes possuem temas comuns: quando me encontrar com Deus, estarei me encontrando com um ser indefinido, amoroso e que me aceita como sou. Sou co-criador com Deus, participo do divino; o mal é ilusório e todos nós estamos em nosso caminho de transformação evolucionária. O argumento prossegue, dizendo que tais idéias panteístas nos conectam com os mestres do passado e, no final das contas, Deus é tudo o que me ajuda a alcançar meu potencial. Tais livros reduzem a religião à terapia, e o estudo de Deus a algo que, praticamente, representa um estudo de mim mesmo.

Alan Jacobs, professor de inglês no Wheaton College, salienta o fato de que estamos gravitando ao redor de tais crenças porque, por

[16]Ibid., p. 8, 38-9.

natureza, buscamos “o grande endosso de Deus a tudo que desejamos”.[2] Assim, quando clamamos por Deus do meio do abismo, sua revelação mostra-se como sendo o eco da nossa própria voz.

Veja a enigmática descrição de tal idolatria feita por Jeremias: “Como um espantalho numa plantação de pepinos, os ídolos são incapazes de falar, e têm que ser transportados porque não conseguem andar. Não tenham medo deles, pois não podem fazer nem mal nem bem” (Jr 10.5). Nessa passagem, algumas características dos ídolos são evidentes. Primeiramente, devem ser carregados — o ídolo permite que eu me mantenha no centro de minha vida e todas as minhas lealdades estão sob meu controle. Segundo, posso fazer um ídolo e dar-lhe a forma que quiser; seu ídolo pode ser diferente do meu. Ele se tornará tudo o que eu quiser que seja. Posso lhe conferir mistério, magia e um significado tirado da minha mente. Logo, uma vez sendo eu o autor dessa realidade, passo a ser meu deus.

Quando construímos uma idéia de Deus “do homem para o céu” devemos, naturalmente, desconsiderar quaisquer reivindicações pela verdade. Além do mais, o Deus que você construiu pode ser totalmente diferente do meu. Hitler tinha o Deus dele e você tem o seu. Quem segue esses novos tipos de “fé” podem prosseguir triunfantemente, fabricando tantas concepções de Deus quantos são os desejos presentes no mundo todo. Vinte anos atrás, ouvíamos a frase “se você se sente bem, faça”. Hoje, a frase é “se você se sente bem, *acredite nisso”*.

C. S. Lewis disse isso de maneira mais precisa que qualquer outra pessoa: “O Deus panteísta não faz nada e não exige nada. Ele está lá, se você assim desejar, como um livro em uma prateleira. Ele não vai perseguir você”.[3] A Bíblia ensina que Deus criou o homem à sua imagem. Hoje em dia, o homem tenta retribuir esse favor. Não é de espantar que leiamos a seguinte frase com relação aos idólatras: “Aos seus olhos é inútil temer a Deus” (Rm 3.18).

O DEUS OUE BRINCA DE ESCONDE-ESCONDE

Ao falar com Moisés, Deus disse: “Eu Sou o que Sou” (Êx 3.14). Poderiamos até mesmo parafrasean^Eu sou o que sou e não o que você quer que eu seja”|Se deixarmos de tentar construir uma imagem de Deus “de baixo para cima” e aceitarmos sua auto-revelação, encontraremos o Deus que é majestoso e misterioso, santo e misericordioso. Encontraremos quem é capaz de satisfazer nossa “sede profunda” e não recearemos declarar que encontramos a verdade.

Um estudo sério do Deus bíblico é anticultural, um enorme contraste a todas opções de um restaurante por quilo espiritual moderno. Ser totalmente bíblico é ser controverso, é desafiar os mitos culturais que desenvolvemos com o passar das gerações. Também é deparar-se com o Deus que não nos abandonará quando nos encontrar.

Independentemente do quanto já tenhamos estudado as Escrituras, nosso conhecimento de Deus é sempre parcial — não falso, *mas parcial.* Quanto mais estudo a Bíblia e leio o que outros escreveram sobre ela, mais me convenço de que existem muito mais coisas desconhecidas sobre Deus do que as que já conhecemos.

Pare um pouco e medite sobre isso: se a presença dele enche o universo, será que o conhecimento dele também está espalhado por todo o universo? Todos os pensamentos *da* mente dele estão sempre *na* mente dele? Uma vez que ele fica tanto irado quanto feliz com o que está acontecendo no universo, como pode "lidar" com essas emoções distintas? Será que os sentimentos dele invadem o universo simultaneamente? Você pode acrescentar suas perguntas a esta lista. Nosso desafio é "pensar os pensamentos de Deus".

Fomos criados à imagem de Deus, mas não somos sua imagem *exata*. "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido" (ICo 13.12). Temos apenas um vislumbre do "amplamente desconhecido" .jjohn Wesley estava certo ao dizer: "Traga-me um verme que possa entender um homem e eu lhes mostrarei um homem que possa entender o Deus trino".|

Zofar, falando a Jó durante seu sofrimento, disse:

Você consegue perscrutar os mistérios de Deus?

Pode sondar os limites do Todo-poderoso?

São mais altos que os céus!

O que você poderá fazer?

São mais profundos que as profundezas!

O que você poderá saber?

Seu comprimento é maior que a terra

e a sua largura é maior que o mar (Jó 11.7-9).

Penetrar nos mistérios de Deus é a busca mais recompensadora desta vida.

O Deus que se esconde

Isaias escreveu: Verdadeiramente tu és um Deus que se esconde, ó Deus e Salvador de Israel" (Is 45.15). Lutero tinha razão ao dizer que mesmo quando Deus se revela, ele ainda se esconde. Mas felizmente ele também é um Deus que está perto.

Pois assim diz o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo:

"Habito num lugar alto e santo,

mas habito também com o contrito

e humilde de espírito,

para dar novo ânimo

ao espírito do humilde e novo alento

ao coração do contrito (Is 57.15).

registrou a pergunta de Deus: "Sou eu apenas um Deus de perto [...] e não também um Deus de longe? Poderá alguém esconder-se sem que eu o veja? [...] Não sou eu aquele que enche os céus e a terra?" (Jr 23.23,24). O ídolo está próximo e só preenche o espaço que ocupa; somente Deus está perto e, ainda assim, enche os céus.

É difícil para nós entendermos a transcendência de Deus. Pense nisto: a luz viaja a 300 mil quilômetros por segundo. Como o Sol está a cerca de 150 milhões de quilômetros da Terra, sua luz leva por volta de 8 minutos para chegar ao nosso planeta. Contudo, em comparação, a luz da estrela Betelgeuse, da constelação de Orion, leva 520 anos para chegar até nós![20]

Faça uma retrospectiva e reflita sobre a época em que Martinho Lutero pregou as *Noventa e cinco teses* na porta do castelo de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517. A luz que deixou a constelação de Orion naquele dia ainda não chegou até nos, apesar de estar a caminho, viajando a 300 mil quilômetros por segundo! Observe que o diâmetro de Orion é duas vezes maior que a órbita da Terra ao redor do Sol. Na verdade, seu diâmetro é estimado em *cerca de* 640 milhões de quilômetros (e está em fluxo

constante). Apesar de toda essa grandeza, essa é apenas uma constelação entre milhões de outras. Acredita-se que o universo tenha 10 bilhões de anos-luz de diâmetro![21] “Quantas são as tuas obras, SENHOR! Fizeste todas elas com sabedoria! A terra está cheia de seres que criaste.” (SI 104.24)

Deus não é apenas o Criador onipotente, mas sua essência é a santidade, ou seja, a pureza e a separação. Deus está totalmente acima de nós. Temos flashes de revelação, mas, no final, simplesmente não conseguimos entender o que Isaías viu quando teve um vislumbre de Deus (Is 6.1). A umidade é inerente à água, a luz é inerente ao sol e a santidade é inerente a Deus. Por mais que tentemos imaginar como Deus é, sempre ficaremos aquém do real.

Nessa passagem, Isaías descreve a transcendência de Deus (sua grandeza nos céus) e sua imanência (sua proximidade de nós). Outro profeta

[20]David CRYSTAL, org., *The Cambridge factfinder,* England: Cambridge, 1997, p. 3. [lx]*The encyclopedia americana,* ed. intern., p. 582.

O mundo pagão sempre sentiu-se assombrado pela incapacidade do conhecimento a Deus. Platão disse que se Deus pudesse ser encontrado, seria impossível expressá-lo de forma compreensível. Aristóteles falou de Deus como a causa suprema sobre a qual todos os homens sonham, mas que nenhum pode conhecer. Os filósofos estavam certos com relação a isso: sem uma revelação, Deus é realmente incompreensível. Mas, felizmente, por causa de sua iniciativa, podemos ir além da especulação, chegando ao conhecimento pessoal. Pois isso Deus falou e sabemos que ele não gaguejou.

O Deus que busca

Esse Deus que se esconde também vem ao lugar onde estamos. "... habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito” (Is 57.15). De fato, as Escrituras retratam Deus como alguém que está em uma missão de resgate. “Pois os olhos do SENHOR estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração” (2Cr 16.9). Ele busca os que o desejam; habita com quem tem o coração contrito: “A este

eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra" (Is 66.2).

Estar contrito significa estar quebrantado em espírito por um senso de culpa ou um senso de tristeza pelos pecados. Nosso conhecimento de Deus leva necessariamente ao esmagador sentimento da própria pecaminosidade. Calvino escreveu: "Sem o conhecimento de Deus não existe conhecimento de si mesmo [...] É certo que o homem nunca pode alcançar o claro conhecimento de si mesmo a não ser que primeiramente olhe para a face de Deus e, depois disso, faça o exame minucioso de si mesmo".[22]

Quando crianças, recebemos nosso senso de valor próprio de nossos pais, que podem nos amar ou nos rejeitar. Avaliamos nosso valor a partir deles e das pessoas que nos cercam. Conforme desen-

"João Calvino, *Institutos da religião cristã,* trad. Waldyr Carvalho Luz, São Paulo: Cultura Crista, 1989.

volvemos um senso de consciência com relação a Deus, revisamos o conceito que temos de nós em relação ao Criador. Infelizmente, a teologia da Nova Era não nos dá nenhum ponto de referência, pois não nos oferece nenhuma base sobre a qual possamos adequadamente entender ou julgar a nós mesmos. E por isso que livros como *One day my soul just opened up [Um dia minha alma simplesmente se abriu]* de Iyanla Vanzant pode fazer um retrato tão otimista da humanidade. A espiritualidade moderna vai a grandes extremos para mostrar que somos totalmente perfeitos e belos. Contanto que use minha alma para julgar a si mesma, o resultado que obterei é que tudo está bem.

Recentemente durante um vôo sentei-me ao lado de uma mulher que levava a espiritualidade moderna bastante a sério. Insistiu que o pecado e o mal não existiam. Até mesmo Hitler não era totalmente mau. Ele só cometera alguns erros e fizera algumas "escolhas insensatas", mas não cometeu nenhum pecado, nenhum crime, nenhum mal. Não é de surpreender que essa mulher não sinta nenhuma necessidade de se aproximar do Deus redentor. Seu deus não era mais justo do que ela própria. Não pude deixar de pensar, contudo, que, se estivesse na condição de vítima de um crime violento, ela poderia rever suas crenças da não existência do mal e, algum

dia, acredito eu, ela reveria sua opinião sobre a própria bondade. Porém, naquele dia, ela estava como a fábrica que acertava sua sirene pelo relógio da igreja. Mais tarde, descobriu-se que a igreja acertava seu relógio pela sirene da fábrica!

O que saiu errado com o nosso mundo? Juntamente com a perda do Deus bíblico veio a perda do pecado. Com a perda do pecado veio a perda do padrão de comportamento. Com essa perda, veio a ruptura da sociedade. Alguns anos atrás havia um editorial no jornal *New York Times* que refletia sobre a confusão moral do mundo:

O pecado não é uma coisa sobre a qual muitas pessoas, incluindo a maioria das igrejas, tem passado muito tempo ponderando ou se preocupando, com o passar dos anos da revolução [cultural e

social]. Mas devemos falar uma coisa a favor do pecado: ele pelo menos oferece um quadro de referência para o comportamento pessoal. Quando esse quadro foi desmantelado, não foi apenas a culpa que foi perdida. Perdemos também a linha mestra da responsabilidade pessoal [...] Cada um abandonado à própria sorte.

Parece-nos agora que algumas pessoas que naufragaram poderíam ter usado um mapa.[4]

Você deve se lembrar que Jó teve dificuldades de lidar com a razão pela qual Deus lhe tirara os filhos e a saúde, ainda que não tivesse cometido nenhum erro discernível. Queria que Deus lhe falasse pessoalmente e, perto do fim de seu monólogo, seu desejo foi satisfeito. O Todo-Poderoso lhe falou de dentro de um redemoinho. Naqueles momentos de revelação espetacular, Jó esque-ceu-se de seus argumentos e exclamou: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram. Por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.5,6).

Jó finalmente entendeu quem ele era e quem Deus era. Ele teve uma “crise de identidade” que trouxe cura para seu coração ferido. Quando começamos

a entender quem Deus é, aprendemos que sua intromissão em nossa vida não pode ser ignorada. Sua presença revela nossas almas decadentes do modo como são, mas nele também podemos encontrar perdão e misericórdia. A majestade de Deus não deveria nos desencorajar, mas sim incentivar-nos a nos aproximar em contrição e humildade. Somente o Deus que nos julga pode nos salvar. *Os ídolos não nos julgam, mas também não podem nos redimir.*

Se formos desconcertados pela santidade de Deus, provavelmente também o seremos por sua graça. Relatórios dizem que antes de ser executado pelo assassinato de 23 mulheres, Ted Bundy aceitou a Cristo como seu Salvador.. Se realmente aceitou (quem pode saber com certeza?), ele estará no céu. Se Bundy tivesse matado uma das minhas filhas, eu gostaria que queimasse no inferno. Mas Deus pensa de modo diferente de nós, pois diz que posso até mesmo aceitar uma pessoa como Ted Bundy, se ele se arrepender e aceitar o sacrifício de Cristo. Isso é graça.

COMEÇANDO NOSSA JORNADA

Devemos embarcar em nossa jornada para conhecer o Deus verdadeiro munidos das seguintes promessas: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hb 11.6). “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês!” (Tg 4.8).

Com humildade percebemos que somente o que Deus revelou é importante para nós. Não temos que conhecer todas as suas razões e opiniões. Não sei por que às vezes Deus não liberta seu povo, quando clama por ele. Fico perturbado com a doutrina do inferno eterno. Não conheço todas as razões pelas quais Deus optou por este mundo, por este plano, embora outras opções certamente estivessem ao seu alcance. O retrato de Deus que vemos nas Escrituras nem sempre se encaixa perfeitamente em nossas predisposições. Sendo que é inútil “começar com o homem e elevar a razão”, o caminho mais inteligente a seguir é começar com Deus e aceitar sua revelação a nós.

No século xiv um cristão desconhecido escreveu um livro intitulado *The cloud of unknowing [A nuvem do desconhecimento*]. Esse autor, ao

contrário dos outros, enfatiza o que não conhecemos sobre Deus, em vez de enfatizar o que conhecemos. A essência de sua reflexão é que, nesta vida, sempre haverá uma "nuvem de desconhecimento" entre nós e Deus e que isso não deve nos desalentar mas, pelo contrário, fortalecer-nos em nossa busca por Deus. Sim, realmente vemos através de um vidro translúcido, mas, graças a Deus, pelo menos vemos em parte. O autor escreveu:

Não hesite, mas lute até experimentar o desejo. Pois, quando você começar a tentar, tudo o que encontrará será a escuridão, um tipo de nuvem do desconhecimento. Você não pode dizer o que é, a não ser que experimente em sua vontade o desejo de alcançar a Deus. Essa escuridão e essa nuvem estão sempre entre você e seu Deus, independentemente do que faça, e impedem que você veja claramente à luz do entendimento de sua razão e que experimente a doçura do amor dele em sua afeição. Portanto, se esforce para resistir a essa escuridão o quanto puder, sempre clamando por aquele a quem você ama. Pois se você quiser experimentá-lo ou vê-lo completamente, tanto quanto for possível aqui, isso sempre acontecerá através dessa nuvem e nessa escuridão. Portanto, se você se esforçar e dedicar toda sua atenção, como o convido agora, tenho certeza que por meio da misericórdia divina alcançará seu objetivo.[5]

Como podemos começar essa jornada? Esquecendo tudo o mais, separando-nos das outras criaturas e nos entregando completamente a Deus. [O autor enfatiza que podemos conhecer a Deus por meio da contemplação e do desejo manifesto do nosso coração de fixar os pensamentos em DeusJ

Conforme o autor, devemos ter um amor por Deus que nos leve a buscá-lo "em meio à escuridão da incompreensibilidade, deixando para trás outros desejos e atrações".[6] Deus e somente Deus pode satisfazer plenamente a fome e o anseio do nosso espírito. Se o buscarmos, Deus nos proporcionará uma experiência com ele. Por trás da nuvem do desconhecimento está a *presença divina.*

Um homem me contou sobre seu amigo, um professor de seminário que, finalmente, experimentara o que ensinara por tantos anos. Quando compartilhou com seus colegas sobre sua crescente intimidade com Deus, eles pareciam distraídos e entediados. O que dizia não era novo para eles,

pois haviam aprendido tudo aquilo no seminário. Enquanto esse “amante de Deus” analisava a reação de seus colegas, foi como se o próprio Todo-Poderoso dissesse a ele: “Só as pessoas que me vêem à distância acham que sabem tudo sobre mim”. E verdade, quanto mais perto chegamos de Deus, mais nos surpreendemos com nossa ignorância.

Existe uma história sobre um fazendeiro que convidou várias vezes seu amigo para visitar seu pomar de maçãs, para provar as frutas e tomar um suco fresco.

— Para dizer a verdade — disse o amigo — provei algumas de suas maçãs e elas estão azedas.

— Quais maçãs? — perguntou o fazendeiro.

—Aquelas que caíram no caminho, do lado de fora da sua cerca — respondeu o vizinho.

— Ah, é mesmo — disse o fazendeiro. — estão azedas. Plantei esse tipo de maçã para enganar os meninos que vivem rondando a plantação. Mas se você for para o meio da plantação, perceberá que as maçãs têm um sabor diferente.

Nos arredores do cristianismo existem algumas maçãs azedas — a convicção do pecado, a auto-negação, a pureza — que mantêm os hipócritas e os puramente religiosos à distância. Porém, no meio do pomar, há frutos deliciosos. Quanto mais perto de Deus estivermos, mais doce será a alegria. Nossa profunda sede de Deus pode ser satisfeita.

John Piper, em seu excelente livro *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus,* escreve: “Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos com ele”.[26] C. S. Lewis descreveu Deus como “o objeto da plena satisfação”. Bernardo de Claraval bebeu dessa fonte que satisfez a sede de sua alma e escreveu:

Jesus, tu és a alegria de ternos corações,

Tu és a fonte de vida, a luz dos homens.

Mesmo diante das grandes bênçãos que temos aqui Voltamos a ti vazios outra vez.

Buscar a Deus sempre nos traz a maior satisfação.

[26]Trad. Hans Udo Fuchs, São Paulo: Shedd Publicações, 2001, p. 37.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Temos de nos dedicar à meditação da auto-revelação divina dada em sua Palavra. Aprendemos que Deus está escondido e distante, mas também próximo e desejoso de satisfazer as mais profundas necessidades da alma humana. Se ele se coloca longe de nós por causa de sua santidade, também o faz por causa de sua misericórdia.

Freqüentemente medito no salmo 42 e, agora, encorajo você a lê-lo como um convite de Deus para buscar "o SENHOR enquanto é possível achá-lo" (Is 55.6). Transcrevo aqui apenas alguns versículos desse salmo, pois espero que você leia o têxto completo em sua Bíblia.

Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus.

A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo.

Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus? [...]

Por que você está assim tão triste, ó minha alma?

Por que está assim tão perturbada dentro de mim?

Ponha a sua esperança em Deus!

Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus (SI 42.1,2,5).

Um desafio é colocado diante de nós. Queremos conhecer a Deus, mas como podemos nos aproximar dele? O que trazemos conosco para que possamos ser aceitos? Vamos continuar nossa jornada.

SEGUNDA MENTIRA

1

5. ed., trad. Terezinha Batista dos Santos, Rio de Janeiro: Record, 1997.

2

The God of the bestseller, *The Weekly Standard, 6* Dec. 1999, p. 32.

3

15'*Milagres*, São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

4

Ap. McCullough, *The trivialization ofGod*, p. 90.

5

James Walsh, org. New York: Paulist Press, 1981, p. 121.

6

Ibid.

Muitos caminhos levam a Deus

Todas as vezes que me sento ao lado de alguém durante um vôo, a conversa quase sempre começa pela condição do tempo, passa pela religião e chega a Cristo. Há alguns anos, minha esposa e eu estávamos viajando juntos, quando notei que uma mulher na outra fileira de bancos estava usando uma cruz. Na esperança de começar uma conversa, eu disse:

— Obrigado por usar essa cruz. Nós realmente temos um Salvador maravilhoso, não é?

Ela revirou os olhos e disse:

— Bem, não enxergo a cruz como você. Dê uma olhada nisso. Mostrou-me que debaixo da cruz havia uma estrela de Davi e, embaixo desta, uma pequena jóia que representava o deus hindu Om.

— Sou assistente social — ela disse. — Descobri que as pessoas encontram a Deus de várias maneiras. O cristianismo nada mais é que um dos caminhos que levam ao divino.

Contou-me que preferia a espiritualidade à religião, a busca por experiências às crenças específicas. Acreditava em um Deus panteísta, uma força que não precisava ser temida.

Conversas como essas reforçam minha crença de que a espiritualidade está florescendo, e junto com ela, a crença de que existem muitas maneiras de se chegar a Deus. Os credos saíram de moda e os sentimentos estão em alta. Escrevendo para a revista *Time*, o roteirista de cinema e produtor de Hollywood, Marty Kaplan disse:

“O que me levou à meditação foi sua aparente neutralidade religiosa. Você não precisa acreditar em nada; só precisa meditar. Eu estava preocupado com a condição de uma fé — que eu só podería fingir — para poder colher seus benefícios, mas fiquei muito feliz ao descobrir que noventa por cento

da meditação refere-se simplesmente à própria prática, ou seja, comparecer às sessões".[1]

As pessoas dizem que para sermos verdadeiramente espirituais, a Crença não apenas é desnecessária, mas é até mesmo indesejável. Alguém já disse que "as pessoas estão muito ocupadas, procurando inventar maneiras pouco ortodoxas para chegar aonde estão indo".

O cristianismo está sendo de tal forma redefinido que está cada vez mais difícil distingui-lo do budismo ou de outras idéias religiosas orientais. Hoje podemos ser espirituais sem Deus, sem "crenças". E, com essa guinada para o panteísmo, também cresceu a intolerância para com o cristianismo histórico. No portão de entrada de uma universidade estadual americana pode-se ler a seguinte placa: "Tudo bem para você, se achar que está certo. Tudo mal para você, se achar que alguém está errado". Na última década, o pecado foi definido como algo inexistente, mas se ainda existe algum pecado, este é pensar que uma outra pessoa está errada. Dizem que a verdade não é algo para ser descoberto, mas para ser construído, manufaturado tanto individualmente quanto por consenso. O sentimento de uma pessoa é mais importante, digamos, que as palavras de Jesus.

Nossa cultura pluralista rejeita abertamente a afirmação de que só se pode chegar a Deus através de um único caminho. Basta que os batistas do sul dos Estados Unidos peçam aos membros de suas igrejas para orar por seus amigos judeus, para que reconheçam a Cristo como o Messias, que prontamente surge uma tempestade de protestos. A unificação de todas as religiões parece um objetivo tão digno de ser alcançado que os que se opõem são vistos como arrogantes, fanáticos e, obviamente, intolerantes.

Quando eu estava na universidade, a elite intelectual considerava a crença em Deus uma coisa antiquada. Alunos e professores, de modo condescendente, referiam-se a essa crença como uma relíquia do tempos mais simples e menos sofisticados. Contudo, o secularismo reinante daquela época deixou um vácuo na alma humana e, assim, nosso pêndulo cultural oscilou de volta à espiritualidade, embora esta baseie-se hoje na Nova Era.

Se o secularismo baniu Deus dos céus, a espiritualidade encontrou Deus entre nós. Na verdade, de acordo com a atual linha de pensamento, Deus está em tudo o que nos cerca. O Criador não é mais sagrado, mas a criatura é. Ouvimos que o nosso eu é sagrado, que a terra é sagrada, que os animais são sagrados e assim por diante. Em seu livro *O seu eu sagrado,* o dr. Wayne W Dyer descreve que deseja nos apresentar "essa brilhante luz celestial para que possamos conhecer as maravilhas de ter o nosso eu sagrado triunfando sobre as exigências do ego que, mais do que qualquer outra coisa, quer detê-lo".[1] Tal pensamento atribui à criatura a glória que deveria ser reservada a Deus, como Paulo escreveu: "Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis" (Rm 1.22,23).

A espiritualidade contemporânea define Deus como o empregador que dá oportunidades iguais a todos, a fonte universal de energia, que está à espera para ser tocada por todos nós. O que acreditamos não é importante: o desafio é entendermos a nós mesmos à luz desse poder mais elevado que já está em nós. Se precisarmos de perdão, só é preciso concedê-lo a nós mesmos, pois quebramos os mandamentos de um Deus que não é pessoal. Não existe o Deus que se ofende, portanto, não existe o Deus a quem precisamos pedir perdão. *A moda éa auto-salvaçãopor meio do autoconhecimento.*

Imagine sentir-se culpado e, ainda assim, envolver-se com uma religião que ensina que o bem e o mal não existem! Glenn Tinder, veterano da Segunda Guerra Mundial, relata como sua consciência foi profundamente abalada quando atirou em dois soldados japoneses

'Ambushed by spirituality, *Time,* 24/6/1996, p. 62.

durante a guerra. Estava equivocado, achando que estivessem armados. Aquele ato assombrou-o por muito tempo. Porém, ele fora criado nos pressupostos da Ciência Crista, que tem muitas semelhanças com o movimento Nova Era. Para eles, o mal não existe, a doença é uma ilusão e o perdão divino é desnecessário. Antes de sua experiência na guerra, Tinder achava que Deus era "meramente quem havia criado um bom universo e que, depois, convenientemente, desapareceu, deixando a raça humana para

que conhecesse’ a verdade sobre este universo e que o usufruísse”. Contudo, à medida que pensava nos homens que havia matado, a palavra *assassinato* en-raizou-se em sua mente. Sabia que havia cometido uma transgressão. “Agora, de forma inesperada, o Deus irado — ou pelo menos a lei divina implacável, ameaçadora e ofensiva — caía sobre mim. A Ciência Cristã não me deu nenhum tipo de ajuda: *ao negar o mal, não tinha nada a dizer sobre o perdão*”.[2] Por várias décadas, Tinder buscou a verdade e terminou abraçando a Cristo, que perdoou seu pecado e limpou sua consciência.

Os especialistas em aconselhamento confirmam que simplesmente dizer a nós mesmos que está tudo bem e que não precisamos do perdão de Deus, não vai calar nossos sufocantes sentimentos de culpa. Na medicina, pesquisadores há muito perceberam que as pessoas usam muita energia psíquica para neutralizar a consciência atormentada e a mente doentia, resultado da inegável suspeita de que nem tudo está bem dentro de nós.

O filósofo alemão Nietzsche enfrentou a implicação da descrença no Deus transcendente. Na verdade, afirmou que Deus estava morto, pois fora assassinado pela mão dos homens. Portanto, questionava:

Como é que nós, assassinos dos assassinos, poderemos consolar-nos? Aquele que era mais santo e poderoso de tudo que o mundo já teve, sangrou até a morte sob o ataque de nossas facas. Quem nos limpará deste sangue? Que água haverá que nos limpe? Que festivais de expiaçao, que jogos sagrados teremos de inventar? Não será demais para nós a grandeza deste efeito? Nao será preciso que nos tornemos deuses simplesmente para parecermos dignos dele?[4]

Em um contexto moderno, essa declaração seria expressa do seguinte modo: “Nós redefinimos Deus, roubamos sua transcendência, sua pessoalidade e agora não existe mais ninguém para dizer que estamos perdoados!”. Contudo, é de perdão que precisamos. Em seu livro *Maravilhosa praça*, Philip Yancey nos conta a história de uma prostituta que não tinha onde morar, estava doente e sem dinheiro. Aos soluços e em lágrimas, confessou que entregava sua filha de dois anos de idade para homens sexualmente pervertidos! Declarou que

precisava fazer isso para sustentar o próprio vício, as drogas. Quando lhe perguntaram por que não fora a uma igreja para procurar ajuda, respondeu: “Por que eu iria a uma igreja? Eu já me sinto terrível o suficiente. Eles vão fazer que eu me sinta ainda pior”.[5]

Será que é justo dizer que a igreja faria com que ela se “sentisse pior”? Talvez, durante algum tempo, mas só assim poderia se sentir muito melhor. Jesus diria que existe mais esperança para essa mulher do que para os que acham que não têm motivos para “sentirem-se pior”. Os deuses da cultura *pop* têm pouco a dizer a essa pobre mulher, exceto que, talvez, devesse analisar melhor suas ações e tentar agir de outra maneira da próxima vez. Felizmente, o Deus das Escrituras faz mais do que isso: oferece o perdão, consciência tranqüila e o seu Espírito para habitar em nós. Essa é uma mulher que precisa mais do que apenas ouvir que seu eu interior é sagrado. Precisa mais do que um deus que “afirmará quem ela é”. Ela necessita que o Deus transcendente diga: “Você está perdoada”.

Nos parágrafos a seguir vamos falar sobre a severidade de Deus, sua santidade sem concessões, e até mesmo sobre sua ira. Mas depois falaremos da graça de Deus, da aceitação do vil pecador, que não o merece. A palavra *santidade* nos desperta para a consciência do pecado, mas Deus não nos deixa sozinhos nesse ponto.

[4]Ap. Ravi ZACHARIAS, *Pode o homem viver sem Deus?*, trad. Odayr Olivetti, São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 43.

[5]4. ed., trad. Yolanda M. Krievin, São Paulo: Vida, 2001, p. 9.

Ele nos levanta, nos limpa e nos dá o dom da justiça de que realmente precisamos. No final de tudo, vamos nos “sentir melhor” — *muito* melhor!

APROXIMANDO-SE DE DEUS

A Bíblia nos dá duas advertências. Primeiramente, adverte-nos contra a ação de refazermos Deus de acordo com nosso agrado. “Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.3), é o primeiro mandamento. As palavras estavam claramente esculpidas nas tábuas de pedra de Moisés quando os

israelitas violaram esse mandamento, fazendo um deus, um bezerro de ouro. Conforme aprendemos no capítulo anterior, hoje em dia cometemos o pecado da idolatria ao criarmos deuses em nosso coração.

Porém — e isso é muito importante — não é suficiente abster-mo-nos dos ídolos que colocamos diante do verdadeiro Deus: precisamos nos aproximar dele da maneira correta. Até mesmo nas igrejas evangélicas ouvimos, muitas vezes, que não importa a maneira como nos achegamos a Deus, desde que o façamos. Mas algumas personagens bíblicas aprenderam essa lição de outra forma.

Caim e Abel discordaram sobre a maneira de adorar a Deus. Abel trouxe o sacrifício dos primogênitos de seu rebanho; Caim foi mais criativo, achando que poderia chegar a Deus da maneira determinada por ele mesmo. Mas Deus não se importou com o custo que a oferta teve para Caim. Por não trazer a oferta correta foi rejeitado (Gn 4.5). O Novo Testamento fala dos que "seguiram o caminho de Caim" (Jd 1.11), ou seja, os que pensam que podem tornar-se dignos para comparecer à presença de Deus. Mas Caim aprendeu que os proce^jmentc^ são importantes.

Nadabe e Abiú, sobrinhos de Arão e deMoisés, eram consagrados a Deus — os seminaristaT3aque!étem po — e estavam em treinamento para assumir um "ministério de tempo integral". Certo dia, ofereceram ao Senhor "fogo profano" e Deus respondeu à altura: "Então saiu fogo da presença do SENHOR e os consumiu. Morreram perante o SENHOR" (LV 10.2).

Somos tentados a culpar a Deus por sua reação exagerada, pois esses jovens rapazes mereciam outra chance. Além do mais, eram os filhos de Arão, o sumo sacerdote. Claro que esperaríamos uma certa dose de tolerância nesse episódio. Contudo, logo ali, no altar de Deus, Nadabe e Abiú experimentaram o juízo imediato — sem julgamento e sem segunda chance.

Por que Deus fez isso? O próprio Deus explicou: "Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei" (Lv 10.3). Moisés pediu a dois homens que retirassem os corpos dos jovens e os levassem para ser enterrados. A narrativa nos diz que ainda estavam com suas túnicas. Moisés advertiu a Arão que seria melhor não criar caso

sobre aquele incidente ou também morreria e que não deveria sair da Tenda do Encontro até que a calma fosse restabelecida.

Nem todas as coisas são sagradas, mas Deus é. O eu pessoal é importante, mas não é sagrado. A terra é importante, mas não é sagrada. O equívoco daqueles homens não foi o de se dirigir ao Deus errado, mas o de se aproximar do Deus certo da maneira errada. Achavam que podiam deixar o manual de instruções de lado, porém aprenderam da pior maneira possível que não dá certo fazer as coisas de qualquer jeito.

Se não nos aproximarmos de Deus da maneira correta, não há muitas coisas mais que possam ser importantes. É possível que não sejamos atingidos nesta vida (no próximo capítulo apresentarei a lista das razões para que isso não aconteça), mas, no final, experimentaremos o julgamento eterno. Pense na surpresa dos que esperavam ir para o céu, mas encontram-se do lado de fora dos portões celestiais!

Portanto, de que maneira devemos nos aproximar de Deus? A boa notícia é que o importante não é a gravidade do nosso pecado, mas em vez disso, o valor da aproximação prescrita por Deus. Somos convidados a ir ao “Santo dos Santos”, mas não podemos ir sozinhos. Lembre-se que Deus não escolheu os atributos que possui. Sua santidade, sua justiça e seu poder são determinantes e Deus deve ser verdadeiro para consigo mesmo. Não ousamos incorrer no erro de enfatizar a compaixão de Deus e excluir sua justiça e sua

santidade. Tampouco enfatizamos sua justiça e sua santidade sem equilibrar esses atributos com seu amor e sua misericórdia. A onipotência de Deus sem a misericórdia é algo apavorante; a santidade de Deus sem a graça leva ao desespero.

Não se preocupe comigo, eu estou bem”, disse um homem durante um vôo. Já lhe explicara que precisava de um mediador entre ele e o Todo-Poderoso e que, se não fosse por meio do sacrifício correto, Deus o rejeitaria. Contudo, achava que estava muito bem porque adorava seu ídolo mental, um deus que lhe assegurava que tudo estava na mais perfeita harmonia. Podia apresentar-se com segurança diante do deus fabricado por ele. Jamais tendo sido confrontado pela santidade do Deus verdadeiro, ele e todos

os outros pós-modernistas perderam a capacidade de abominar seu próprio pecado.

Por Deus ser santo, o pecado é uma afronta pessoal à sua beleza, à sua santidade e ao seu caráter. Se achamos que podemos nos aproximar dele diretamente, é porque não compreendemos nem a ele, nem a nós mesmos. Agostinho tinha razão quando disse que “quem entende a santidade de Deus desespera-se na tentativa de satisfazê-la”. Donald McCullough faz um comentário similar: “Uma pessoa pode colocar-se diante dos outros deuses com confiança, sem sentir-se ameaçada. Esses deuses não vão arredar o pé. Não vão sair dos lugares determinados pelo ego humano, que tenta, desesperadamente, manter o controle. Mas o Deus revelado em Jesus Cristo é santo e o Deus santo não pode ser contido ou domado. Esse tipo de Deus é completamente diferent” .[6]

SEGUINDO O PROTOCOLO

Ouvi dizer que antes de ter uma audiência com um rei ou com uma rainha, os visitantes recebem instruções antecipadas sobre como devem se portar. Seria realmente estranho se pudéssemos nos aproximar de Deus diretamente, sem pensarmos nem mesmo por um instante no infinito abismo que existe entre nós e sua santidade. Quanto mais distinto Deus for de nós, mais atenção devemos dar à maneira de nos aproximarmos dele.

Deus descreveu meticulosamente a maneira correta de entrarmos em sua presença. Vamos revisar um pouco as informações do Antigo Testamento. Naqueles tempos, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos uma vez por ano — no Dia da Expiaçao. Você deve lembrar-se que o Santo dos Santos é uma pequena sala onde Deus se fazia presente. É verdade que Deus existe em todos os lugares, mas aquele era o lugar que escolheu para revelar sua glória sobre a terra. Quando o sacerdote se preparava para entrar naquele lugar santo, de acordo com o historiador Flávio Josefo, uma corda era atada ao seu tornozelo. Assim, caso nao seguisse os procedimentos e Deus o atingisse, os outros sacerdotes poderiam puxá-lo sem que precisassem entrar naquela sala. Sim, é preciso seguir as normas.

Tive o privilégio de liderar excursões aos lugares da Reforma. Em pelo menos quatro situações coloquei-me atrás da mesa onde Martinho Lutero

celebrou sua primeira missa, em Erfurt. Sempre menciono que, enquanto caminhava para lá, ele parou por um instante. Gotas de suor brotavam em sua testa. Ficou paralisado quando começou a dizer as palavras “oferecemos a ti, o vivo, verdadeiro e eterno Deus...”. Mais tarde, explicou:

Ao dizer estas palavras, fiquei totalmente estupefato e aterrorizado. Pensava comigo mesmo: “de que maneira devo me dirigir a tal majestade, sabendo que todos os homens tremem até mesmo na presença de um príncipe terreno? Quem sou eu para que possa levantar os olhos ou minhas mãos na direção da majestade divina? Os anjos o cercam. Diante do seu aceno de cabeça, a terra treme. Deveria eu, um ser tão miserável e insignificante, dizer coisas como ‘quero isso, peço por aquilo’? Pois sou pó e cinza, cheio de pecado, falando ao Deus vivo, eterno e verdadeiro”.[3]

[6]*The trivialization of God*, p. 86.

Tais palavras soam estranhas ao ouvido moderno. Ouvimos pessoas brincar com o nome de Deus como se não houvesse nada a temer, nenhuma razão para se sentirem indignas. A audácia somente prova que os que são verdadeiramente cegos não podem apreciar a luz. Os que estão mortos não sentem o peso do pecado que reside em suas almas. Quando Moisés quis ver a glória de Deus, as palavras foram: “Ninguém poderá ver-me e continuar vivo”. Hoje em dia o homem moderno, cheio de confiança em si, entra na presença de Deus sem a mínima preocupação de que isso pode não ser uma boa idéia.

Por que precisamos seguir as regras? Primeiramente porque a distância moral entre nós e Deus é infinita. No que se refere à questão da pureza, Deus e o homem não têm nada em comum. Os serafins clamavam: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória” (Is 6.3). A santidade é o atributo mais característico de Deus. Já aprendemos que tudo o que está relacionado a ele é santo: seu amor é santo; sua ira é santa; sua justiça é santa.

Portanto, existe uma separação entre nós e a majestade e a grandeza de Deus. Seus propósitos estão muito acima dos nossos. Suas intenções são ocultas, a não ser que ele as revele a nós. Nossa primeira pergunta não é se

ele concorda conosco, mas se chegamos a ele de acordo com sua vontade. Quem deve ser agradado é ele, não nós.

Assim, como podemos nos aproximar dele? Segundo o sólido ensino da Bíblia, não podemos nos aproximar dele, se ele primeiramente não se chegar a nós. O Antigo Testamento prescreveu um ritual por meio do qual o homem deveria se aproximar de Deus.^O propósito do ritual foi ensinar ao povo a santidade de Deus e a necessidade de se aproximar dele conforme sua vontadeJNo Novo Testamento vemos a chegada do Mediador.

UM MEDIADOR ACEITÁVEL

Toda entrada na presença de Deus é mediada, ou seja, precisamos de alguém que possa representar nossos interesses assim como os da parte ofendida que, nesse caso, é Deus. De modo similar, é praticamente

impossível para o cidadão comum, sem nenhuma apresentação, ser ouvido pelo presidente do seu país. A pessoa precisa de alguém que conheça o presidente, alguém com “influência”, que possa estabelecer o contato. Deus, naturalmente, é o presidente do universo e nós ofendemos sua justiça.

Nos tempos do Antigo Testamento os sacerdotes eram escolhidos para servir como mediadores, mas pelo fato de serem pecadores, seu trabalho era ineficiente para a absolvição definitiva do pecado. Tipificavam Cristo, o “que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), conforme as palavras de João Batista. Leia a passagem a seguir, tendo em mente o contraste entre os sacerdotes do Antigo Testamento e Cristo.

Dia após dia, todo sacerdote apresenta-se e exerce os seus deveres religiosos; repetidamente oferece os mesmos sacrifícios, que nunca podem remover os pecados. Mas quando este sacerdote [Cristo] acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus. Daí em diante, ele está esperando até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés; porque, por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados (Hb 10.11-14).

Muitos sacerdotes ofereciam sacrifício nos tempos do Antigo Testamento. Na verdade, trabalhavam em turnos. Cristo, porém, que vive para sempre, ofereceu *um* sacrifício *para sempre.* Os sacrifícios anteriores valiam apenas para os pecados já cometidos, por isso precisavam ser oferecidos novamente. Mas quando lemos sobre Cristo, aprendemos que "por meio de um único sacrifício, ele *aperfeiçoou para sempre* os que estão sendo santificados" (v. 14; grifo do autor). Os sacerdotes da ordem antiga não tinham permissão de sentar-se quando estivessem em seu turno. Mas Cristo se assentou à direita de Deus Pai porque sua obra foi concluída!

Quando Jó estava no calor da discussão com seus "amigos", disse sem pensar que ansiava falar diretamente com Deus, não por meio da oração, mas em um diálogo face a face. Em desespero, clamou: "Ele não é homem como eu, para que eu IEe redonda[1] é* K

nos enfrentemos em juízo. Se tão-somente houvesse alguém para servir de árbitro entre nós, para impor as mãos sobre nós dois, alguém que afastasse de mim a vara de Deus, para que o seu terror não mais me assustasse!" (Jó 9.32-4). Ah, um mediador!

Uma pessoa que estava visitando a igreja me disse: "Eu tento entrar em contato com Deus, mas não tenho certeza de que a ligação realmente se completa". Pense em como seria maravilhoso se tivéssemos alguém que pudesse "completar a ligação" — alguém que fosse como nós, mas sem pecado; alguém que pudesse nos representar diante de Deus e representar Deus diante de nós. Os candidatos para o cargo precisavam ter os atributos de Deus, de modo que a distância moral e espiritual entre nós e Deus pudesse ser seguramente coberta. Somente Cristo tem essas qualificações. "É de um sumo sacerdote como este que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus" (Hb 7.26).

Cristo é como nós, plenamente homem, mas é também plenamente Deus. Na verdade, alguém já disse: "Um salvador que não fosse Deus seria como uma ponte quebrada na outra ponta". Cristo não apenas nos representa no céu, mas, legalmente falando, já nos colocou ali: "Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef

2.6). Podemos ter acesso a Deus somente quando caminhamos junto do Homem que tem direito de entrar em sua presença.

Talvez agora possamos entender por que não existem tantas maneiras para entrarmos na presença de Deus. Somente uma pessoa pode preencher os requisitos de mediador de Deus. Somente uma pessoa pode dar-nos a perfeição de que precisamos, para nos colocarmos confiantemente na presença do Todo-Poderoso: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6).

Sei que você já ouviu alguém dizer: “Não abandonei o cristianismo, mas apenas fui um pouco além dele na questão da espiritualidade”. Essa é uma “progressão” bastante popular hoje em dia. Porém, estritamente falando, você não consegue ir “além” do cristianismo sem abandoná-lo. Todas as vezes que tenta acrescentar alguma coisa a ele, você está subtraindo algo. Os que abandonam a singularidade de Cristo, não estão simplesmente abandonando uma parte da mensagem do evangelho: estão abandonando-o por inteiro. A matemática, tal qual todas as verdades, lembra-nos que existe apenas uma maneira de estar certo, mas muitas maneiras de estar errado.

Se nossa fé está em Cristo, podemos ter certeza de que não haverá nenhuma complicação na fronteira, quando fizermos a jornada que nos leva da terra ao céu. Nosso representante já estará lá, sentado em nosso lugar, para nos fazer chegar seguramente.

Deus lida conosco por meio de Jesus Cristo. Permanecer na presença de Deus sem representação seria como ficar a apenas algumas centenas de metros do sol: a santidade de Deus nos consumiría. “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo.” (lTm 2.5,6) Não podemos ter a ousadia de sequer pensar que é possível entrar sozinho na presença de Deus.

UM SACRIFÍCIO ACEITÁVEL

Por que é necessário haver um sacrifício para a expiação dos pecados? A justiça o exige. Nem mesmo um simples bilhete de ônibus [rode ser

concedido sem pagamento. Somos culpados por sérias infrações à lei de Deus. Na verdade, somos uma ofensa à sua santidade. Desse modo, não podemos entrar em sua presença, caso a ira de Deus não seja aplacada: "... por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados" (Hb 10.14). Na presença de Jesus, somos tanto culpados quanto aceitos; indignos e, ao mesmo tempo, honrados.

Existem alguns sacrifícios que Deus não aceitará. Um deles é o dom da *sinceridade:* algumas pessoas acham que Deus deveria aceitá-las simplesmente porque são francas. Outro sacrifício é o dom do *serviço:* as pessoas ficam relembrando todas as boas ações que fizeram e acham que Deus lhes deve aceitação por causa dessa característica tão básica. Existe também o dom da *busca espiritual.* Muitos ainda trazem o dom da *culpa:* flagelam-se a si mesmos, acreditando que, caso sintam-se suficientemente tristes, pagarão por seus pecados e Deus os aceitará.

• Martinho Lutero tem uma palavra para essas pessoas: "O que faz você achar que Deus se sentirá mais feliz com suas boas obras do que com seu Filho bendito?". Sim, devemos trazer uma oferta como sacrifício a Deus, mas esse sacrifício não pode ter sido feito por nós mesmos, se quisermos ganhar a aprovação de Deus. *O sacrifício deve ser do próprio Deus, feito a nosso favor.*

O sacrifício deve ser equivalente à ofensa cometida. Pelo fato do nosso pecado ser contra o Deus infinito, precisamos de um sacrifício de valor infinito. Isso significa que somente Deus pode suprir o sacrifício que ele mesmo exige. Esse é o significado do evangelho: Deus satisfez seus requisitos com relação a nós. Você conhece a história do acusado que foi trazido à presença de um juiz por ter excedido o limite de velocidade, mas que o próprio juiz desceu da sua cadeira e pagou a multa? Essa é a história do que Deus fez por nós.

A morte de Cristo na cruz reparou o irreparável: "Pois também Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus" (lPe 3.18). Não existe pecado que não seja perdoado para os que se lançam na misericórdia do Deus revelado por meio da obra de Cristo. I ç, ■

A prostituta à qual me referi algumas páginas atrás, o estuprador que me escreveu da prisão, perguntando se ele também podería ser perdoado — essas duas pessoas, juntamente com uma legião de outras pessoas, podem ser aceitas tão plenamente por Deus quanto qualquer outra pessoa. A razão é óbvia: uma vez que Deus prometeu receber todos os que confiassem em seu Filho, todos recebem o mesmo dom de justiça: todos se tornam membros da mesma família.

Augustus Toplady compreendeu bem essa verdade e a expressou através desta estrofe do hino *Rocha eterna:*

Nem trabalho, nem penar pode o pecador salvar.

Só tu podes, bom Jesus, dar-me vida, paz e luz.

Peço-te perdão, Senhor, pois confio em teu amor.[8]

Recentemente alguns membros da diretoria de nossa igreja estavam em um táxi, dizendo a um muçulmano por que ele deveria aceitar a Cristo não apenas como um profeta, mas como o único Salvador realmente qualificado para essa função. O homem disse: “Não, eu tenho que pagar pelo meu pecado. Não devo me embebedar, mas o faço. Não devo dormir com mulheres, mas também faço isso. Por isso, a justiça exige que eu sofra no inferno por meus pecados e, depois de pagar por eles, irei para o céu”.

Dissemos a ele que estávamos muito felizes por ele estar errado. Em primeiro lugar, não podería pagar por seus pecados, mesmo no inferno. Os que não forem perdoados por Deus serão eternamente culpados. Em segundo lugar, a boa notícia é que Jesus já pagou a dívida para os que decidem crer nele. Com o devido respeito, Maomé não foi capaz de pagar tal dívida, assim como Krishna, Gandhi ou Zoroastro. Você não pode colocar Cristo na mesma prateleira desses outros grandes mestres. Somente no cristianismo descobrimos que o sacrifício e o mediador são a mesma pessoa. Com ele ao nosso lado, podemos nos aproximar de Deus.

UMA ATITUDE ACEITÁVEL

Leiamos com atenção este convite para estarmos na presença de Deus:

Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. Temos,

[s]*Hinário para o culto cristão*, hino 307, segunda estrofe.

pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada, e tendo os nossos corpos lavados com água pura (Hb 10.19-22).

Chegamos com o nosso mediador e com o nosso sacrifício. Com a certeza de que pertencemos a Deus e de que ele pertence a nós. Com o coração sincero, ou seja, de maneira autêntica e honesta. Abertamente, embora tenhamos muitas coisas que preferiríamos esconder. Plenamente conhecidos, completamente expostos, totalmente compreendidos. Sem tentar melhorar a aparência do nosso pecado e da vida que vivemos.

Chegamos também com "plena convicção", confiantes de que seremos recebidos. Cristo é plenamente aceito e, portanto, nós também somos. Nesse ponto damos as mãos aos outros pecadores: o religioso se une à prostituta; o sincero freqüentador de igreja encontra-se ao lado do assassino. Em vez de nos afastar de Deus, nossa culpa nos atrai a ele. Quanto mais claramente virmos nosso pecado, mais claramente devemos ver a maravilha do sacrifício e da intercessão de Cristo.

"Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça na qual agora estamos firmes." (Rm 5.1,2) Paulo quer dizer muito mais do que sobre a atenção de Deus quando chegamos a ele por meio de Cristo. A palavra *acesso* significa que somos levados diretamente ao refúgio da presença de Deus; entramos no Santo dos Santos.

Alguns anos atrás, fui a Washington com duas de minhas filhas para falar no retiro de uma igreja. Estava presente naquele acontecimento um membro do destacamento do serviço secreto do presidente Bush, que nos perguntou se gostaríamos de visitar o Salão Oval no dia seguinte, já que o presidente estava fora da cidade. Sentimo-nos honrados em aceitar o convite.

Na manhã seguinte, encontramos aquela pessoa em um dos portões da Casa Branca. Quando fomos parados na primeira guarita, uma de minhas filhas mostrou sua carteira para que o oficial pudesse inspecionar, mas este meneou a cabeça e disse: “Você está com ele”, apontando na direção do agente e continuou: “Pode entrar” .

Então, quando entramos na Casa Branca, encontramos outro agrupamento de guardas. Olharam para o agente, olharam para nós e disseram: “Vocês estão com ele. Podem entrar”. No corredor encontramos mais guardas. Mais uma vez olharam para o agente, olharam para nós e disseram: “Vocês estão com ele [...] Podem entrar”.

Nesse momento, estávamos nos aproximando do Salão Oval. Já dava para ver a porta aberta. Havia ainda mais um guarda à entrada. Olhando para o agente, também sinalizou para nós, como se estivesse dizendo: “Vocês estão com ele. Podem entrar”. Então, entramos no Salão Oval, embora não pudéssemos ir muito além da porta de entrada.

Agora, imagine que todos os crentes em Cristo morram no mesmo dia. Quando chegarmos do outro lado do portão chamado morte, Jesus vem até nós para nos indicar o lugar de nossa nação celestial. Passamos por uma legião de anjos, mantendo guarda no caminho da Nova Jerusalém. Olham para Cristo, olham para nós e dizem: “Vocês estão com ele. Podem entrar”.

Então, passamos por outro grupo de anjos e mais outro. Cada um desses grupos olha para Cristo, olha para nós e diz: “Vocês estão com ele. Podem entrar”.

Finalmente, chegamos perto da própria habitação de Deus. Aquilo que as Escrituras chamam “luz inacessível” (lTm 6.16) ofusca nossa visão. Por um momento, temos uma espécie *àe flashback*, lembran-do-nos dos nossos pecados e fracassos. Entre nós, havia uma mulher que cometera abortos. A prostituta que mencionamos anteriormente estava conosco também. Adúlteros ao lado de homossexuais, ladrões juntos com os avarentos. Todos esses foram redimidos e lavados pelo sangue de Cristo.

Entre os membros do grupo, também estavam os que não haviam cometido tais pecados, embora tenham lutado com pecados similares em suas mentes.

O *flashback é* tão podero que cada um de nós protesta dizendo: “Não posso entrar! Não posso entrar!”.

Contudo, os anjos que estão ao lado do portão da habitação de Deus olham para Jesus, olham para nós e dizem: “Vocês estão com ele [...] Entrem!”. E assim acontece, com Cristo nos levando à presença do Deus Todo-Poderoso.

TERCEIRA MENTIRA

DEUS ESTÁ MAIS TOLERANTE

DO OUE COSTUMAVA SER

Jamais pense que há muitos caminhos que nos levam a Deus. Jesus é o único mediador qualificado, o único sacrifício qualificado e o único Salvador qualificado.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Se nossa confiança está em Cristo, compartilharemos seu triunfo no céu. A descrição a seguir é um poderoso lembrete de que existe apenas um homem no centro do universo, um único homem capaz de nos levar à presença de Deus. O Apocalipse de João registra o louvor oferecido a esse homem:

“Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação.

Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”.

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, e cantavam em alta voz:

“Digno *é* o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” (Ap 5.9-12).

Agradeçamos a ele por nos apresentar ao Pai e nos convidar a participar da mesa para termos comunhão com ele.

FICO FELIZ, POIS NINGUÉM MAIS ACREDITA NA BÍBLIA. Caso contrário, eles nos apedrejariam". Estas foram as palavras de um ativista *gay,* respondendo a um cristão que estava usando a Bíblia para condenar a homossexualidade. Os argumentos do ativista eram claros: *uma vez que no Antigo Testamento a pena para a homossexualidade era a morte, como você pode dizer que acredita na Bíblia? E se você não acredita nela, então não a use para argumentar contra a homossexualidade!*

Como podemos responder aos que insistem que Deus é mais tolerante hoje em dia do que o era nos dias do Antigo Testamento? Voltando àquela época, vemos que a lei ditava que os homossexuais deveriam ser apedrejados até a morte, juntamente com os adúlteros, os filhos que amaldiçoaram seus pais, os feiticeiros e os blasfemos. Descobri cerca de doze diferentes pecados ou transgressões que a lei judaica considerava crimes capitais nos tempos do Antigo Testamento.

Hoje, tudo mudou. Os homossexuais são convidados a vir às nossas igrejas; os pais são instruídos a amar incondicionalmente seus filhos rebeldes; adúlteros passam por sessões de aconselhamento. Sim, assassinato e incesto ainda são crimes, mas é permitido, em todas as cidades dos Estados Unidos,que as feiticeiras enriqueçam praticando a feitiçaria.

Não ouvimos mais histórias como a de Nadabe e Abiú, feridos mortalmente por oferecerem ' fogo profano". Não lemos mais relatos de pessoas como Uzá, que tocou a arca em desobediência às instruções dadas por Deus e foi morto instantaneamente (2Sm 6.6,7). Hoje em dia, as pessoas podem ser irreverentes e blasfema-doras o quanto quiserem e, ainda assim, chegam à velhice. Conforme observou R. C. Sproul, caso as penalidades por blasfêmia presentes no Antigo Testamento estivessem em vigor ainda

hoje, todos os executivos da televisão já teriam sido executados há muito tempo.

Deus está mais tolerante do que costumava ser?

Precisamos responder esta pergunta por duas razões. Primeiramente, queremos saber se temos liberdade para pecar arcando com o mínimo de conseqüências. Será que hoje podemos viver da maneira como nos agradar, certos de que Deus nos tratará com compaixão e não com julgamento? Uma jovem cristã confidenciou que escolheu a vida de imoralidade em parte porque tinha confiança de que "Deus a perdoaria de qualquer maneira". Não tinha razão para temer sua ira, pois Cristo já havia carregado todas as suas culpas. Sua afirmação leva à pergunta: poderiamos escolher hoje uma conduta que, no Antigo Testamento, recebeu forte repreensão ou até mesmo a pena de morte, certos de que Deus é perdoador e derrama sobre nós seu "amor incondicional"?

Houve um tempo em que os cristãos norte-americanos foram descritos como legalistas, apegados à letra da lei. Ninguém ousaria acusá-los disso hoje. Hoje são livres — livres para esquiar no Colorado e farrear em uma praia no Havaí, e também livres para assistir filmes picantes, para apostar, para ser gananciosos como o mundo no qual trabalhamos — *livres para pecar.* Seria mais seguro pecar nos dias de hoje do que na época do Antigo Testamento?

Existe uma segunda razão pela qual queremos uma resposta: queremos saber se é mais seguro *para os outros* fazer coisas erradas hoje em dia. Se alguém pecou contra você, você quer saber se pode depender de Deus para "empatar o embate". A moçà que foi estuprada, o filho que sofreu abuso dos pais, a pessoa que teve sua poupança dilapidada por causa de um vendedor inescrupuloso — todas estas vítimas e centenas de outras iguais a elas querem saber se

Deus é tão amoroso a ponto de não levar em conta essas infrações. Qual é a chance de pessoas como estas enfrentarem a justiça? Queremos que Deus nos ouça com tolerância; contudo, esperamos que ele não tenha esta mesma condescendência com quem nos fez algum mal. Em função disso,

imaginamos se podemos esperar que Deus seja leniente ou duro, misericordioso ou condenador?

Muitas pessoas protestam contra o aparente silêncio de Deus hoje, diante do pecado tão disseminado e ultrajante. A pergunta crucial resume-se a como devemos interpretar esse silêncio? Será que Deus está indiferente ou está dando tempo ao tempo? Será que ele mudou?

Em um dos programas da PBS, *Genesis, a living conversation [Conversa contemporânea sobre o Gênesis\,* presentado por Bill Moyers, os participantes concordaram que houve uma espécie de desenvolvimento em Deus. Ele enviou o Dilúvio ao mundo mas, tal qual uma criança que constrói um castelo de areia simplesmente para destruí-lo com raiva, Deus se arrependeu do que fizera e ao sentir-se devidamente vingado, deu o arco-íris com a promessa de nunca mais fazer aquilo outra vez. A maioria dos participantes daquele painel concordou que o Dilúvio era algo maléfico, que não tinha nenhum valor de redenção. Escolha qualquer pessoa aleatoriamente e ela será mais benevolente do que Deus, disseram os participantes.

E claro que esse painel assumiu que a Bíblia é apenas o registro do que as pessoas têm pensado sobre Deus ao longo dos séculos. Deste modo, conforme evoluímos e nos tornamos mais tolerantes, nossa concepção de Deus torna-se também mais tolerante. O Novo Testamento, com sua ênfase no amor, é uma representação mais madura e graciosa de Deus. Isto certamente explicaria a aparente diferença entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

Outros religiosos liberais acreditam que a Bíblia revela dois deuses: o Deus irado do Antigo Testamento e o Deus mais amoroso e inclusivo do Novo Testamento. Mais uma vez, isso está baseado na mesma premissa: conforme a humanidade muda, mudam também nossas idéias sobre Deus. Na Antigüidade, as idéias que os homens tinham sobre Deus eram duras e inflexíveis. Em épocas de maior conhecimento, a concepção dos homens é mais tolerante e amorosa. Como já aprendemos, isso favorece o conceito de Deus que começa pelo homem e sobe em direção ao céu.

Existe outra possibilidade. Podemos afirmar que Deus não mudou, que seus padrões são os mesmos, mas que optou por interagir com as pessoas de maneira diferente, pelo menos por algum tempo. Na verdade, neste capítulo descobriremos que os atributos de Deus revelados no Antigo Testamento são reafirmados no Novo. No Antigo Testamento percebemos a severidade de Deus, mas também sua bondade. Observamos seus julgamentos severos, mas igualmente sua misericórdia.

A nítida diferença que às vezes é feita entre o Antigo Testamento, com sua ira, e o Novo Testamento, com sua misericórdia, não é uma leitura justa do texto. Sim, houve penalidades severas no Antigo Testamento, mas também houve graça. Na verdade, se observarmos com cuidado, Deus parece tolerante. Veja a descrição de Davi sobre o "Deus do Antigo Testamento":

O SENHOR É COMPASSIVO E MISERICORDIOSO, MUI PACIENTE E CHEIO DE AMOR.

Não acusa sem cessar

nem fica ressentido para sempre;

não nos trata conforme os nossos pecados

nem nos retribui conforme as nossas iniqüidades.

Pois como os céus se elevam acima da terra,

assim é grande o seu amor para com os que o temem;

e como o Oriente está longe do Ocidente,

assim ele afasta para longe de nós

as nossas transgressões. (SI 103.8-12)

Na verdade, o mesmo equilíbrio de atributos é encontrado nos dois Testamentos. Existem fortes razões para acreditar que Deus não mudou uma única opinião proferida no Antigo Testamento. É possível que o Novo Testamento enfatize mais a graça do que a lei, mas, no final de tudo, Deus se revela com uma impressionante consistência. Caso forem compreendidas

da maneira adequada, perceberemos que as penalidades também não mudaram. E, felizmente, sua misericórdia permanece imutável.

Una-se a mim nessa jornada que mostrará a natureza e as obras de Deus. Observaremos a magnífica unidade entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento e quando tivermos terminado, provavelmente adoraremos a Deus de uma maneira totalmente nova.

DEUS IMUTÁVEL

Quem criou Deus? Você já deve ter ouvido essa pergunta, provavelmente dos lábios de uma criança ou, por razões óbvias, da boca de um cético, argumentando que acreditar que o universo é eterno é tão irracional quanto acreditar que Deus é eterno. Se você não sabe de onde Deus veio, o argumento perde sua sustentação e não é preciso saber de onde veio o universo.

E claro que existe uma diferença. O universo não tem dentro de si mesmo da causa da própria existência. O Deus vivo, e não o universo, sempre existiu, pois, como dizem os teólogos, ele é a “causa primeira”. Nossas mentes não conseguem entender plenamente o conceito de um ser não criado, mas tanto a Bíblia quanto a lógica ensinam que, se não existisse um “ser não-criado”, nada poderia ter existido, pois coisa alguma pode surgir do nada.

As Escrituras dizem: “Antes de nascerem os montes e de criares a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus” (SI 90.2)-Da eternidade passada à eternidade futura, Deus existe e, como veremos, ele não muda.

A natureza de Deus não muda

Deus não pode envelhecer. Não ganha novos poderes nem os per' de. Não fica mais sábio, pois já conhece todas as coisas. Também não fica mais forte, pois é onipotente e infinitamente poderoso-“Ele não pode melhorar”, escreveu A. W. Pink, “pois já é perfeito;[6] sendo perfeito, não pode mudar para pior”.[1] “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda como sombras inconstantes” (Tg 1.17).

A verdade de Deus não muda

Às vezes dizemos coisas sem querer, ou fazemos promessas que não podemos cumprir. Circunstâncias não previstas tornam nossas palavras sem valor. Não é assim com Deus: “A relva murcha, e as flores caem, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre” (Is 40.8).

Davi concordava com isso quando escreveu “a tua palavra, SENHOR, para sempre está firmada nos céus [...] Há muito aprendi dos teus testemunhos que tu os estabeleceste para sempre” (SI 119.89,152). Deus nunca precisa revisar suas opiniões ou atualizar seus planos. Ele nunca precisou reorganizar sua agenda.

Sim, existem algumas passagens das Escrituras que falam sobre Deus ter se arrependido de uma decisão e mudado de opinião (Gn 6.6,7; ISm 15). Nessas passagens, as Escrituras mostram Deus mudando sua reação com relação ao povo por causa do comportamento deste. Mas não há razão para pensar que essa reação foi algo imprevisto ou que não fizesse parte de seu plano eterno. Como disse J. I. Packer: “Não há mudança alguma em seu propósito eterno quando Ele começa a agir em relação a um homem de maneira diferente”.[2]

Os padrões de Deus não mudam

Os Dez Mandamentos não são apenas uma lista arbitrária de regras, pois refletem o caráter de Deus e do mundo que ele optou por criar. Não devemos dar falso testemunho porque Deus é o Deus da verdade; não devemos cometer adultério porque o Criador estabeleceu a integridade da família. “Sejam santos, porque eu sou santo” é um mandamento presente nos dois testamentos (Lv 11.44; 1 Pe

‘Citado em J. I. PACKER, *O conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 67.

[2]Ibid., p. 70.

1.16).jOpl ano de Deus era que os mandamentos colocassem os padrões divinos diante de nós.] “Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta. Então, a recompensa

que terão será grande e vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com os ingratos e maus" (Lc 6.35). O mandamento de amar quem não merece amor está baseado no próprio caráter de Deus.

Os atributos de Deus são equilibrados de maneira singular. Ele combina a compaixão com o compromisso com a justiça rigorosa, descrevendo a si mesmo como o "SENHOR, SENHOR, Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado. Contudo, não deixa de punir o culpado; castiga os filhos e os netos pelo pecado de seus pais, até a terceira e a quarta gerações" (Ex 34.6,7).

Apesar de morrermos, nada morre em Deus: ele une o passado e o futuro. O Deus que chamou Abraão de Ur dos Caldeus é o mesmo que me chamou para o ministério. O Cristo que apareceu a Paulo no caminho de Damasco é aquele que me salvou. O Espírito Santo que visitou a igreja primitiva com grande bênção e poder habita aqueles de nós que receberam a salvação de Cristo. A Bíblia não pode afirmar isto de maneira mais clara: Deus não mudou e não vai mudar no futuro. O profeta Malaquias registrou isto em cinco palavras: "Eu, o SENHOR, não mudo" (Ml 3.6).

O reverendo Henry Lyte teve de deixar o pastorado em Devonshire, Inglaterra, por causa de sua saúde debilitada. Quando se despediu de sua congregação tão querida, compartilhou as seguintes palavras, que são cantadas por alguns de nós com bastante freqüência:

Fica ao meu lado, ó Deus, em meu viver.

As trevas crescem ao entardecer, fica ao meu lado Quando outros falham, e o consolo me abandona,

Oh, Senhor eterno e imutável, fica ao meu lado.[3]

'Salmos e hinos com músicas sacras, hino 361.

Na Moody Church, onde sirvo, existe um versículo na frente do santuário: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre" (Hb 13.8). Sim, aquele que não muda habita entre nós.

A ADMINISTRAÇAO DE DEUS MUDOU

De que maneira podemos lidar com a diferença entre as consequências da desobediência no Antigo Testamento e no Novo Testamento? Se Deus não pode ser mais tolerante do que costumava ser, por que as penalidades do Antigo Testamento não estão mais em vigor hoje? Por que parece ser mais seguro pecar hoje em dia?

O julgamento de Deus permanece, mas seu método de executá-lo mudou. Ele se relaciona conosco de maneira diferente sem alterar suas opiniões ou requerer menos de nós. Ele não está nem mais tolerante nem mais acomodado aos nossos deslizes. Deixe-me explicar.

Quando um menino de quatro anos de idade foi pego roubando doces de uma loja, seu pai deu-lhe uma surra. Suponhamos que o mesmo rapaz roubasse doces com doze anos. Provavelmente seu pai escolheria uma outra forma de punição que não fosse a surra, tal como a privação ou perda de algum privilégio ou algum modo de disciplinar mais severo. Se o rapaz repetisse a prática aos vinte anos, é possível que as conseqüências e a punição papa seu ato fossem discutidas no tribunal. Minha linha de pensamento é que a visão dos pais sobre o roubo não muda, mas estes podem optar por tratar da infração de maneiras diferentes, de acordo com a fase da vida do filho. Em vez de abrandarem a pena à medida que a criança ficasse mais velha e tivesse mais conhecimento, seus pais deveríam aplicar uma penalidade mais severa.

Dessa maneira, descobrimos que a opinião de Deus não mudou. Suas penalidades ainda são severas, mas existe uma mudança no momento em que são aplicadas e no método de punição. Quanto mais cuidadosamente analisarmos as Escrituras, mais conscientes estaremos da imutável consistência de Deus e de sua intenção de punir o pecado. Deus odeia hoje o pecado tanto quanto sempre o odiou. Felizmente, Deus nos oferece um remédio para ele. A V

Em Hebreus 12.18-29 vemos a unidade de Deus refletida tanto no monte Sinai quanto no monte Calvário. Nesse texto, tal como um diamante, toda a gama dos atributos de Deus está revelada. Vemos que Deus não diminuiu seus padrões. No final, ele provará que não amoleceu com a idade. Os que

não estão preparados para encontrá-lo têm diante de si um futuro de horror inimaginável. Não, ele não mudou.

Esta mudança na forma de lidar pode ser representada de três maneiras. Continue comigo, pois o contraste entre o Sinai e o Calvário nos fornecerá as respostas que buscamos.

O terreno *versus* o celestial

O autor de Hebreus fez uma clara descrição do monte que se ergue no deserto do Sinai quando relembrou seus leitores:

Vocês não chegaram ao monte que se podia tocar, e que estava em chamas, nem às trevas, à escuridão, nem à tempestade, ao soar da trombeta e ao som de palavras tais, que os ouvintes rogaram que nada mais lhes fosse dito; pois não podiam suportar o que lhes estava sendo ordenado: “Até um animal, se tocar no monte, deve ser apedrejado”. O espetáculo era tão terrível que até Moisés disse: “Estou apavorado e trêmulo!”. (Hb 12.18-21)

No monte Sinai, a glória de Deus humilhou Moisés e Arão, levando-os ao silêncio e à adoração. Deus chamou Moisés ao topo da montanha para ver o fogo, os trovões e a fumaça. Depois disso, Moisés retornou para dizer ao povo que seriam exterminados caso chegassem muito perto da montanha.

A distância física entre as pessoas e a montanha simbolizava a distância moral entre Deus e a humanidade. Nem mesmo Moisés foi capaz de ver Deus diretamente, embora tivesse recebido alguns privilégios especiais. A palavra dada ao povo era: “Não se aproximem, ou serão mortos!”.

Imagine o poder necessário para chacoalhar uma montanha! Até hoje vemos o poder de Deus nos tornados, nos furacões e nos terremotos. Deus acompanhou aquela revelação especial com um ato físico de modo que as pessoas fossem relembradas de seu poder e julgamento. Elas precisavam ficar afastadas porque Deus é santo.

Existia também uma distância vertical entre Deus e o homem. Deus desceu do céu como um lembrete de que nós somos daqui de baixo, criaturas da terra. Ele está separado e excede todos os limites. Cito Sproul mais uma

vez: “Ao reconhecermos o Infinito, ficamos profundamente conscientes de que somos finitos. Quando deparamos com o Eterno, sabemos que somos temporais. Encontrar Deus é um estudo poderoso de contrastes”.[4] Imagine o seguidor da Nova Era diante do monte Sinai, cercado por labaredas de fogo e fumaça, dizendo: “Vou me achegar a Deus do meu jeito. Todos nós podemos ir até ele da maneira que quisermos!”.

O Sinai foi a presença de Deus sem a expiacão, sem o mediador. Retrata homens pecadores que permanecem a certa distância da santidade de Deus. Ali estava a criatura indigna na presença do digníssimo Criador. Ali estava presente a revelação do Deus que não tolera a desobediência, do Deus que deveria ser temido acima de todos os outros deuses.

Nesse ponto, observamos um importante contraste. O escritor de Hebreus afirma: “Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo” (Hb 12.22). Quando Davi conquistou Jerusalém e colocou a arca no monte Sião, esta montanha passou a ser considerada a habitação terrena de Deus e, mais tarde, a palavra *Sião* referia-se a toda a cidade. Séculos se passaram, Cristo veio e morreu fora de seus muros, cumprindo as profecias de que a salvação viria de Sião.

O monte Sião representa a abertura do céu e, agora, somos convidados a gozar de seus privilégios. Veja Hebreus 12.22-24. Primeiramente, entramos na “Jerusalém celestial” (v. 22). Na qualidade de crentes, já somos cidadãos do céu. Como já aprendemos, somos convidados a entrar no Santo dos Santos por meio do sangue de Jesus.

Segundo, o escritor diz que chegamos à presença de centenas de milhões de anjos “em alegre reunião” (v. 22). Unimo-nos aos anjos em alegre adoração a Deus. Não se esqueça que os anjos estavam presentes no Sinai (G1 3.19), mas as pessoas não. Aqueles seres celestiais estavam soprando as trombetas do julgamento. Não era possível aproximar-se deles, bem como de Deus.

Hoje, porém, nós podemos nos juntar a eles, não para a comunhão, mas para nos regozijarmos quanto aos triunfos de Deus sobre o mundo. jAo passo que o Sinai era aterrorizante, Sião é convidativo e gracioso. O Sinai está fechado para todos, pois ninguém pode cumprir as exigências da lei;

Sião está aberto a quem está disposto a se apropriar do sacrifício de Cristo. Em Jesus, o Deus do qual não era possível se aproximar, torna-se acessívelj

Terceiro, chegamos à “igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus”, ou seja, o corpo de Cristo (v. 23). Jesus disse que os discípulos não deveríam se regozijar porque os espíritos maus se submetiam a eles, mas porque seus nomes estavam “escritos nos céus” (Lc 10.20). Os nomes de todos os crentes são encontrados no livro da vida. Todos os que estão listados ali são membros da igreja triunfante.

Quarto, chegamos a Deus, “juiz de todos os homens” (v. 23), pois o véu do templo partiu-se em dois e boje podemos entrar “no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus” (Hb 10.19).

Quinto, chegamos “aos espíritos dos justos aperfeiçoados” (v. 23), o que provavelmente é uma referência aos santos no Antigo Testamento o que somente podiam aguardar o perdão, a remissão dos pecados e a plena reconciliação com Deus. Em Cristo recebemos em um momento o que eles só podiam antecipar. Em certo sentido, tinham que esperar por nós (Hb 11.40). O resumo de tudo é que nos uniremos a Abraão e ao exército de outros santos do Antigo Testamento. Que família!

Finalmente e de maneira suprema, chegamos a “Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel” (v. 24). Deus aceitou o sacrifício de Abel, mas o sangue dele que foi derramado não poderia expiar seu pecado, muito menos o pecado de seu irmão. O sangue de Jesus, porém, é suficiente para todos nós.

O contraste é claro. O Sinai estava coberto de nuvens; Sião está repleto de luz. O Sinai é símbolo de julgamento e morte; Sião é símbolo de vida e perdão. A mensagem do Sinai era “não se aproxime!”. A mensagem de Sião é “acheguem-se!”. ^

Olhe para o calendário e concordará que Cristo dividiu a história em dois períodos — a.C. e d.C. — mas também dividiu a história da salvação em duas épocas, quando o véu do templo foi rasgado de cima a baixo. Agora que o sangue de Jesus foi derramado, podemos nos achegar a Deus com confiança.

Isto quer dizer que o ódio de Deus pelo pecado foi removido? Será que a vinda de Cristo tornou o Todo-Poderoso mais tolerante? Ainda é muito cedo para chegarmos ao ponto final em nossa discussão. Prosseguiremos com o estudo dessa passagem e nossas perguntas serão respondidas.

Existe a segunda maneira de descrever esta mudança de administração.

A Antiga Aliança *versus* a Nova Aliança

Já aprendemos que Jesus é o mediador de “uma nova aliança” (v. 24). O que isto significa? Se ele nos deu uma nova aliança, qual era a *antiga!*

Nos tempos do Antigo Testamento Deus fez uma aliança com toda a nação de Israel. Optou por governar diretamente por meio de reis e profetas, revelando sua vontade passo a passo e esperando que o povo seguisse suas instruções. Os profetas diziam “veio a mim a palavra do Senhor” e diziam aos reis qual era a vontade de Deus. Não havia separação entre religião e Estado, da maneira como conhecemos hoje. O Estado existia para implementar a divina vontade de Deus.

Obviamente, não existia liberdade religiosa no Antigo Testamento. A morte era a punição para a idolatria. “Não terás outros deuses além de mim” é o primeiro dos Dez Mandamentos dados à nação de Israel. Caso as pessoas não obedecessem, as penalidades eram imediatas e, do nosso ponto de vista, severas.

Jesus trouxe consigo um ensinamento radical: a idéia de que seria possível para seus seguidores viverem de maneira aceitável sob um governo pagão. Ele não veio para pôr fim à ocupação romana de Israel. A verdade é que seu Reino não era deste mundo. Quando perguntado se as taxas deveriam ser pagas aos romanos, Jesus respondeu: “Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Lc 20.25). Claro, os crentes poderiam pagar taxas para um governo corrupto mas, obviamente, deveriam cumprir suas obrigações para com Deus do mesmo modo.

° Existem duas mudanças principais inerentes ao ensinamento de "Jesus. A primeira delas é que Deus não mais lidaria com uma na--çao, mas com os indivíduos de todas as nações. Agora, Deus chamaria de todas as nações um

grupo composto de membros de todas as tribos, línguas e raças para formar um novo ajuntamento chamado igreja. Estas pessoas viveríam, na maior parte do tempo, sob regimes políticos que eram hostis a elas. Mas nós, que fazemos parte desse programa, devemos continuar como sal e luz, representando Jesus em todos os lugares onde estivermos.

Segundo, em nossa era, devemos nos submeter tanto quanto possível às autoridades terrenas. Devemos cumprir suas ordens, a não ser que essas obrigações entrem em conflito com nossa consciência. Escrevendo de dentro da cela de uma cadeia em Roma, Paulo disse que nós devemos nos submeter às autoridades governantes (no seu caso, a Nero) porque estas foram estabelecidas por Deus (Rm 13.1).

Nosso compromisso como igreja não é conquistar as nações em termos políticos. Naturalmente os cristãos devem se envolver com os governos por serem bons cidadãos, mas nossa mensagem principal é a transformação das nações por meio da transformação individual. Os primeiros discípulos passaram por todas as dificuldades nacionais que temos hoje, além de muitas outras e, mesmo sem uma base política, sem a formação de um bloco para votação no senado romano, eles mudaram o mundo, causando "alvoroço por todo o mundo", como relatado pelo historiador Lucas (At 17.6).

Quando Paulo chegou à cidade imoral de Corinto, ensinou o que parecia ser uma idéia nova, ou seja, que não era responsabilidade da igreja julgar o mundo incrédulo com relação à sua moral, mas apenas no que se referia ao evangelho, que é "o poder de Deus" (1 Co 1.18). Escreveu o seguinte à igreja daquela cidade:

Já lhes disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer.

Pois, como haveria eu de julgar os de fora da igreja? Não devem vocês julgar os que estão dentro? Deus julgará os de fora. "Expulsem esse

perverso do meio de vocês” (ICo 5.9-13).

Se você trabalha no mundo incrédulo e decide não comer com os que sao imorais, avarentos e idólatras, você terá que almoçar sozinho! E claro que podemos comer com as pessoas mesmo que digam que não são crentes em Cristo. Mas se um cristão vive desta maneira e se temos comunhão com ele durante uma refeição ou se desfrutamos de sua companhia, de alguma maneira estamos aprovando seu pecado. Paulo diz que não devemos nem mesmo comer com essas pessoas, visando com isso a ajudá-las a enxergar o erro presente em seu comportamento.

Agora nós estamos prontos para entender por que as pessoas não são mortas hoje como eram no Antigo Testamento. Não temos autoridade para julgar os que estão fora da comunhão dos crentes. O Estado deve penalizar quem comete certos crimes e as leis devem ser respeitadas. Porém — e isto é bastante importante — todos os comportamentos que mereciam a pena de morte no Antigo Testamento são infrações em relação às quais nós disciplinamos os crentes dentro da igreja. Não temos o direito de tirar a vida nem de infligir a morte física, mas podemos proclamar morte espiritual aos que persistem em seus pecados. A instrução de Paulo à igreja de Corinto foi que o homem imoral fosse colocado para fora da congregação, e não que fosse morto (ICo 5-5). Esta disciplina é nossa responsabilidade.

É tolice pensarmos que podemos pecar sem punição simplesmente porque Cristo já veio. O propósito da redenção foi possibilitar que tivéssemos vidas santas. E claro que felizmente é verdade que Deus realmente perdoa, mas o nosso pecado, particularmente o que é cometido deliberadamente, sempre traz a disciplina de Deus. Devemos buscar a santidade pois “sem santidade ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Deus não fez uma revisão na lista de ofensas.

Uma mulher disse ao seu pastor:

— Estou vivendo em pecado, mas isso é diferente, porque sou cristã.

O pastor respondeu:

— Sim, é diferente. Para o cristão, o pecado é coisa muito mais séria.

Certamente Deus leva a desobediência tão a sério que as Escrituras nos advertem: “Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor, nem se magoe com a sua repreensão, pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho” (Hb 12.5,6).

Abordarei agora a última e a mais importante forma de descrever o contraste entre o Sinai e o Calvário, respondendo especificamente à pergunta: Será que Deus é mais tolerante do que costumava ser?

1

Trad. Ricardo A. Rosembusch, Rio de Janeiro: Record, 1997.

2

Birth of a troubled conscience, *Christianity Today*, 26/4/1999, p. 33.

3

Ronald Bainton, *Here I stand*, New York: New American Library, 1950, p. 30.

4

A santidade de Deus, trad. Língua Viva Cursos, São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 54.

Julgamento físico e imediato versus julgamento futuro e eterno

Continue a ler esta impressionante passagem.

Cuidado! Não rejeitem aquele que fala. Se os que se recusaram a ouvir aquele que os advertia na terra não escaparam, quanto mais nós, se nos desviarmos daquele que nos adverte dos céus? Aquele cuja voz outrora abalou a terra, agora promete: “Ainda uma vez abalarei não apenas a terra, mas também o céu”. As palavras “ainda uma vez” indicam a remoção do que pode ser abalado, isto é, coisas criadas, de forma que permaneça o que não pode ser abalado. (Hb 12.25-27)

Não podemos nos enganar: se Deus julgou o povo por ter-se desviado dele quando Deus falou do Sinai, pense no julgamento maior que virá sobre os que não deram ouvidos à voz que veio do céu, do monte Sião! Os judeus que ouviram a voz de Deus no Sinai não entraram na Terra Prometida, mas morreram no deserto. A punição inicial foi a morte física, embora também houvesse a morte espiritual e eterna para os que se rebelaram ali. Hoje Deus não julga as pessoas aplicando-lhes morte física imediata, mas o julgamento da morte espiritual permanece, como condenação ainda maior.

Se Deus julgou os judeus, que tinham limitada compreensão da redenção, pense no que ele fará com quem já ouviu sobre a vinda de Cristo, sua morte e ressurreição! Se os primeiros não entraram na Terra Prometida, os que rejeitarem a Cristo serão privados das bênçãos espirituais nesta vida e certamente serão severamente condenados à morte eterna. Imagine só que destino!

|No Sinai Deus estremeceu a terra. De Sião, abalará todo o universo. “Ainda uma vez abalarei não apenas a terra, mas também o céu” (v. 26)jEsta frase é uma citação do texto de Ageu 2.6, no qual o profeta predisse que Deus j ulgará a terra (cf. Ap 6.12-14). Tudo o que poderá ser abalado — o que inclui toda a ordem física — será destruído e somente as coisas eternas permanecerão (cf. 2Pe 3.10).

Não se esqueça do primeiro princípio: *quanto maior a graça, maior a punição por recusá-la.* Quanto mais Deus faz por nós, maior é nossa responsabilidade de aceitá-lo. O julgamento do Antigo Testamento era em grande parte físico; no Novo Testamento, é eterno. Se você, meu amigo, nunca colocou sua confiança em Cristo para obter a salvação, lembre-se que os terrores do Calvário são muito maiores que os do Sinai!

Em vários outros lugares o autor de Hebreus enfrenta diretamente a questão de Deus ter relaxado — ou não — seu julgamento conforme nos movemos do passado para o presente. Se tivermos em mente que a lei do Sinai foi acompanhada por anjos, entenderemos seu argumento. “Porque, se a mensagem transmitida por anjos provou a sua firmeza, e toda transgressão e desobediência recebeu a devida punição, *como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?”*(Hb 2.2,3; grifo do autor). Parte do menor para chegar ao maior: se a lei exigia punição severa, pense em quão mais severa será a punição por rejeitar a graça!

Em certo sentido, podemos dizer que as duras punições do Antigo Testamento demonstravam superabundância da graça. Ao ver punições sendo imediatamente aplicadas, as pessoas tinham demonstração visual da razão pela qual deveriam temer a Deus. Em nossos dias, essas penalidades foram abandonadas e, como resultado, as pessoas estão livres para interpretar erroneamente a paciência de Deus como frouxidão ou indiferença.

Em nossos dias, Deus permite que o pecado se acumule e retarda seu julgamento. Escrevendo aos que haviam endurecido o coração com relação a Deus, Paulo disse: “Contudo, por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra si mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento” (Rm 2.5). Deus nao deixou de dar atenção à justiça e à retribuição. A graça dá a ilusão de tolerância e, caso não seja corretamente interpretada, pode ser tomada como licença para pecar. O fato é que Judas, o escritor do Novo Testamento, advertiu que existem certos homens que “são ímpios, e transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor” (Jd 4). Eles confundem a paciência de Deus com leniência.

Segundo princípio: *nunca devemos interpretar o silêncio de Deus como se fosse indiferença.* A longanimidade de Deus não é sinal de fraqueza ou indiferença, mas tem o propósito de nos levar ao arrependimento: “O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3.9). Seria um erro pensar que sua “lentidão” significa que está nos deixando escapar do dia do nosso julgamento. No livro de Eclesiastes, Salomão advertiu que o atraso em aplicar a punição encoraja o mau comportamento: “Quando os crimes não são castigados logo, o coração do homem se enche de planos para fazer o mal” (Ec 8.11). Como é fácil interpretar erroneamente a paciência divina como tolerância divina!

No final, todas as penalidades serão executadas. A retribuição será exigida e nada será deixado de lado. No julgamento do grande trono branco, os incrédulos de todas as eras serão chamados a prestar contas, além de serem meticulosamente julgados. Os que vêem diferença entre a severidade do Antigo Testamento e a tolerância do Novo devem estudar essa passagem com muito cuidado: “O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo” (Ap 20.13-15). Nenhum desses terríveis acontecimentos se dá no Antigo Testamento.

É seguro pecar? No livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, C. S. Lewis conta a história de quatro crianças que encontraram um mundo mágico ao atravessar o fundo de um velho guarda-roupa no sótão de sua casa. Naquela terra, chamada Nárnia, os animais falam e uma criatura especialmente gloriosa, um leão majestoso, Aslam, representa Cristo. Alguns castores descrevem o leão para Lúcia, Suzana e Pedro. Recém-chegados a Nárnia, eles ficam com medo de se encontrar com Aslam. As crianças fazem perguntas que revelam sua preocupação.

— Ah! — exclamou Susana. — Estava achando que era um homem. E ele... é de confiança? Vou morrer de medo de ser apresentada a um leão.

— Ah, isso vai, meu anjo, sem dúvida — disse a Sr*. Castor.

— Porque, se alguém chegar na frente de Aslam sem sentir medo, ou é o mais valente ou então é um completo tolo.

— Mas ele é tão perigoso assim? — perguntou Lúcia.

— Perigoso? — diz o Sr. Castor. — Então não ouviu o que a Sr[a]. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que ele é bom. Ele é REI, disse e repito.[5]

Deus é seguro? Claro que não. “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!” (Hb 10.31). Mas, felizmente, ele é bom e, se nos chegarmos a ele por meio de Cristo, ele nos salvará.

Se você ainda acha que Deus é mais tolerante com o pecado no Novo Testamento que no Antigo Testamento então vamos dar uma olhada no que seu Filho suportou no Calvário. Imagine Jesus se curvando ante o peso de nosso pecado.^Ali aprendemos que devemos suportar pessoalmente a pena por nossos pecados ou então devemos deixá-los sobre os ombros de CristqjEm qualquer um dos casos, as penas apropriadas e justas serão exigidas. Como nós mesmos não podemos pagar por nossos pecados, teremos de viver com eles por toda a eternidade — a não ser que nos abriguemos sob a proteção de Cristo. Somente Cristo pode desviar a ira de Deus direcionada a nós.

É verdade que justiça retardada é justiça negada? Para os tribunais humanos isto é verdade, pois, com o passar do tempo, as evidências normalmente são perdidas e o ofensor é libertado. Mas isso não se aplica à Suprema Corte do céu. Com Deus, nenhum fato é perdido, nenhuma circunstância é passível de má interpretação. Todo o cenário terrestre pode ser recriado de modo que a justiça mais detalhada possa ser feita. A integridade judicial prevalecerá e cantaremos para sempre, dizendo: “A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus, pois verdadeiros e justos são os seus juízos” (Ap 19.1,2).

[5]Martins Fontes, 1983.

Seria Jesus apenas mansidão? Na mesma história de C. S. Lewis citada acima, as crianças encontram Aslam, o leão. Lúcia observa que suas patas são potencialmente convidativas e, ao mesmo tempo, ameaçadoras. Elas podem ser suaves como o veludo quando suas garras estão recolhidas, ou afiadas como lâminas quando as garras se estendem. Cristo tanto é meigo e humilde quanto aterrador e justo. Leia esta descrição de Cristo e você vai concordar que as advertências do Novo Testamento são tão terríveis quanto aquelas do Antigo:

Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus. Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca saí uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. "Ele as governará com cetro de ferro." Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19.11-16).

O que se segue é uma inacreditável descrição da mortandade que acontece depois de Jesus executar seu juízo. Com uma espada nas mãos, esmaga os inimigos e os deixa à morte no campo de batalha. Mesmo se considerarmos que a narrativa pode ser simbólica, seu significado certamente é o da revelação da vingança do Deus Todo-poderoso. O Senhor Deus do Sinai é o Senhor Deus de Sião.

|Finalmente, falando de maneira figurada, *devemos ir ao Sinai antes de chegarmos a Sião.* É preciso olharmos para o pecado antes de podermos apreciar a graçajjNa alegoria chamada *O peregrino*, um homem chamado Cristão viaja com o peso de seu pecado em seus ombros, mas o fardo é muito pesado para ele. Felizmente, chega ao Calvário e, ali, seu peso é passado para os ombros da pessoa que é capaz de carregá-lo. Para sua alegria, os horrores do Sinai são carregados pelo Filho no Calvário. Que tragédia é perceber pessoas que se sentem confortáveis consigo mesmas, pessoas que não sentiram os terrores da santa lei de Deus. Uma vez que não

se consideram perdidas, não vêem necessidade de serem redimidas. Absorvidas em si mesmas, perderam a capacidade de lamentar o próprio

Para os que estão cientes de sua necessidade, ele diz: “Venham!”. Venham ao monte Sião para receber misericórdia e perdão. Levantem-se no monte Sinai para ver seu pecado e depois se acheguem ao Calvário para enxergar o perdão: “Portanto, já que estamos recebendo um Reino inabalável, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor, pois o nosso ‘Deus é fogo consumidor!’” (Hb 12.28,29). Havia fogo no Sinai e também haverá fogo no julgamento final. *Um fogo consumidor!*

Donald McCullough escreve:

A majestade do fogo exige respeito. Não se pode tocá-lo, é preciso aproximar-se dele com cuidado e ele brande seu cetro para o bem ou para o mal. Com uma fagulha condena uma floresta às cinzas e uma casa à lembrança, tudo isso de maneira tão fantasmagórica quanto a fumaça que se levanta dos restos chamuscados do álbum de família. Por outro lado, com uma simples chama ele pode coroar uma vela com o poder de aquecer um romance ou colocar para bailar as labaredas de uma lareira que nos protege do frio. O fogo é certamente perigoso, mas não podemos viver sem ele. O fogo destrói, mas também sustenta a vida.[6]

Conta-se uma história dos primórdios dos Estados Unidos, na qual um homem e sua filha percebem que, à distância, na campina, havia uma queimada. Temendo ser engolfados pelas chamas, o pai sugeriu que fizessem uma fogueira bem no lugar onde estavam. Queimaram vários tufos de grama em um círculo que ia se abrindo

[b]*The trivialization ofGod,* p. 20.

ao redor deles. Quando as chamas da queimada se aproximaram deles, o pai confortou sua filha aterrorizada dizendo que as chamas não queimariam o mesmo terreno duas vezes. Eles estariam seguros se permanecessem no lugar onde o fogo já havia queimado.

Ao chegar no monte Sião, estamos entrando no lugar onde o fogo do Sinai já queimou. Chegamos a um lugar seguro, o lugar onde somos bem-vindos.

Ali estamos abrigados do terrível julgamento.

O Filho de Deus suportou o fogo que estava vindo em nossa direção. Somente os que acreditam em Jesus estarão livres das chamas.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Existe uma história de que alguns membros de uma sinagoga que estavam reclamando com o rabino sobre a liturgia, dizendo que esta não expressava o que sentiam. Os reclamantes pediam que o rabino fizesse com que a liturgia fosse mais relevante. O rabino lhes disse que a liturgia não tinha o propósito de expressar o que sentiam; a responsabilidade deles era aprender a sentir o que a liturgia expressava.

Existe uma lição aqui. Em nossos dias, algumas pessoas têm enfatizado demais a expressão das "necessidades" na adoração a tal ponto que se esqueceram de que, brevemente, nossa maior "necessidade" será nos colocarmos diante de Deus cobertos pela justiça de Cristo. O que realmente interessa não é como nos sentimos, mas como Deus se sente. Nossa responsabilidade *é* "aprender a sentir" o que Deus sente.

Adoremos nos dois montes, símbolos das duas alianças. Em primeiro lugar, devemos ir ao Sinai como a lembrança de nosso pecado; depois, vamos nos colocar no Calvário, a recordação da graça.

Todos no acampamento tremeram de medo. Moisés levou o povo para fora do acampamento, para encontrar-se com Deus, e eles ficaram ao pé do monte. O monte Sinai estava coberto de fumaça, pois o Senhor tinha descido sobre ele em chamas de fogo. Dele subia fumaça como que de uma fornalha; todo o monte tremia violentamente, e o som da trombeta era cada vez mais forte. Então Moisés falou, e a voz de Deus lhe respondeu.

O Senhor desceu ao topo do monte Sinai e chamou Moisés para o alto do monte. Moisés subiu e o Senhor lhe disse: "Desça e alerte o povo que não ultrapasse os limites, para ver o Senhor, e muitos deles pereçam". (£x 19.16-21)

Agora, vamos ao Calvário.

E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde. Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”

Quando alguns dos que estavam presentes ouviram isso, disseram: “Ouçam! Ele está chamando Elias”.

Um deles correu, embebeu uma esponja em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara e deu-a a Jesus para beber. E disse: “Deixem-no. Vejamos se Elias vem tirá-lo daí”.

Mas Jesus, com um alto brado, expirou.

E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. Quando o centurião que estava em frente de Jesus ouviu o seu brado e viu como ele morreu, disse: “Realmente este homem era o Filho de Deus!”. (Mc 15.33-39)

Unamo-nos ao centurião e digamos: “Realmente este homem era o Filho de Deus!”.

Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e raios, uma densa nuvem cobriu o monte, e uma trombeta ressoou fortemente.

QUARTA MENTIRA

DEUS NUNCA SOFREU

SERÁ QUE *DEUS* JÁ SOFREU?

Os judeus querem saber onde Deus estava durante o holocausto; os cristãos querem saber onde Deus estava durante o massacre dos armênios; os moradores de Kosovo querem saber onde Deus estava durante a sangrenta guerra civil. A verdade é que não existe uma pessoa, lendo este livro, que não tenha feito essa pergunta diante de uma tragédia: onde está Deus quando surge um câncer ou quando um cônjuge morre inesperadamente? Também queremos saber se o próprio Deus já sofreu — será que ele já penetrou na angústia da humanidade?

Muitas pessoas acreditam que o Deus do cristianismo é indiferente ao sofrimento humano. Alguns acham que os deuses da Nova Era, os deuses do Oriente, são mais compatíveis com nossa condição, já que essas deidades não afirmam ser onipotentes. Um deus que esteja conosco dificilmente pode ser responsável pelos males do mundo. Mas o Deus cristão, que existe independentemente do universo, que responde às orações e supostamente criou tudo o que existe — é mais passível de culpa. O Deus que vê o sofrimento humano e deixa de intervir é pouco digno de adoração.

O que você diria a alguém com uma linha de pensamento tão cética? /

Talvez vofcê se sentisse tentado a lembrar a pessoa do sol e da chuva que faz com que as colheitas se desenvolvam, de modo que tenhamos o que comer. Essa verdade não convencería o cético. Sim, existem as chuvas, mas também existem as enchentes, os furacões e

os tornados. Em alguns lugares a terra é firme, mas, em outros países, os terremotos ocorrem com freqüência. Milhões de pessoas têm uma vivem saudavelmente, outros milhões morrem cedo, sofrendo com a dor da fome, das catástrofes naturais e das doenças. Dê uma boa olhada na natureza e você será levado a acreditar que Deus realmente nao se importa. Tudo isso

me faz lembrar da brincadeira de Rodney Dangerfield: “Coloquei uma concha no ouvido, mas o sinal estava ocupado”.

Você também pode querer mostrar a humanidade ao cético. Todos conhecemos pessoas que se importam com as outras, o que deve ser indício de que Deus se preocupa conosco. Mas para cada pessoa amorosa, existe uma bastante cruel; para cada generoso, existe um avarento. Basta olhar para as manchetes nos jornais para ver o que as pessoas fazem umas às outras. Você encontrará poucas provas de que Deus realmente se importa com o mundo.

Acreditamos intuitivamente que o Deus que nao pode sofrer é incapaz de amar. Como crentes, nao conseguimos a atenção do mundo descrente, a nao ser que mostremos que Deus se importa conosco e que, por causa disso, ele não apenas compreende nosso sofrimento, mas também já o experimentou.

Por causa da descrença, as falsas religiões propagam a convicção de que o Deus cristão mostrou-se indiferente ao nosso sofrimento. Mesmo os que gostariam de acreditar em Deus concluiríam que ele não é benevolente e, infelizmente, parece que seus seguidores também não o são. Muitas pessoas consideram os cristãos críticos, preocupados apenas com os próprios interesses e nem um pouco dispostos a abandonar seu confortável estilo de vida.

C. S. Lewis escreveu que sempre esteve à beira da decepção: “Não é que eu estivesse prestes a deixar de acreditar em Deus. O verdadeiro perigo é acreditar em coisas tão terríveis sobre ele. O que mais temia não era chegar à conclusão de que, ‘bem, realmente não existe Deus’, mas de que ‘Deus é assim mesmo. Não se engane mais’”.[1]

Será que não temos razões para pensar algumas coisas terríveis sobre Deus? Será que podemos dizer com total integridade que

'Ap. Charles OHLRICH, *The suffering of God*, Downers Grove: InterVarsity Press, 1982, p. 20.

Deus se importa conosco e que, portanto, as pessoas são importantes para ele? Somente na cruz vemos o amor de Deus sem ambigüi-dades. Vemos quão longe Deus foi, o seu mais grandioso plano de resgate. Deus veio

pessoalmente para o nosso lado do abismo, disposto a sofrer por nós e conosco. Na cruz seu amor irrompe em direção à humanidade com clareza inequívoca. Pelo menos lá, descobrimos sólidas razões para acreditar que houve uma genuína ligação entre Deus e o homem. Lá vemos a misericórdia, a justiça. Lá está um Deus que sofre conosco.

Junto à cruz, a descrença acaba.

As Escrituras nos dizem que, no Calvário, “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5.19). Essas oito palavras nos mostram a essência do evangelho, a segurança de que Deus se aproximou, e a resposta às perguntas dos céticos. Deus construiu uma ponte até nós e assumiu todo o custo de sua construção. Ele anda lado a lado conosco por sobre o abismo, penetrando em nosso sofrimento. Aqui temos o Deus que encarou os duros ataques do que popularmente chamamos “destino”, embora ele mesmo tenha determinado antecipadamente que iria suportar tais ataques. Descobrimos então o Deus que nos surpreenderá e cativará nosso coração.

Para compreender melhor o sofrimento de Deus, precisamos fazer uma jornada que começa por um riacho familiar, mas que termina no profundo rio da bondade e da graça personificada de Deus.jSe olharmos atentamente para a cruz, veremos o Deus que não apenas julga, mas que também se entristece, que não apenas sente pesar, mas que também cura — o Deus que sofreJ

Três palavras comuns — *auto-substituição, submissão* e *sofrimento* — vão nos guiar a algumas bênçãos incomuns.

DEUS, O SUBSTITUTO

A idéia de substituição é tão antiga quanto o Éden, onde Deus matou animais para que Adão e Eva pudessem cobrir sua nudez. O sangue daqueles animais foi derramado por nossos primeiros pais com o objetivo de retratar a vinda de um sacrifício melhor no futuro distante. Desde aquele momento, a frase *em lugar de* foi a essência da teologia do Antigo Testamento.

Quando um anjo impediu o sacrifício de Isaque, “Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto” (Gn 22.13). De maneira providencial, Abraão tomou o carneiro e o ofereceu como oferta queimada *em lugar de* seu filho. A própria palavra *sacrifício* implica em substituição.

Quando os israelitas estavam prestes a deixar o Egito, eles asper-giram o sangue do cordeiro nos umbrais da porta, de modo que o anjo da morte passasse direto por suas casas. Assim, o cordeiro morreu *em lugar de* todos os primogênitos dos lares israelitas. Contudo, esses cordeiros eram apenas simbólicos; eram incapazes de servir como um escudo permanente contra o julgamento e eram ineficazes para retirar o pecado da nação.

O substituto a ser sacrificado precisava ter um valor suficiente para tomar sobre si a punição. Quando Deus procurou por todo o universo, não encontrou nenhum sacrifício que pudesse satisfazer as exigências para a remissão da humanidade. Nenhum animal ou homem era qualificado. Para que a barreira do pecado existente entre Deus e o homem pudesse ser removida, Deus teria de providenciar ele mesmo o substituto. Felizmente, foi exatamente o que fez.

O profeta Isaías, escrevendo como se estivesse assentado ao pé da cruz, descreveu a missão de Cristo:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido.

Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniqüidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos,

cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;

e o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós (Is 53.4-6).

t O próprio Deus, em Cristo, escolheu suportar a pena que ele mesmo ordenara. Deus tornou-se tanto nosso juiz quanto nosso substituto. Ele tanto nos sentenciou à condenação eterna quanto pagou o preço em nosso favor. Vejamos o que diz Charles Cranfield em seu comentário sobre o livro de Romanos:

Deus, porque em sua misericórdia, desejou perdoar aos homens pecadores, e, sendo verdadeiramente misericordioso, desejou perdoá-los justamente, isto é, sem açoitar o pecado, teve o propósito de dirigir contra o seu próprio ser, na pessoa de seu Filho, o peso total dessa ira justa a qual eles mereciam.[2]

Li recentemente sobre uma mãe que se colocou em cima de seu filho de dois anos de idade para absorver o impacto de um carro desgovernado que vinha em sua direção. Ela morreu, mas a criança sobreviveu. Ela tornou-se substituta, preservando a vida física daquele a quem amava profundamente. Ela literalmente morreu *no lugar de* seu filho. Da mesma forma, Deus nos resgatou de um destino ainda mais terrível, o da perdição eterna no campo moral e espiritual. Ele próprio colocou-se do lugar de absorver o impacto. Calvino escreveu: “E este o nosso livramento: a culpa que nos mantinha responsável pelo castigo havia sido transferida para a cabeça do filho de Deus”.[3]

Durante uma viagem de avião, conversei com uma mulher que inquiriu como eu poderia estar tão certo acerca do meu relacionamento com Deus.

— Se este avião cair como é que você pode saber que irá para o céu? — perguntou ela. Minha resposta foi:

—Tenho certeza disso porque estou convencido de que o sacrifício de Cristo é tudo o que Deus vai requerer de mim quando

[2]Ap. John Stott, *A cruz de Cristo,* São Paulo: Vida, 1991, p. 121 'Ibid., p. 334.

estiver diante dele. Como esse sacrifício foi totalmente aceito, estou totalmente inocentado.

A sra. H. M. Hall escreveu:

Meu pecado, sim,

Expiou na cruz;

E, por graça sem igual,

Salvou-me meu Jesus

o John Stott escreveu: “Pois a essência do pecado é o homem substituindo-se a si mesmo por Deus, ao passo que a essência da salvação é Deus substituindo-se a si mesmo pelo homem”.[1]

Sairemos agora do terreno conhecido para o menos familiar. Investigaremos o mistério do relacionamento entre o Pai e o Filho, assim como o papel do Deus sofredor.

A SUBMISSÃO DE DEUS

No mesmo capítulo citado anteriormente, Isaías retratou Cristo como uma vítima condescendente. “Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca” (Is 53.7). O profeta comparou Jesus ao cordeiro, não porque fosse fraco, mas por causa de sua submissão. Jesus podería ter chamado anjos para libertá-lo, mas morreu voluntariamente em nosso lugar.

Quem colocou Jesus na cruz? Os judeus, os gentios, nós mesmos. E Deus também. Devemos evitar um erro que cometemos muito facilmente. Alguns acreditam que um Cristo benevolente persuadiu um Deus relutante a fazer alguma coisa em favor da humanidade e, de má vontade, Deus concordou. Então, o Pai retirou sua ira contra a humanidade e a direcionou a Cris*to.*

As pessoas que concordam com essa compreensão popular da cruz normalmente a defendem citando esta mesma passagem das Escrituras, dizendo que Cristo foi “por Deus atingido e afligido” (Is 53.4) e que “foi da vontade do SENHOR esmagá-lo e fazê-lo sofrer” (v. 10). A imagem do Deus

irado, cobrando cada cláusula da punição do Cristo submisso pode distorcer nossa compreensão do Deus Todo-Poderoso. Se não entendermos corretamente o contexto, podemos concluir algumas coisas terríveis sobre Deus. Veremos o Filho como amoroso e bom, mas o Pai como relutante e severo.

Essa interpretação é totalmente inadequada diante do amor de Deus. Na verdade, a obra salvadora de Deus originou-se nele mesmo. Foi "por causa das ternas misericórdias de nosso Deus" que Cristo veio ao mundo (Lc 1.78). O versículo mais famoso da Bíblia nos ensina que "*Deus* tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito" (Jo 3.16; grifo do autor). O Pai deu início à salvação por causa de sua bondade. O Pai é o Deus redentor.

O Pai e o Filho tomaram a iniciativa juntos. Conforme disse John Stott:

Portanto não devemos dizer que Deus estava castigando ou que Jesus estiva sendo persuadido por Deus, pois fazer-lo é lançar um contra o outro, como se agissem independente um do outro ou estivessem em conflito um com o outro[...] O Pai não colocou sobre o Filho uma carga que este não estava disposto a carregar, nem o Filho extraiu do Pai uma salvação que este estiva relutante em conceder.[5]

Stott foi feliz em destacar que a vontade do Pai e a vontade do Filho coincidem em um perfeito auto-sacrifício de amor. Nunca devemos enxergar o Pai e o Filho como se estivessem em oposição um ao outro.

É verdade que Jesus clamou na cruz dizendo: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mc 15.34). Mas se na cruz o

Mbid., p. 137.

Pai se afastou do Filho, isso aconteceu porque ambos concordaram que assim deveria ser, conforme o plano de redenção que haviam escolhido.

Se o Pai e o Filho estavam unidos na decisão de criar o mundo, estavam igualmente unidos no maior ato de redenção. Apesar de a encarnação nos convidar a distinguir as pessoas da Trindade, isso não nos dá permissão para que as vejamos em conflito. Como já mencionamos anteriormente,

“*Deus em Cristo* estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5.19; grifo do autor). Isso não significa que Deus é nosso servo; simplesmente significa que, por causa do que queria alcançar, decidiu dar-se a si mesmo à nossa grande necessidade de redenção. Ele submeteu-se à nossa necessidade.

Agora, iremos além, penetrando ainda mais nas profundas águas da contemplação, tentando entender o nosso Deus sofredor. Devemos prosseguir cuidadosamente, tendo em mente que estamos entrando no mistério da encarnação e da crucificação. Nosso desafio será permanecer dentro dos limites da revelação de Deus e, sem temor, dizer que *Deus* sofreu em nosso favor.

O SOFRIMENTO DE DEUS

Chegamos agora ao acontecimento que é mais bem descrito como o ponto crítico da história, o acontecimento que ultrapassa os limites de nossa compreensão. Contemplaremos a cruz. Porém, antes de fazermos isso, devemos analisar a possibilidade do sofrimento de Deus.

Deus *pode* sofrer? Ele *sofreu*? Ele *ainda* sofre?

Durante os primeiros séculos da igreja, os crentes passaram muito tempo discutindo a impassibilidade divina, ou seja, a doutrina de que ele é incapaz de sentir dor. Alguns dizem que ele não se afeta com o que acontece na terra; não quer dizer que esteja separado de nós ou que seja indiferente, mas que simplesmente não é atingido por nossas dores. Ensinou-se muito que Deus se coloca acima de qualquer contenda, concedendo-nos sua graça, mas não sofrendo conosco nossa dor.

A *Confissão de fé de Westminster* afirma que Deus “não tem corpo, partes ou paixões, sendo imutável”.[6] Até hoje, alguns teólogos argumentam que somente a natureza humana de Cristo, e não a divina, é que sofreu na cruz. O amor de Cristo, argumentam, era o amor de Deus, o poder de Cristo era o poder de Deus, mas o sofrimento de Cristo não pertencia à Trindade. Deus não poderia sofrer na encarnação como o homem-Deus. Somente sua humanidade angustiou-se profundamente na noite anterior à sua crucificação.

Há duas razões para essa visão. Primeiramente porque Deus é imutável: "... eu, o SENHOR, não mudo" (Ml 3.6). Alterações emocionais não seriam condizentes com sua perfeição.

Segundo, Deus existe em si mesmo, além de possuir todos os recursos para seu contentamento e satisfação. Ele não precisa buscar alegrias ou dores fora de si mesmo. Não pode ser vítima do mal; não pode estar sujeito às mesmas alterações que nós. Portanto, a natureza divina não sofreu, mesmo quando Cristo morreu.

Isso é bíblico?

Certamente concordo que seria desonroso dizer que Deus é como uma criança que perde a calma, como um amante frustrado que chora diante da perda de sua companhia ou, pior, como alguém que deseja ser amado, mas é incapaz de consegui-lo. Muito mais desrespeitosa seria a noção de que Deus é vítima das próprias emoções e, como nós, não pode fazer muito com relação a mudanças de sentimentos e de humores. O Deus que sofre porque não pode evitar isso ou o Deus que sofre por causa das circunstâncias[4] além de seu controle seria patético, indigno de nossa adoração. —.....

Tendo dito isso, tenha em mente que *Deus decidiu sofrer.* Ele escolheu ser rejeitado por alguns e aceito por outros; decidiu ver seu Filho amado sofrendo em nosso lugar. Até onde sei, Deus poderia ter planejado as coisas de outra maneira. É bem possível que tivesse diante dele um número infinito de mundos nos quais não houvesse a Queda, o pecado nem a necessidade de redenção. Contudo, escolheu este plano, com toda sua injustiça e dor. Somos

[f]'Archibald HODGE, *Commentary on the Confession of faith*, Philadelphia: I'resbiterian and Reformed, 1869, p. 70.

convidados a acreditar que, da perspectiva da eternidade, este plano é o melhor (v. cap. 8).

Como humanos, sofremos involuntariamente. As circunstâncias da vida, com suas alegrias e tristezas, estão muito fora do alcance de nossas mãos. Mas tudo está nas mãos de Deus, *tudo.* Ele sofre porque assim desejou. Nenhum homem pode fazer Deus sofrer. Alguém já disse: “Ele sofre por consenso divino”. Devemos tirar para sempre de nossa mente qualquer idéia do Deus fraco, vítima do caos resultante de sua criação original.

Além do mais, Deus *ficou feliz* em sofrer. Não foi forçado a passar por uma situação na qual não encontrasse alegria, pois Deus faz tudo o que lhe agrada (SI 115.3; 135.6).

Todavia, ao Senhor *agradou* moê-lo, fazendo-o enfermar;

quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a *vontade* do Senhor prosperará nas suas mãos. (Is 53.10, ra; grifo do autor)

Paulo diz que a morte de Cristo foi um “aroma agradável a Deus” (Ef 5.2). Se acharmos que é contraditório pensar que o Pai sentiu a dor do sofrimento na cruz e, ao mesmo tempo, ficou feliz com isso, não alcançamos a complexa natureza das emoções de Deus com profundidade suficiente. Assim como podemos ter alegria na tristeza e grande conforto em meio ao sofrimento, assim o Pai entristeceu-se em um sentido, mas celebrou em outro. Visto por lentes estreitas, ele está irado e triste; mas visto do ponto de vista da eternidade, Deus está plenamente satisfeito, pois decidiu agir assim (discutirei esse assunto com mais detalhes no cap. 9).

A Bíblia descreve Deus como um ser de emoções profundas. Ele ordenou a Oséias que se casasse com uma mulher que se tornaria prostituta. O sentimento de Oséias, de traição e perda, representava a traição e a perda que Deus experimentou com relação à nação desobediente de Israel. Você deve achar que uma das vantagens de ser Deus é nunca sentir-se desapontado; além do mais, ele tem poder infinito e nada pode ficar em seu caminho. Mas Deus pode sentir pesar também. Não há pior tristeza que a do amor não correspondido e o Todo-Poderoso planejou experimentar esse sentimento. Leia este versículo e veja o sentimento de Deus.

Não é Efraim o meu filho querido?

O filho em quem tenho prazer?

Cada vez que eu falo sobre Efraim, mais intensamente me lembro dele.

Por isso, com ansiedade o tenho em meu coração; tenho por ele grande compaixão", declara o Senhor. (Jr 31.20)

Em outra passagem, Deus pergunta: "Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Embora ela possa esquecê-lo, eu não me esquecerei de você!" (Is 49.15). O profeta descreve o amor apaixonado e a ira abrasadora de Deus. Deus deseja açoitar o filho rebelde e, ao mesmo tempo, abraçá-lo. Uma vez que somos feitos à imagem de Deus, somos levados a pensar que Deus tem emoções. Como o Espírito Santo se entristece por causa do nosso pecado, certamente podemos dizer o mesmo do Pai.

Séculos atrás, Lutero contendeu com Erasmo, dizendo que este havia falhado em fazer justiça à majestade de Deus: "Seu Deus é muito humano", disse ele. Estou certo de que tal crítica foi válida, pois, como já vimos, criamos ídolos quando percebemos Deus como um ser "muito humano". Também é possível ter um conceito de Deus que não seja suficientemente humano. Todos nós encontramos pessoas cujas emoções foram praticamente extintas em função de um abuso sofrido ou de alguma outra tragédia.|Em minha opinião, seria realmente terrível se, tal qual os antigos deuses gregos, Deus fosse incapaz de sentir dor ou pesar.J

Chegamos agora a um acontecimento que mais claramente revela o sofrimento de Deus.

O SOFRIMENTO DA CRUZ

E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde. Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: "Eloí, Eloí, lamá sabactâni?", que significa "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"

Quando alguns dos que estavam ali ouviram isso, disseram: "Ele está chamando Elias".

Imediatamente, um deles correu em busca de uma esponja, embebeu-a em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara e deu-a a Jesus para beber. Mas os outros disseram: “Deixem-no. Vejamos se Elias vem salvá-lo”.

Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito. (Mt 27.45-50)

Todo mundo reconhece que Cristo sofreu na cruz. Sua tristeza no Getsêmani, sua expressão de pesar e seu choro naqueles momentos finais testificam sua dor e agonia. O que estava acontecendo quando ele morreu? Tornou-se legalmente culpado por nosso pecado. Aquele que era perfeito entrou em contato com o genocídio, o estupro, o adultério, a avareza, a crueldade e o assassínio: “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (lPe 2.24).

O Pai que amava o Filho abandonou-o temporariamente, aumentando a angústia deste. O Pai não interveio nem escolheu confortar seu Filho. O ladrão crucificado próximo a Jesus insultou-o dizendo: “Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!” (Lc 23.39). Apesar de poder lançar mão da onipotência, embora tenha sido necessário conter os anjos para que não o poupassem da morte, Jesus permaneceu na cruz por escolha divina. O sacrifício exigia isso. Tocado por tal atitude, Isaac Watts escreveu:

Na cruz morreu por mim, Jesus,

Meu soberano, meu Senhor,

Pois quis assim ali salvar A mim, tão pobre pecador.[7]

[7]*Salmos e hinos com músicas sacras,* hino 55.

Mas será que sofreu somente como um homem ou também como Deus? Toda a Trindade envolveu-se emocionalmente com sua agonia? Ou o Pai aceitou passivamente o pagamento que o Filho oferecia naquele dia escuro em Jerusalém?

É inimaginável ouvir o clamor de Cristo “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” e achar que o Pai não tenha sofrido. Como pais, sabemos

que se assistíssemos ao nosso filho sendo crucificado, não seria apenas ele que estaria sofrendo. Pense no estreito relacionamento que existe entre as pessoas da Trindade. Na verdade, são um em essência, um em propósito e um em vontade. Se Cristo sofreu como homem, podemos seguramente afirmar que Deus sofreu.

-► Dennis Ngien, professor do Seminário Teológico de Ontário e autor do livro *The suffering of God [O sofrimento de Deus*] concorda que o Deus que não pode sofrer é o Deus que não pode amar. Se Deus não sentisse a dor de seu povo, seria difícil refutar a conclusão de que ele é indiferente à nossa condição. "Deus sofre", diz Ngien, "porque sua vontade é amar".[8] Dietrich Bonhoeffer também compartilhou essa idéia, quando escreveu da prisão: "Somente o Deus sofredor pode ajudar". O sofrimento não é sinal de fraqueza, mas, em vez disso, engloba a decisão de amar. Se somente a humanidade de Cristo tivesse sofrido na cruz, então não teria havido verdadeira encarnação. Se assim fosse, deveríamos concluir que foi simplesmente um homem que morreu na cruz, e não o Deus-homem.

George Butterick descreve um quadro da crucificação em uma igreja italiana que contém uma grande e assombrosa figura atrás .do retrato de Cristo. O prego que perfura a mão de Jesus atravessa a mão de Deus. A lança que perfurou o lado de Jesus penetra em Deus.[9] O bispo Stephen Neill escreveu: "Se a crucificação de Jesus [...] é de algum modo, como os cristãos tem crido, o morrer do próprio Deus, então [...] podemos compreender com que Deus se

"The God who suffers, *Christianity Today*, 3/11/1997, p. 40. ■'Ap. STOTT, *A cruz de Cristo*, p. 143.

parece".[10] Lutero observou que, se somente um homem tivesse morrido por nós, estaríamos perdidos.

Devemos dizer confiantemente que, quando você vê Cristo na cruz, você está vendo Deus. Não existe contradição entre o sofrimento do Messias e a natureza de Deus. Cristo disse de maneira bastante prática: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14.9). É simplesmente impossível separar Cristo, o homem, do Cristo Deus. O pastor P. T. Fosyth disse:

Deus morrendo pelo homem[...]. Não tenho medo dessa frase; não posso deixá-la de lado. Deus morrendo pelos homems, e por homens tais — homens hostis, malignamente hostis[...] Ele deve ou infligir o castigo ou assumi-lo. E Ele escolheu o ultimo caminho, honrando a Lei ao mesmo tempo que salvando o réu. Ele levou o seu próprio juízo.[11]

Contudo a Bíblia faz uma parada repentina, deixando de dizer que "Deus morreu". Isso porque a imortalidade pertence à essência de Deus: ele é "o único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver. A ele sejam honra e poder para sempre. Amém" (lTm 6.16). Então tornou-se *homem* para que pudesse morrer.

Talvez a admoestação de Paulo aos anciãos de Efésios seja a passagem das Escrituras que mais se aproxima da idéia de Deus ter morrido. Ele disse: "Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou *com o seu próprio sangue*" (At 20.28; grifo do autor).

Uma outra possibilidade de a Bíblia não dizer explicitamente que Deus morreu é que o Deus do Novo Testamento é freqüentemente representado como "Pai" e a pessoa que morreu na cruz não foi o Pai, mas o Filho. Contudo, precisamos nos lembrar que as duas pessoas da Trindade podem ser distintas, mas não separadas: "Tudo isso

"Ibid., p. 138.

"Ibid.

provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação" (2Co 5.18). John Stott novamente nos pede para manter o equilíbrio:

Se falarmos somente do sofrimento e morte de Cristo, menosprezamos a iniciativa do Pai. Se falarmos somente do sofrimento e morte de Deus, passamos por alto a mediação do Filho [...] Deus [estava] agindo em Cristo e através dele com sua concorrência total. [12]

Um cético amargurado perguntou: “Como seria possível que o Deus que é todo amor e que sabe todas as coisas permitisse que seu Filho fosse assassinado na cruz com o objetivo de redimir meus pecados? Porque *ele* não desceu e foi ao Calvário?”. A resposta é: “Em Cristo, ele fez exatamente isso!”.

Charles Wesley não fugiu da corajosa afirmação:

Que grande amor! Como pode ser

Que tu, meu Deus, quiseste por mim morrer?

A pequena criança que diz “eu amo Jesus, mas tenho medo de Deus” precisa ter sua teologia corrigida. Se Jesus se importa com ela — e ele realmente se importa — Deus também se importa. Se Cristo é tocado por sua dor, Deus também o é. Precisamos nos lembrar que seu coração não pode ser separado do coração do Filho. “Só existe um meio de passar por nosso sofrimento: entender o sofrimento de Deus, colocar nosso sofrimento sobre o dele e nos lembrarmos de que tudo o que é nosso é dele”, disse Louis Everly. Houve uma mulher cujo filho foi morto em um acidente e que perguntou ao pastor, com bastante irritação:

— Onde Deus estava quando meu filho morreu?

Seu pastor respondeu:

— No mesmo lugar onde estava quando o Filho dele foi morto.

Nossa luta perpétua é conciliar o amor de Deus com o sofrimento

[L!]Ibid. p. 141.

humano. Existem os que acham que Deus lhes deu as costas, que os abandonou na hora de maior necessidade. Na hora do desespero, o que queremos é enxergar o coração de Deus. Queremos entender que ele não apenas tem poder, mas que também tem sentimentos. Todos nós vemos a dor no rosto de um filho quando o pai permanece indiferente aos seus

sofrimentos. Podemos nos alegrar com o fato de que [nosso Pai celestial não é assim: não apenas conhece o sofrimento, mas também o sente.Jj

Se você quiser saber o quão indignado Deus fica com o pecado do mundo, olhe para a cruz. Alguém já disse: “Ali, o amor e a justiça se encontram na imensa catarse dà emoção divina”. Não havia solução humana para a nossa desavença com Deus. De que maneira Deus pode ser justo e, ao mesmo tempo, perdoar o pecado? Como pode ser amor e assim mesmo punir? Mas Deus não é um homem. Encontra a maneira de ser assim, sem comprometer sua justiça e sem negar seu amor. jAli, na cruz, vemos amor e justiça apaixonadamente unidos e compondo-se em satisfação mútuaj

Se foi Deus em Cristo quem foi morto, se foi Deus quem voluntariamente permitiu que as forças do mal *se* aproximassem dele por meio de seu Filho, então acabamos de descobrir outra maneira pela qual o cristianismo se diferencia das outras religiões. O cristianismo diz que Deus voluntariamente aceitou os maus-tratos nas mãos de suas criaturas.

O SOFRIMENTO DE DEUS HOJE

Sim, Deus pode sofrer. Sim, Deus sofreu. Será que ainda sofre?

Creio que o sofrimento de Deus não terminou com a cruz. Ele continua a senti-lo conosco, em nosso estado de criaturas caídas. Deus não tem prazer em nos ver sentindo dor, mas tem propósitos não revelados para os quais está direcionando todas as coisas. Lembre-se da promessa: “Quando você atravessar as águas, eu estarei com você; quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do fogo, não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas” (Is 43.2). As tristezas da terra são sentidas no céu.

Você deve conhecer a história de Elie Wiesel, ganhador do prêmio Nobel, judeu, sobrevivente do holocausto. No campo de concentração, ele foi forçado a testemunhar o enforcamento de dois homens e um rapaz, todos judeus. Os dois homens morreram quase instantaneamente, mas o rapaz debateu-se por quase meia hora na forca.

Alguém atrás de Wiesel murmurou: “Onde está Deus? Onde está ele?”. Essa era a pergunta que Wiesel também fazia. Então, uma voz dentro dele parecia dizer: “Ele está lá, pendurado na forca”.[13]

Como você interpreta essas palavras? Creio que significam que Deus está no sofrimento da humanidade. Ele está no lado afetado por essas atrocidades. Ravi Zacharias comenta: “Onde está Deus? Bem ali, naquele prédio. Lá, naquele saco plástico. De alguma maneira a cruz nos invade como o único ponto de definição razoável para o mundo ferido. O próprio Deus está na forca para que possamos nos aproximar”.[14]

Nossa aflição não é meramente vista por um Deus distante e que só se preocupa conosco às vezes, mas pelo Deus que pode sentir nossas dores e feridas. Como sumo sacerdote, Cristo compreende nossas fraquezas e você pode ter certeza de que os mesmos sentimentos afetam nosso Pai celestial. Para o jovem que era discípulo de Cristo, mas que abandonou a fé depois que sua irmã foi brutalmente assassinada, posso dizer: “Deus se importa e também sente!”. Ele não está calejado por já ter visto tanto mal desde a Queda. Séculos de violência e dor não podem torná-lo insensível — seu caráter é imutável e absoluto.

Para a mulher com quem acabei de falar ao telefone, que vive com um marido irado e bruto, posso dizer com integridade: “Deus sofre com você”. Deus nos ama com amor eterno. Se a palavra *amor* tem algum significado, deve significar que Deus sente nossas dores. “Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão

[13] *Night*, trad. Stella Rodway. New York: Bantam Books, 1982, p. 61.

[u] *Cries of the heart*, Nashvile: Word, 1998, p. 60.

dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (SI 103.13,14).

Deus é o sofredor silencioso; ele sabe, compreende e se importa. Carrega nossas dores perto do seu coração. Quando Cristo perguntou a Saulo — que, naquela época, era perseguidor de cristãos — “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (At 9.4), o Senhor estava deixando implícito que ele

mesmo sentia os golpes e a dor da injustiça. Uma vez que os membros da Trindade são um, com certeza o Pai também sentia aquilo.

Na África, um incêndio atacou uma cabana, queimando-a rápida e intensamente, matando todos os membros de uma família, exceto uma pessoa. Um estranho aproximou-se da cabana e, no meio das chamas, apanhou uma criança pequena, levando-a para fora em segurança, desaparecendo em seguida no meio da escuridão.

No dia seguinte, a tribo reuniu-se para decidir o que faria com o garoto. Pensando de maneira supersticiosa, presumiram que aquela deveria ser uma criança especial, uma vez que havia sobrevivido ao fogo. Um homem conhecido por sua sabedoria insistiu em adotar o garoto. Uma outra pessoa, conhecida por sua riqueza, achava que era a pessoa mais qualificada para fazê-lo.

Conforme a discussão prosseguia, um homem jovem e desconhecido encaminhou-se para o meio do círculo e insistiu em que ele tinha prioridade sobre aquele menino. Então mostrou suas mãos levemente queimadas pelo fogo da noite anterior. Ele era quem o resgatara e, portanto, insistiu em que o garoto era seu por direito.

É assim que nosso Salvador ferido clama por nós. Bonhoeffer estava certo: somente um Deus sofredor pode ajudar. Somente um Deus sofredor pode redimir.

Os outros deuses eram fortes, mas tu foste fraco.

Eles caminhavam, mas tu te assentaste em um trono.

Porém, às nossas feridas somente as feridas

de Deus podem falar

E nenhum Deus tem feridas a não ser tu.[2]

Não resolvemos o problema do sofrimento. Apenas dissemos que podemos suportá-lo de maneira muito melhor quando sabemos que o Pai e o Filho

são por nós. Provaram pessoalmente a dor que enfrentamos em um mundo cheio de pecado.

Isso não significa que todas as nossas perguntas foram respondidas, mas que temos na cruz a mais clara prova de que Deus se importa conosco. Nosso conforto está no fato de que nosso Deus não apenas caminha conosco, mas sente nossas tristezas e aflições. Chegará um dia em que seu povo compreenderá mais plenamente.

No próximo capítulo consideraremos um aspecto completamente diferente nos propósitos de Deus. Descobriremos que, apesar de sofrer, Deus limitou o dom da salvação aos que colocam a fé em seu Filho. Estaremos errados se acharmos que a compaixão de Deus será maior que sua justiça, ou se pensarmos que seu objetivo principal é a felicidade de sua criação. Contemplaremos os propósitos extremamente complexos de Deus.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Deixe-me sugerir que você leia o capítulo 11 do livro de Oséias e tente entender o profundo amor de Deus, sua ira e seu senso de traição, mas também seu prazer quando seus filhos teimosos se reconciliam com ele. Neste trecho vemos o anseio de Deus e seu desapontamento descritos de maneira bastante vivida. Adore a Deus enquanto lê o texto, tentando conectar-se com as emoções ali descritas. Alguns dos versículos estão impressos a seguir, mas seria melhor se você lesse o capítulo todo em sua própria Bíblia.

Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho.

Mas, quanto mais eu o chamava, mais eles se afastavam de mim.

Eles ofereceram sacrifícios aos baalins e queimaram incenso para os ídolos esculpidos.

Mas fui eu quem ensinou Efraim a andar, tomando-o nos braços; mas eles não perceberam que fui eu quem os curou.

Eu os conduzi com laços de bondade humana e de amor [...]

Como posso desistir de você, Efraim?

Como posso entregá-lo nas mãos de outros, Israel?

Como posso tratá-lo como tratei Admá?

Como posso fazer com você o que fiz com Zçboim?

O meu coração está enternecido, despertou-se toda a minha compaixão.

Não executarei a minha ira impetuosa, não tornarei a destruir Efraim.

Pois sou Deus, e não homem, o Santo no meio de vocês.

Não virei com ira. (Os 11.1-4,8,9)

Alegremo-nos com o fato de que nosso Deus pode identificar-se com as feridas da sua criação.

QUINTA MENTIRA

[1]

Ibid., p. 144.

[2]

Edward SHILLITO, Jesus of the scars, Areopagus Proclamation 10, n.° 7, 4/2000.

A SALVAR OS SEGUIDORES DE OUTRAS RELIGIÕES

IMAGINE UMA MÃE EM UM PAÍS DO TERCEIRO MUNDO, vivendo na miséria. Seu marido foi morto numa guerra civil. Sua filha foi brutalmente estuprada. Essa mãe arrasta-se por dezenas de quilômetros para conseguir alguns litros de leite para seu filho faminto. Uma epidemia varre toda a vila, ela é infectada e, depois de meses de inacreditável sofrimento, morre. E por pertencer a uma religião não-cristã, de acordo com a teologia cristã, ela sairá de um inferno para entrar em outro. Só troca um inferno temporário por um eterno.

E possível imaginar esse cenário? Será que essa idéia gera questionamentos sobre o amor e a justiça de Deus? Se Deus tem emoções — como vimos no capítulo anterior — não é inconcebível que algumas pessoas que criou sejam mandadas para o inferno eterno? E, para complicar um pouco mais as coisas, muitos dos que experimentam essa perdição eterna nem mesmo tiveram a oportunidade de acreditar em Cristo. Não seria arrogância demais sugerir que existe apenas um caminho para o céu e os que o perdem, mesmo que não seja por sua culpa, estão perdidos para sempre?

É desnecessário dizer que esse assunto gera controvérsias veementes. Um artigo do jornal *Chicago Tribune* intitulado “Os teólogos abrem o portão do céu um pouquinho mais”, noticia que teólogos protestantes e católicos estão atacando a noção ultrapassada de que a salvação eterna está limitada aos que creem em Cristo.[1] A pressão cultural do pluralismo e a crescente presença de pessoas de outras religiões estão fazendo com que seja praticamente impossível manter a posição exclusivista. Existem pessoas boas e más em todas as religiões. Se Deus realmente ama o mundo inteiro, não podería limitar a salvação aos que fossem afortunados o bastante para ter nascido no Ocidente, aos que pudessem ouvir facilmente sobre Cristo — não é mesmo? A idéia de que pode condenar alguns à perdição eterna por causa de um acidente de nascimento é terrível demais para ser levada em conta.

Todos nós gostaríamos que o caminho para o céu fosse mais largo, possibilitando-nos uma resposta mais aceitável aos que ridicularizam a fé crista, pois, em seu modo de pensar, ela não leva em consideração os sinceros adoradores dè outras religiões. Como podemos responder aos que nos acusam de possuir uma mente restrita e insensível? Que resposta daríamos aos que dizem que o Deus deles, felizmente, tem a mente mais aberta que o nosso?

Sim, já posso ouvir as objeções: “E quanto aos que nunca ouviram falar de Cristo; estariam também excluídos da graça de Deus?”.

“E justo Deus mandar alguém para o inferno, especialmente os que nunca tiveram a chance de acreditar em sua mensagem?”

“E possível que adoradores sinceros de outras religiões sejam salvos por meio de Cristo, embora tais pessoas só venham a conhecê-lo no céu?”

“Não seriam os cristãos considerados fanáticos por acreditarem na maioridade do cristianismo?”

Essas perguntas não são puramente teóricas. São assuntos de vida e morte, de céu e inferno. Missionários nos contam que, quando pessoas de outras religiões passam a acreditar em Cristo, freqüentemente perguntam: “Qual será o destino final dos meus pais que morreram acreditando em uma

religião diferente?”. À medida que nos relacionamos com pessoas de outras religiões, o questionamento com relação à sua salvação nunca sai da nossa mente.

Onde podemos encontrar respostas para essas perguntas? Quem pode ser o árbitro entre os pontos de vista conflitantes? Devemos olhar para dentro de nós mesmos para encontrarmos a resposta? Deveriamos olhar para a natureza ou simplesmente chegar a um consenso de opiniões? Será que o que *nós* pensamos realmente importa? John Stott escreveu:

Se formos às Escrituras com conceitos já definidos, esperando ouvir apenas um eco de nossos próprios pensamentos em vez de darmos ouvido àquilo que Deus pensa, então realmente Deus não falará conosco e apenas teremos uma confirmação de nossos preconceitos. Devemos deixar que a Palavra de Deus nos confronte, que perturbe nossa segurança, que mine nossa complacência e que destrua nossos padrões de pensamento e comportamento.[1]

Mais uma vez é preciso ter em mente que não devemos formar um conceito de Deus “de baixo para cima”, mas devemos humildemente nos submeter à Palavra de Deus. Acreditamos no Deus que se revela e que nos deu um facho de luz, um vislumbre de seus propósitos. Começaremos este capítulo com o que está claro na Bíblia e prosseguiremos em direção ao que está mais obscuro. Responderemos a quatro perguntas que nos levam ao cerne desses assuntos tão delicados.

A SALVAÇÃO SÓ ACONTECE POR MEIO DE CRISTO?

Já aprendemos que a Bíblia é bastante clara: a salvação só é possível por meio de Cristo. Veja as próprias palavras de Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6). O apóstolo Paulo expressou-se da seguinte maneira: “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate

’Paul GALLOWAY, 28/1/1996, p. 1.

por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo" (lTm 2.5,6). Os apóstolos concordavam com isso e Pedro disse: "Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12).

Já vimos as fortes razoes pelas quais Cristo não é apenas uma opção entre outras. Ele não é apenas um mestre, como os fundadores de outras religiões; Jesus é o Salvador. Somente ele está qualificado para levar as pessoas até Deus. Tenha em mente que precisamos ser perfeitos para que Deus nos aceite; Cristo é o único que pode nos perdoar e nos atribuir a perfeição que precisamos.

Os crentes do Antigo Testamento foram salvos a crédito. Deus "desconsiderou" seus pecados por aquele período de tempo, até que Cristo viesse e fizesse o pagamento que Deus pudesse aceitar. Assim como se pode desfrutar de um carro e pagar por ele depois, as famílias de Abraão, Isaque e Jacó desfrutaram de benefícios que seriam comprados posteriormente. Assim, eles possuem o mesmo mediador, o mesmo sacrifício que nós.

Esses fatos em si não encerram a questão de as outras religiões poderem ou não ser uma porta de entrada para Cristo. Quando fazemos a pergunta "é possível que seguidores de outras religiões também sejam salvos por causa de Cristo?", alguns teólogos sugerem que a resposta é *sim.* Esses professores vêem outras religiões como concorrentes amigáveis que têm muito em comum com o cristianismo e a obra do *Logos* (Cristo), o qual ilumina todo o homem que vem ao mundo. Nos livros *A wideness in God's mercy [A amplidão na misericórdia divina*], de Clark Pinnock, e *No other name [Nenhum outro nome],* de John Sanders, observamos certa insistência em que Cristo é o único caminho para a salvação, mas que não é necessário colocar a fé diretamente nele para receber os benefícios de sua obra na cruz e de sua ressurreição. O argumento deles é que Deus sabe que Cristo *é* o único caminho para a salvação, mas os que não ouviram o evangelho ignoram essa verdade. Sua religião deve funcionar como um "mestre", que inconscientemente os leva a Cristo.

Pinnock e Sanders poderiam concordar com Raymond Panikkar: "Um hindu de boa fé é salvo por Cristo e não pelo hinduísmo, mas é por meio

dos sacramentos do hinduísmo, da mensagem da mora-1 idade e da vida correta, do mistério que chega até ele por intermédio do hinduísmo que Cristo normalmente salva os hindus".[3] Panikkar conclui que as pessoas podem realmente ser salvas em Cristo por meio de outras religiões.

Vários teólogos deram sugestões para explicar como Deus traz devotos sinceros de outras religiões à salvação. Primeiramente, existe a visão da "luz posterior", extraída desta passagem da primeira carta de Pedro: "Pois também Cristo sofreu pelos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão que há muito tempo desobedeceram, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto a arca era construída" (1 Pe 3.18-20).

Alguns interpretam essa passagem como o relato da pregação do evangelho por Cristo aos que estavam no Hades. Eles concluem que as pessoas terão oportunidade de aceitar ou rejeitar a Cristo depois da morte. Na igreja primitiva, Ireneu e Tertuliano ensinavam que Jesus libertou do inferno, quando desceu até lá, apenas os crentes do Antigo Testamento. Clemente, de Alexandria, e Atanásio ensinavam que Jesus havia libertado do inferno tanto judeus quanto gentios e que essa forma de evangelismo continua até hoje.

Mas existem certas objeções a esse ponto de vista. Por um lado, não se pode afirmar com plena certeza que Pedro estava ensinando que Cristo fora ao Hades. Talvez esse texto signifique que, pelo mesmo Espírito Santo, Cristo, por meio de Noé, pregou aos espíritos que estavam em prisão. Esses espíritos seriam seres humanos que viveram durante o tempo de Noé. Mas mesmo se considerarmos que Cristo foi e pregou aos espíritos no período entre sua morte e ressurreição, não temos idéia do que

[3] *The unknown Christ of Hinduism.* London: Darton, Longman and Todd, 1965, p. 54.

disse. Talvez apenas tenha anunciado seu triunfo ou explicado a razão do justo julgamento que aquelas pessoas estavam sofrendo. Não há evidência de que tenha dado uma oportunidade final para se arrependerem. Finalmente, dizer que Cristo está fazendo a mesma coisa hoje é forçar o texto quase à sua ruptura. Indepen-dentemente de qual interpretação

aceitemos, a passagem refere-se a um acontecimento passado sobre o qual não há nenhuma indicação de que tenha continuado.

A segunda sugestão defende que Deus salvará as pessoas que não aceitaram a Cristo como Salvador baseado em sua presciência. Sabendo não apenas o que aconteceu, mas também o que aconteceria sob diferentes circunstâncias, ele sabería se uma pessoa que não ouviu o evangelho, digamos, no Sri Lanka, o teria aceitado caso tivesse nascido no Canadá. Baseado nisso, prossegue o argumento de que Deus salvaria aquela pessoa.

Mas até mesmo se a eleição fosse baseada na presciência (uma visão com a qual eu não concordo), seria pura conjectura achar que Deus salva alguns por causa do que teriam feito sob determinadas circunstâncias. Cristo disse que, caso tivesse realizado alguns milagres nas cidades de Tiro e Sidom, em vez de tê-los realizado em outras cidades menos abertas ao evangelho, “elas se teriam arrependido, vestindo roupas de saco e cobrindo-se de cinzas” (Mt 11.21). Contudo, Jesus não indica que isso signifique que as cidades de Tiro e Sidom seriam salvas no julgamento futuro. Todos podemos nos lembrar de situações nas quais, pelo menos segundo nossa opinião, praticamente qualquer pessoa teria aceitado a Cristo. Mas a Bíblia ensina que Deus leva em conta o que aconteceu, em vez de o que podería ter acontecido.

Em terceiro lugar, existem os que acreditam que Deus simplesmente abre uma exceção e decide aceitar o sacrifício de Cristo a favor de pessoas sinceras de outras religiões. Em outras palavras, Deus coloca os pecados dessas pessoas sobre os ombros de Cristo, embora elas não saibam que isso aconteceu — se bem que no final de tudo, vão saber. Essa linha de pensamento defende a idéia de que Deus abriu tais exceções com Enoque, Jó, Melquizedeque, Jetro e outras personagens do Antigo Testamento. Desse modo, o Salvador aceita os budistas e hindus sinceros, que se encontrarão com Cristo apenas na morte. Tal como as crianças, as quais muitos acreditam, serão salvas mesmo sem ter fé em Cristo, pessoas das mais diversas religiões serão salvas apesar de não terem acreditado explicitamente em Cristo.

Mas esse argumento não é convincente, pois existe uma boa razão para acreditar que os homens do Antigo Testamento, aos quais me referi acima, responderam positivamente a Deus por terem recebido uma revelação

especial. Ouviram sobre o Senhor e não estavam seguindo outros deuses. No que se refere à analogia com as crianças, elas não têm a capacidade de responder à revelação geral da natureza ou da consciência, de modo que sua situação é totalmente diferente. Existe diferença entre os que não podem ouvir (as crianças) e os que são grandes o suficiente para ouvir e entender, caso a oportunidade lhes seja dada.

Muitas pessoas citam Cornélio como exemplo de alguém que se converteu sem ter fé direta em Cristo. Ele era um homem devoto que temia a Deus juntamente com todos de sua casa. Você deve lembrar-se que Pedro recebeu uma visão correspondente à que Cornélio recebera. Quando eles se encontraram e Pedro percebeu que Deus tinha intenção de salvar aquele homem, disse: “Agora percebo verdadeiramente que Deus não trata as pessoas com parcialidade, mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo” (At 10.34,35).

Deveriamos interpretar essa passagem, como alguns, concluindo que Deus aceita quem o teme, independente de qual seja sua religião? John Sanders diz: “Cornélio já era um crente salvo antes de Pedro chegar, mas ainda não era um cristão”.[4] A partir dessa idéia, ele conclui que algumas pessoas são salvas, embora não sejam cristãs.

Mais uma vez, essa interpretação parece falha. Por um lado, como Gary Phillips destaca em um artigo intitulado “Pluralismo evangélico: um problema único”, as pessoas da época do Novo Testamento que temiam a Deus acreditavam na verdade do sacrifício propiciatório e Cornélio já havia respondido a uma

[4]*No other name*, Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 208.

revelação especial (At 10.3-8).[2] Por outro lado, o texto diz que ele não foi salvo até que Pedro lhe pegasse a Palavra (At 11.14). Finalmente, e mais importante, devemos interpretar o comentário de Pedro à luz do contexto: acabara de experimentar uma visão convencendo-o de que os gentios também estavam incluídos no plano de salvação. Quando diz que Deus não demonstra parcialidade, mas aceita pessoas que temem outros deuses, Pedro não está dizendo que são salvos fora do evangelho. Está simplesmente

afirmando o que, para ele, era uma idéia radical, ou seja, que até mesmo os gentios podiam receber a mensagem da redenção.

Existem os que discordariam de Pinnock em alguns aspectos e concordariam com ele em outros. Mas tanto ele quanto Sanders usam um princípio de interpretação que quase com certeza garante o resultado que procuram. Esse princípio é de que a idéia que o homem tem sobre a justiça deve, em grande parte, controlar o que acreditamos com relação ao destino dos que não conhecem a Cristo como Salvador.

Para mim é lamentável que Sanders diga que Deus deve ter algum arranjo especial para os que não foram evangelizados e que, caso não o tenha, Deus seria menos digno de adoração, menos justo e menos amoroso que os próprios seres humanos.[3] Obviamente, por esse critério, Deus não deveria permitir a existência de terremotos, fomes e guerras, uma vez que qualquer ser humano sensível impediría tais atrocidades, se tivesse poder para isso. Essa é uma forma errada de pensar e uma teologia ruim.

E perigoso usar nossa compreensão de justiça para controlar o resultado de nossa interpretação bíblica. Gary Phillips tem razão quando diz:

Quando usamos a justiça como um critério (e, inevitavelmente, as exceções tendem a proliferar), outras desigualdades além da ignorância clamam por atenção: alguns podem ter ouvido o Evangelho de um pai que cometeu abuso contra eles, ou de um pastor que mais tarde cometeu adultério. Outros podem ter ouvido falar de Cristo, por meio de alguém cujas habilidades intelectuais não servem de exemplo para qualificar o cristianismo como uma fé apropriada para pessoas ponderadas.

Outros ainda são suficientemente desafortunados por serem ricos — um enorme impedimento à salvação [...] Todos esses, embora não por falha própria, não estariam inclinados a aceitar o evangelho.[7]

A questão é clara: todo ser humano pode concluir que rejeitou o evangelho por causa de alguém ou de alguma coisa que foi “injusta”. Todos nós gostaríamos de reescrever o que a Bíblia diz sobre Deus para torná-lo mais justo. Em algum momento da vida, já pensamos no que faríamos, se

fôssemos Deus, para minimizar o sofrimento do ser humano nesta vida e na que está por vir. Naturalmente, o problema é que nós não somos Deus.

A peregrinação teológica de Clark Pinnock é útil para compreender de sua inclinação pelo Deus "justo" (de acordo com sua definição). Já faz alguns anos que abandonou o calvinismo, com sua ênfase na soberana escolha de Deus quanto à salvação, voltando-se para o arminianismo, com sua ênfase no livre-arbítrio. Contudo, ele foi mais longe, afastando-se do arminianismo tradicional e optando pela crença em um Deus finito, um Deus que nem mesmo conhece o futuro. Argumentou que, se Deus sabe quem será salvo e quem se perderá, em um certo sentido o futuro é fixo. Assim, o Deus de Pinnock não escolhe as pessoas nem mesmo baseando-se no conhecimento prévio; na verdade, ele não escolhe ninguém, pelo contrário, nós o escolhemos, pois o conhecimento de Deus é limitado. Deus nem mesmo sabe quem será salvo e quem se perderá!

Pinnock acha que Deus assumiu o risco quando criou o mundo e deu ao homem o livre-arbítrio. Prossegue e conclui que Deus não sabe antecipadamente quais são as decisões que o homem toma com base em seu livre-arbítrio: "E possível que surja uma enorme

[7]EvangeIical pluralism: a singular problem, p. 12.

novidade na história que não foi prevista por Deus".[4] Pinnock acredita que a ignorância por parte de Deus faz com que o evangelho pareça mais digno de confiança, mais "justo" (considerarei essa visão em detalhes no cap. 7).

As teorias de Pinnock não se encerram aqui. Depois de ter decidido que Deus tinha de ser "justo", adotou a visão de que quem é sincero em sua religião pode ser salvo sem ter fé em Cristo. E, se não for salvo nesta vida, poderá pedir por misericórdia na vida futura. Todo o que se coloca diante de Deus em julgamento e pede por misericórdia a receberá. Os livros de Deus, assim diz ele, não estão fechados. Se, ainda assim, existirem alguns ímpios que não avaliaram todas essas oportunidades, a justiça exige que sejam aniquilados, em vez de sofrer conscientemente para sempre.[5]

Tendo isso em mente, não é de admirar que tenha escrito o texto a seguir:

Quando nos aproximamos de uma pessoa que tenha uma fé diferente da nossa, será com espírito de expectativa que tentaremos descobrir como Deus tem falado àquela pessoa e que nova compreensão da graça e do amor de Deus podemos descobrir nesse encontro. Nossa primeira tarefa ao nos aproximarmos da outra pessoa, da outra cultura e da outra religião é tirar os sapatos, pois o lugar onde estamos chegando é santo. Do contrário, estaremos pisoteando os sonhos dos homens. Mais sério ainda é que estaremos esquecendo que Deus estava ali antes de nossa chegada.[6] [7]

Pinnock vê as outras religiões como transicionais e, dessa forma, os cristãos têm oportunidade de ajudar seus praticantes na busca da verdade por meio do diálogo: "Deus, o Logos, têm mais alternativas quanto à redenção do que aquilo que aconteceu na Palestina do século i", escreve ele.[11] Por incrível que pareça, Pinnock parece acreditar no *Logos* universal que age em todas as religiões.

Nossa idéia humana de justiça está baseada na limitada compreensão dos propósitos de Deus. Deus pode ter planos diferentes, conforme Isaías disse:

"Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos", declara o Senhor. "Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos" (Is 55.8,9).

Gary Phillips diz com precisão: "As especulações são rapidamente tomadas como certezas; uma interpretação improvável de um texto é considerada como a interpretação real". Uma vez que um teólogo como Pinnock e um professor como Sanders interpretam uma passagem para se encaixar em sua visão, eles usam essa idéia para reinterpretar dezenas de outras passagens que contradizem o ponto de vista deles. Não temos o direito de termos a mente mais aberta que Deus. Citando Gary Phillips mais uma vez, "é melhor errarmos ao escolhermos a segurança que apostar na tolerância especulativa".[12] Não podemos ir além daquilo que Deus revelou. Se ele tem um plano para salvar as pessoas de outras religiões, parece que não desejou revelá-lo a nós.

COMO A BÍBLIA VÊ AS RELIGIÕES NÃO-CRISTÃS?

As Escrituras exigem que vejamos as outras religiões como tentativas fracassadas que o homem empreendeu para alcançar a Deus por meio

“Ibid., p. 77.

“Evangelical pluralism, p. 11, 15.

de esforços humanos e de iluminação intelectual. Paulo fez duas considerações sobre o paganismo. Primeiramente, disse que os que adoram ídolos, na verdade estão adorando demônios:

Quero dizer que o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios (ICo 10.20,21).

Paulo não disse que os gentios (os pagãos do texto) estavam realmente adorando a Deus do seu jeito. Ou adoramos o verdadeiro Deus, ou adoramos os ídolos. Leia estas passagens do Antigo Testamento e tire suas conclusões:

Derrubem os seus altares, esmigalhem as suas colunas sagradas e queimem os seus postes sagrados; despedacem os ídolos dos seus deuses e eliminem os nomes deles daqueles lugares (Dt 12.3).

Todos os deuses das nações não passam de ídolos, mas o SENHOR fez os céus (SI 96.5).

Então Elias ordenou-lhes: “Prendam os profetas de Baal. Não deixem nenhum escapar!” Eles os prenderam, e Elias os fez descer ao riacho de Quisom e lá os matou (lRs 18.40).

Em segundo lugar, Paulo ensinou que as religiões prosperaram porque o homem não honra o verdadeiro Deus. Por causa da rebelião, os homens “trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a

semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis” (Rm 1.23). Uma das características da idolatria é que sempre confunde a criatura com o Criador. Satanás orquestrou as falsas religiões, oferecendo uma infinidade de opções, mas todas contrárias ao evangelho de Cristo.

Há uma história sobre alguns homens cegos de um país asiático que investigaram um elefante, e cada um chegou a uma conclusão diferente quanto à melhor descrição daquele animal. O que segurou a cauda achava que segurava uma corda. Quem abraçou uma perna achava que se parecia com uma árvore. O que segurou a tromba achou que se tratava de uma cobra. Algumas pessoas usam essa história para mostrar que as diferentes religiões são simplesmente os vários aspectos da mesma realidade. Mas, se refletirmos no que a Bíblia diz sobre as outras religiões, somos forçados a concluir que não estamos nem sequer descrevendo o mesmo elefante!

Mesmo os que buscam o Deus verdadeiro não podem chegar a qualquer conhecimento da salvação oferecida pelo Todo-Poderoso sem a luz da revelação. Quando esteve no Areópago, Paulo disse que Deus estabeleceu os tempos e as fronteiras das nações da terra “para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós” (At 17-27). A seguir, exortou seus ouvintes a crerem no Deus que havia ressuscitado Cristo dos mortos. Sem a luz da revelação, o melhor que o homem pode fazer é “tatear” o conhecimento, esforçando-se para encontrar um fio de esperança e um meio de perdão.

Não posso negar que existam alguns bons ensinamentos éticos em outras religiões. O budismo, em particular, enfatiza uma forma de devoção altruísta que parece ter alguma coisa em comum com o cristianismo. Isso é de esperar, já que todas as pessoas foram criadas à imagem de Deus e têm consciência moral. Mas uma religião não precisa ser totalmente falsa para que seja desastrosamente errada. As outras religiões fracassam na questão mais importante, ou seja, a maneira pela qual os pecadores podem se reconciliar com Deus. Em suma, caso adorem alguma coisa, estarão adorando outro deus.

Independentemente do nosso desejo de ver os não-cristãos salvos, devemos ter cuidado quanto a sermos mais brandos do que o ensinamento bíblico nos

permite. Dado o nosso conhecimento finito, devemos nos curvar diante de Deus pelo que ele é e não pelo que gostaríamos que fosse.

DE QUE MANEIRA SERÃO JULGADOS OS QUE NÃO OUVIRAM FALAR DE CRISTO?

O que queremos saber é se Deus pode ser justo caso não aceite pessoas que não ouviram o evangelho. Ficamos pensando se o seu amor não aceitaria outras pessoas do modo como são, quer aceitem seu Filho quer não. A resposta bíblica é que Deus julgará as pessoas pelo que fizeram com o conhecimento que tinham. Em outras palavras, Deus julgará quem nunca ouviu o evangelho baseando-se na *revelação geral.*

Em primeiro lugar, a revelação geral inclui a luz da natureza. As Escrituras nos dizem:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fiíteis e o coração insensato deles obscureceu-se (Rm 1.18-21).

Deus mostra claramente seu poder eterno e sua natureza divina na criação. Assim como o Deus que não pode ser visto tornou-se visível em Jesus, o Deus que não pode ser visto é visível em sua criação.

Existe outra forma de revelação geral, que é a consciência do divino existente em todo ser humano. Qualquer pessoa tem dentro de si um senso inato de certo e errado, de valores transcendentes, um conhecimento de que existe um padrão de comportamento correto. Nosso coração atesta esta verdade:

Todo aquele que pecar sem a lei, sem a lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado [...] (De fato, quando os gentios, que não têm a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os (Rm

2.12,14,15).

Até mesmo os gentios, que não tiveram a lei revelada no Sinai, fazem "instintivamente" as coisas da lei. Desse modo, Deus os julgará com base na consciência e na natureza. Eles não receberam os Dez Mandamentos, mas têm uma lei moral elementar escrita em seu coração. Deus não esperaria que guardassem o dia sagrado do sábado, uma vez que tal instrução só podería vir da revelação especial. Mas sabem que matar e roubar são coisas erradas; sabem que o egoísmo também é errado. Portanto, a pergunta é: de que modo viveram de acordo com essas expectativas?

Deus não perguntará aos que nunca ouviram falar de Cristo por que não o aceitaram! Isso seria injusto. O julgamento é sempre de acordo com o conhecimento, em concordância com a luz que lhes foi dada. Como disse F. F. Bruce, Deus julgará os não-cristãos "pela luz que lhes é disponível, não pela luz que não viram". Paulo argumenta, porém, que tanto gentios quanto judeus serão "indesculpáveis" no dia do julgamento.

O que esse julgamento revelará? Primeiramente, mostrará que ninguém vive de acordo com os padrões da luz que conhece. Paulo diz que os gentios "anulam" a verdade por sua iniqüidade. Abandonados a nós mesmos, cauterizamos nossa consciência e reinterpretamos a natureza de modo que se encaixe aos nossos desejos. No final, todos somos criaturas desonestas que enganam a si mesmas, ludibriam os outros e, finalmente, tentam mentir para Deus. Somos fundamentalmente desonestos.

Segundo, esse julgamento confirmará que a natureza não pode nos dar o que precisamos, ou seja, a justiça de Deus confiada a nós. Se os padrões de Deus para a aceitação não fossem sua santidade, se ele pudesse aceitar a imperfeição humana, haveria esperança; mas, felizmente, não pode agir

assim. Nenhum judeu jamais viveu à altura da lei de Moisés e nenhum gentio jamais viveu à altura da luz de sua consciência. O veredicto de Deus é claro: "... todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23). Assim, vemos que apenas Cristo conseguiu. Somente ele pode nos dar a perfeita justiça que precisamos.

Acredito que os que estão dispostos a admitir que estão destituídos da glória de Deus, os que deixam os deuses feitos por homens e desejam conhecer o único e verdadeiro Deus, recebem luz adicional, de modo que possam ser levados ao conhecimento de Cristo. À medida que Deus trabalha no coração das pessoas, alguns passam a buscá-lo honestamente. Minha crença é consistente com as palavras de Paulo aos atenienses que já lemos anteriormente, em que afirma que Deus determinou onde as diferentes nações se estabeleceríam geograficamente e o Senhor "fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. 'Pois nele vivemos, nos movemos e existimos', como disseram alguns dos poetas de vocês: 'Também somos descendência dele"' (At 17.27,28).

Várias pessoas que foram criadas em religiões não-cristãs nos dizem que, quando estavam para deixar seus deuses e buscar "o único e verdadeiro Deus", sonharam com Jesus e, mais tarde, tiveram contato com algum pregador do evangelho. Ou então, se não houve um sonho, as pessoas tiveram contato com o Novo Testamento por meio de algum acontecimento providencial.

Entretanto, devemos ter cautela pois, embora essas histórias sejam bastante enriquecedoras, não nos fornecem base para a posição teológica definitiva sobre a questão. Devemos humildemente deixar o veredicto final para Deus, reconhecendo que há muitas coisas no relacionamento de Deus com os membros de outras religiões que não sabemos. Temos apenas o princípio bíblico de que Deus baseia seu julgamento no conhecimento e de que o Senhor levará em conta a resposta e o comportamento de cada pessoa.

COMO SERÁ O JUÍZO FINAL?

Quando Deus nos julgar, ele o fará de acordo com padrões meticulosos de evidência e justiça. Os que estão sob a proteção da salvação de Cristo serão

salvos, pois Cristo já pagou sua dívida. Os que responderam apenas à revelação geral precisarão assumir as conseqüências de seus feitos. De modo algum, porém, a punição será a mesma para todos. Ouçam as palavras de Cristo:

Aquele servo que conhece a vontade de seu senhor e não prepara o que ele deseja, nem o realiza, receberá muitos açoites. Mas aquele que não a conhece e pratica coisas merecedoras de castigo, receberá poucos açoites. A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido. (Lc 12.47,48)

A revelação geral é a base para o julgamento, mas não para a salvação. Se você precisa de três mil reais para a faculdade e eu lhe dou apenas trezentos, meu presente é insuficiente para que você pague a faculdade, mas é suficiente para julgar sua reação. Por meio desses trezentos reais posso dizer se você me ama ou me rejeita. Seu modo de reagir pode determinar se receberá ou não a quantia total.

Podemos ter certeza de que, primeiramente, haverá diferentes graus de punição baseados no conhecimento; segundo, que Deus levará em conta qualquer informação sobre a circunstância e a reação interior do coração. O conhecimento de Deus será detalhado, equilibrado e completo.

Deus distribuirá justiça tão precisamente, com equilíbrio tão perfeito, que por toda a eternidade cantaremos: “Justos e verdadeiros são os teus caminhos” (Ap 15.3). Acredito que até mesmo os que estão perdidos — sim, até o próprio Diabo — terão de confessar por toda a eternidade que o que Deus fez foi justo e reto. Deus nunca comete injustiça.

Deus tem obrigação de salvar a todos? Rigorosamente falando, ele não tem obrigação de salvar a ninguém. Contudo, exige-se que seja justo. Seria impensável que o Deus que pede que nos portemos de maneira justa não seja ele próprio justo. Sim, Deus tem que ser amoroso, porque nos ordena que sejamos amorosos. Seu amor é justo; sua misericórdia é justa. Até onde sabemos, Deus decidiu não salvar nenhum dos anjos caídos. Condenou-os ao julgamento sem misericórdia. Julgou-os simplesmente pelo que fizeram à luz de sua revelação, assim como julga os que conhecem apenas a revelação geral sem buscar o verdadeiro Deus.

Deus é justo? Essa é uma pergunta capciosa. Já mencionamos o perigo de consultarmos a Palavra de Deus munidos de nossas noções do que venha a ser justiça. Se considerarmos que justiça significa que Deus deve tratar todo o mundo de maneira similar, então tenha certeza de que Deus não é "justo" nesse sentido da palavra. Um terremoto na Turquia mata 15 mil pessoas; o desmoronamento na Venezuela mata 30 mil. Na região dos EUA onde vivo, o Meio-Oeste, nunca houve um terremoto de grandes proporções em, digamos, cinqüenta anos. Deus não trata as nações ou regiões do mundo do mesmo modo. Isso é justo? (no próximo capítulo, estudaremos como Deus se relaciona com as catástrofes naturais).

Deus não tratou Hamurábi, rei da Babilônia, da mesma forma que tratou Abraão. Deus não tem obrigação de tratar a todos da mesma maneira. Temos um mundo de pessoas que possuem habilidades diferentes, oportunidades diferentes e tempo de vida diferente. A alguns, Deus mostra sua misericórdia e, a outros, sua justiça. Essa é simplesmente a maneira que Deus escolheu para governar este mundo. Ele pode fazer isso e ser justo. Preciso enfatizar que nao podemos julgar a Deus por essa questão. Podemos simplesmente nos curvar e aceitar sua autoridade e o mistério de seus propósitos.

Em resposta aos que desejam fazer com que os portões do céus sejam mais abertos do que estão no Novo Testamento, Carl Henry diz: "O equívoco comum em nossos dias em relação a Deus origina-se na ênfase da teologia moderna sobre o amor como o atributo mais importante de Deus, conferindo caráter secundário à sua justiça, que não recebe a mesma importância dada ao amor como parte da natureza do divino".[13]

Não existe padrão fora de Deus pelo qual a humanidade possa julgar o Todo-poderoso. Deus não precisa se conformar ao nosso padrão de justiça, embora deva ser justo, agindo de acordo com sua natureza e com seus objetivos a longo prazo. Dentro desses parâmetros, é livre para fazer o que lhe aprouver. Se dissermos, como alguns, que seria injusto Deus requerer a punição eterna pelos pecados cometidos durante o período de tempo relativamente pequeno de alguns anos, nao podemos fazer outra coisa a não ser citar as palavras de Jonathan Edwards:

Nossa obrigação de amar, honrar e obedecer a qualquer ser é diretamente proporcional à amabilidade, à honradez e à autoridade daquele ser [...] Mas Deus *é* um ser infinitamente amoroso, pois tem infinita excelência e beleza [...] Assim, um pecado contra Deus, uma violação de obrigações infinitas, deve ser um crime infinitamente abominável, merecendo, portanto, punição infinita [...] A punição eterna do homem ímpio retribui essa infinitude [...] proporcional, portanto, à crueldade daquilo de que o homem é culpado. [14]

John Piper observa que os horrores eternos do inferno são a viva demonstração do permanente valor da glória de Deus, que os pecadores depreciam. A punição eterna é destinada aos que são eternamente culpados. Paulo perguntou: "E então, que diremos? Acaso Deus é injusto? De maneira nenhuma!" (Rm 9.14). Sim, mesmo se estivéssemos perdidos, Deus seria justo.

Paulo deu prosseguimento ao argumento de que Deus mostra sua justiça e ira quando atinge os ímpios, mas também usa de misericórdia e graça para com os que nele acreditam. Quando Paulo fala da imparcialidade de Deus (Rm 2.11), simplesmente quer dizer que Deus julgará o mundo incrédulo pelo princípio que já afirmamos, a saber, conhecimento e resposta.

[13]Ap. William V. Crocket & James G. Sigountos, orgs., *Through no fault of their own?*, Grand Rapids: Baker, 1991, p. 254.

[14]Ap. John Piper, *Let the nations be glad*, Grand Rapids: Baker, 1993, p. 128.

Não seria perigoso ou possivelmente arrogante insistirmos em que Deus se amolda ao nosso pensamento, caso contrário deixaríamos de lhe prestar nossa adoração irrestrita? Ouvi dizer que no filme intitulado *Rudy*, um professor da escola Notre Dame dirige-se a um jogador de futebol que foi tirado do time. O professor diz que depois de vários anos de magistério, chegou a duas conclusões plenamente verdadeiras: "Deus existe e eu não sou ele!". Duas lições dignas de ser aprendidas!

O fato de Deus não dever salvação a todas as pessoas (na verdade, não deve a ninguém) ainda nos perturba, pois perguntamos: "Será que o Deus amoroso não poderia ter arranjado o mundo de maneira que mais pessoas pudessem se beneficiar da suprema obra de Cristo?". Alguém poderia até

dizer que o amor deveria superar quaisquer barreiras que existissem para a salvação de qualquer homem.

Contudo, Deus tem um plano maior do que esse que podemos ver. Foi seu propósito eterno que o levou a escolher este mundo da maneira como é. O teólogo Benjamin Warfield observa que o amor de Deus deve necessariamente estar sob o controle de sua justiça e de seus propósitos eternos. Quando perguntado por que Deus não salva mais pessoas, diz que a velha resposta ainda é suficiente: "Em seu amor, Deus salva tantos culpados da raça humana quanto possível, conforme o consentimento de sua divina natureza".[8] Ao contemplarmos essas coisas, devemos levar em conta os objetivos eternos e misteriosos de Deus. "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei" (Dt 29.29).

1

Authentic Christianity, *Christianity Today*, 6/9/1999, p. 104.

2

Evangelical pluralism: a singular problem, *Bibliotheca Sacra*, Apr./Jun. 1994, p. 11.

3

No other name, p. xvii, 3, 6.

4

David BASINGER & Randall BASINGER, orgs., *Predestinação e livre-arbítrio*, Mundo Cristão, 1989.

5

A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions,

6

Grand Rapids: Zondervan, 1992, p. 98, 111, 158, 172-6.

7

“Ibid., p. 141.

8

The plan of salvation, Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 74.

CONCLUSÕES DESAFIADORAS

Devemos concluir, então, que a necessidade de proclamar o evangelho é urgente. Devemos ter em mente que os propósitos de

Deus para o mundo estão além das fronteiras. Sua intenção de ter no céu representantes de todas as tribos, línguas e nações será cumprida. Quando Jesus ordenou: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16.15), confirmou que é o Salvador do *mundo,* e não apenas o Salvador dos que estão ao alcance da sua voz. Multidões estão se convertendo em algumas partes da África!

Minha segunda conclusão é esta: eu preferiria morrer como alguém que nunca ouviu de Cristo do que como uma pessoa que ouviu o evangelho e o rejeitou. Sim, eu preferiria morrer como aquela mãe sofrida, à qual me referi no começo deste capítulo, do que ter ouvido de Cristo e tê-lo rejeitado, talvez pelo fato de sua exigência de exclusividade ter me ofendido.

Pelo que pude observar a maioria das pessoas preocupadas com o destino dos membros de outras religiões não estão suficientemente preocupadas consigo mesmas. Porém, se os que conhecem apenas a revelação geral são “indesculpáveis”, quanto mais culpados serão os que tiveram uma Bíblia em suas mãos, que chegaram a ter alguma proximidade com a igreja e os que, se quisessem, poderíam ter buscado a salvação em Cristo?

Seriam os cristãos arrogantes por acreditar que seu caminho é o único caminho? Naturalmente que esse não é o “nosso caminho”, no sentido de que fomos nós quem o criamos! Em um programa de entrevistas, um rabino acusou um cristão por dizer que estava fazendo a obra de Deus: “Os cristãos” disse ele, “abrem os portões dos céus para alguns e para outros não”. Porém, naturalmente, é somente Deus quem pode abrir os portões do céu para quem ele desejar e os fechar para quem ele quiser. Tudo o que podemos fazer é ler a Bíblia para descobrir o que diz sobre esse assunto. As Escrituras nos ensinam que o caminho estreito é o “caminho de Deus”, e a nós foi dado o privilégio de acreditar nele. O fato de sermos

privilegiados por colocar nossa fé em Cristo nos humilha e esse é, na realidade, o perfeito remédio para a arrogância.

UM COiNVITE À REFLEXÃO

Este é um dos vários caputulos difíceis deste livro. E possível que existam três respostas paira o que Deus revelou. Primeiramente, alguns dos que tenham ouvido essas duras palavras podem ser tentados a se voltar para o *atgnosticismo*: essas pessoas diriam que a idéia da punição consciente e eterna é muito difícil de aceitar, mesmo para os que rejeitaram o evangelho, e muito mais se essa punição for aplicada aos que nem sequer o ouvirram. A segunda possibilidade é a *ira:* se essa é a maneira de Deus cuidar deste mundo, eu me oporei a ele. Um homem certa vez me disse: “Se eu for para o inferno, amaldiçoarei a Deus por toda a eternidade. Isso é uma questão de honra”.

Outra reação possível é a *admiração:* o sentimento, com o qual não podemos lutar, de que, se <é isso o que Deus revelou, devemos aceitar com humildade. Deus não respondeu a todas as nossas perguntas, mas lembra-nos de que ele é Deus e nossa responsabilidade é adorá-lo. Que reconheçamos humildemente as palavras das Escrituras:

Ai daquele que cont ende com seu Criador, daquele que não passa de um caco entre os cacos no chão. Acaso o barro pode dizer ao oleiro:

“O que você está fazendo?”

Será que a obra que você faz pode dizer:

“Você não tem mãos?” (Is 45.9)

E então, que diremos? Acaso Deus é injusto?

De maneira nenhuma! Pois ele diz a Moisés:

“Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. (Rm 9.14,15)

Se você desejar, faça esta oração comigo: “Senhor, aceitamos o teu veredicto; reconhecemos o teu direito de fazer o que é agradável à tua vista. Ajuda-nos a nos alegrarmos no que tu nos revelastes e a deixarmos contigo os mistérios da tua vontade. Ajuda-nos a nos lembrarmos de que tu és o oleiro e nós o barro. Cremos que tudo o que tu fazes é bom. Amém”.

SEXTA MENTIRA

DEUS NÃO SE RESPONSABILIZA

PELOS DESASTRES DA NATUREZA

OUVI DIZER QUE, DEPOIS DE UM TERREMOTO NA CALIFÓRNIA alguns anos atrás, um grupo de pastores reuniu-se para um café da manhã de oração. Enquanto falavam sobre os danos nas estradas e a destruição dos prédios, todos concordaram que, para efeitos práticos, Deus não estava envolvido naquele desastre. A terra está decaída e os terremotos acontecem simplesmente em função de certas leis naturais. Contudo, para surpresa de todos, ao fazer a oração final um dos pastores agradeceu pelo fato de o terremoto ter acontecido às 5 horas da manhã, quando havia poucos carros nas ruas e as calçadas estavam praticamente desertas. Quando a oração terminou, os colegas concordaram em coro: “Amém!”.

E então, Deus estava envolvido com aquele terremoto ou não? Por que alguém deveria agradecer pelo momento em que o terremoto acontece, se foi provocado apenas por uma força neutra? Por que deveriamos até mesmo orar para que fôssemos poupados de uma situação como essa, se Deus não está diretamente envolvido nas coisas que estão acontecendo neste mundo caído?

“Não, Deus! Não, Deus! Não, Deus!”. Essas são as palavras de um homem que aparentemente achava que Deus tinha alguma relação com a natureza. Orou assim quando estava no porão de sua casa, enquanto um tornado mortal destruía sua residência e seu comércio. Centenas de famílias que perderam suas casas perambulavam pelo entulho deixado por dezenas de furiosos tornados que varreram vários quilômetros dos Estados americanos de Kansas e Oklahoma, matando pelo menos 43 pessoas e destruindo mais de 1 500 casas e centenas de pontos comerciais. Uma enorme nuvem, em espiral, varreu aquela área durante quatro horas e foi classificada como F5, o mais poderoso tornado que já houve, com ventos de mais de 400 quilômetros por hora.[1]

As estatísticas por si só não são tão expressivas. Mas pense na criança de dois anos de idade arrancada dos braços do pai, jogada a dezenas de metros de altura e, depois, atirada impiedosamente no chão. Ou no pai que se arrastou para dentro de um abrigo antitorna-do para morrer afogado lá dentro, quando o lugar foi inundado.[2]

Tudo isso é pequeno quando comparado ao terremoto de 1999 na Turquia, no qual morreram 15 mil pessoas. Leia a seguir o relato de um jornalista, que pode ajudá-lo a visualizar e a sentir a agonia das famílias deixadas para trás.

A escolha é entre dois tipos de inferno: um é aquele em que as vítimas do terremoto ficam com os cobertores encharcados em um campo barrento ou no chão da floresta sob forte chuva; o outro é na cidade onde não é possível encontrar nenhum abrigo nos prédios, as pessoas dormem entre as ruínas, os ratos aparecem em grande quantidade e os corpos das vítimas ainda estão espalhados nas proximidades.

As pessoas perdidas no devastado corredor industrial, de cerca de 300 quilômetros, no noroeste da Turquia, fizeram sua escolha. Estão indo para as montanhas em número cada vez maior. Assustadas e traumatizadas, a ponto de quase não sentirem mais nada ou de nem conseguirem chorar por aqueles que morreram, têm apenas um pensamento: sair daqueles lugares horríveis que, um dia, chamaram de lar.

Com o passar das horas, o que antes era uma cidade alvoroçada, vai se tornando em um lugar deserto, e mais de 250 mil pessoas aceitam o fato de que a vida naquele lugar não é mais possível. Os danos foram tão grandes em quatro cidades [...] que precisaram ser demolidas. Nenhuma das casas de várias comunidades entre Istambul e Adapazari pode ser ocupada com segurança.

Ontem, mais uma vez, choveu sem parar. Aqueles que ainda permaneciam aqui cobriram-se com caixas de papelão pretas e folhas de papel. Caminhavam pelos destroços como fantasmas em preto e branco ou tentavam dormir em qualquer lugar que conseguissem.[3]

Penso nos maremotos de Honduras que mataram cerca de 25 mil pessoas e deixaram provavelmente meio milhão de habitantes sem casa. As avalanches de lama na Venezuela mataram em torno de 50 mil pessoas em apenas alguns dias. Pela televisão, vemos a pobreza, os órfãos, a água contaminada e as cidades devastadas. Não conseguimos compreender a magnitude do desastre. Graças aos noticiários, ouvimos as notícias e vemos as imagens, mas alguns dias depois as notícias vão diminuindo. Contudo, essas pobres pessoas atingidas convivem com a tragédia pelo resto da vida.

Muitas pessoas se referem a esses acontecimentos como “atos de Deus”, enquanto outros acreditam ser necessário absolver Deus de qualquer envolvimento pessoal. Insistem em que Deus é um observador interessado, mas que entregou o mundo e a natureza ao seu destino. Assiste a esses acontecimentos terríveis com um mínimo de envolvimento. Sim, Deus poderia impedi-los, mas optou pela política de “não-envolvimento”, interferindo apenas ocasionalmente nas leis naturais.

O propósito deste capítulo é responder a cinco perguntas: Deus está no controle das catástrofes naturais ou não? Se a resposta for afirmativa,

estaríamos lutando com Deus quando lutamos com a natureza? Se esse for o caso, poderiamos culpar a Deus por estar fazendo o mal? Como devemos interpretar esses acontecimentos, e que mensagem Deus está tentando nos transmitir por meio de tal

[1] *Chicago Sun Times,* 5/5/1999, p. 1. [2]Ibid.

'The lost and helpless flee from hell to the hills, *Independent Foreign News,* 26/H/I999.

devastação? E, finalmente, podemos confiar em um Deus que permite (planeja?) tragédias tão horríveis?

DEUS ESTÁ NO CONTROLE DAS CATÁTROFES NATURAIS?

As Escrituras deixam claro que a natureza está decaída. Deus disse a Adão: "... maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo" (Gn 3.17,18). Em algum lugar ouvi a história de um homem que passava boa parte do tempo cultivando um jardim de flores. Um amigo seu passou em frente ao jardim, admirou-o e disse:

— Por Deus, que maravilha o Senhor criou aqui!

O jardineiro respondeu:

— E verdade, mas você precisava ter visto como Deus deixou isso aqui antes de alguém cuidar!

Sim, se quisermos beleza e simetria, devemos cuidar do jardim.

Quando Deus amaldiçoou o homem, também amaldiçoou a natureza. Deus não permitiria que o homem-pecaminQSO Gon,tinu^.. asse a viver em um paraíso sem pecado. Assim como temos nosso lado bom e nosso lado ruim, a natureza também os tem. Agora a natureza aguarda a nossa redenção, de modo que também possa ser redimida juntamente conosco. Felizmente a maldição será revertida, conforme Paulo confirmou: "A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam

revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8.19-21).

Todos os dias vemos o resultado da maldição: maremotos, terremotos, tornados, furacões, secas e inundações. Na realidade, o número de catástrofes naturais está aumentando. Milhares de pessoas são mortas a cada ano pelas poderosas convulsões das forças da natureza. Será que isso significa que Deus se afastou da natureza? Será que poderia realmente estar colocando em prática a política de "não-envolvimento" com essas tragédias?

É preciso fazer distinção entre as causas imediatas e a causa final desses acontecimentos. A causa imediata de um terremoto é a falha abaixo da crosta terrestre. Para ser mais específico, a parte de cima da crosta move-se em uma direção, enquanto a parte menor move-se lentamente na direção oposta. A causa imediata de um tornado são os ventos e um determinado padrão de temperatura. Mas a causa final desses acontecimentos é Deus. O Senhor governa a natureza diretamente ou por causas imediatas, mas, seja qual for a maneira de agir, Deus está no controle. Além do mais, ele é o Criador, o sustentador de todas as coisas. Costumamos cantar o hino de Isaac Watts:

A glória eterna do Senhor em tudo posso ver;

Em cada planta, em cada flor, eu vejo o seu poder.

De suas obras, sem cessar, Deus cuida com amor.

Que o mundo inteiro venha dar louvor ao Criador.

Há várias gerações, quando o rádio foi inventado, ouvi dizer que alguns cristãos explicavam que aquela transmissão quase miraculosa da voz humana através do ar era um truque satânico. Afinal, o argumento era que o diabo era "o príncipe do poder do ar" (Ef 2.2). Hoje só podemos rir diante dessa idéia, mas aqueles crentes estavam certos em um aspecto: Satanás

realmente viaja pelo ar, provocando destruição. No livro de Jó, Deus deu a Satanás o poder de controlar os relâmpagos e uma tempestade de vento. Contudo, pergunto mais uma vez: isso quer dizer que Deus relegou tais calamidades a seu infeliz arquiinimigo?

Pense nisto: primeiramente, o Deus que permite a existência de catástrofes naturais pode optar por *não* permitir que aconteçam. No próprio ato de permiti-los, Deus demonstra que estão dentro das fronteiras de sua providência e de sua vontade. Observe que, na história de Jó, Satanás provocou as calamidades naturais de relâmpagos e vento. Mas ele pôde fazer isso somente quando Deus lhe deu permissão; ele o fez porque Deus disse: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele” (Jó 1.12). Lutero tinha razão ao dizer que “até mesmo o Diabo é o Diabo de Deus”.

Em segundo lugar, algumas vezes as Escrituras mostram Deus como quem controla da natureza, mesmo que não existam causas imediatas. Quando os discípulos estavam no meio da tempestade, quase se afogando, Jesus despertou do sono e disse: “Aquiete-se! Acalme-se!”. O efeito foi imediato: “O vento se aquietou, e fez-se completa bonança” (Mc 4.39). O mesmo Jesus podería ter dito essas mesmas palavras e o maremoto de Honduras teria obedecido; a chuva que fez com que a terra se transformasse em lama e descesse as montanhas da Venezuela não teria se transformado em inundação.

Em terceiro lugar, se os céus declaram a glória de Deus, se é verdade que o Senhor revela seus atributos por meio do lado positivo da natureza, por que as calamidades da natureza também não revelariam alguma coisa sobre seus outros atributos? Não existe indicação bíblica de que o Deus que criou as estrelas e as mantêm alinhadas esteja de algum modo separado da natureza. Se a natureza serve para nos dar uma visão equilibrada de Deus, também devemos ver seu julgamento. “O SENHOR faz tudo o que lhe agrada, nos céus e na terra, nos mares e em todas as suas profundezas. Ele traz as nuvens desde os confins da terra; envia os relâmpagos que acompanham a chuva e faz que o vento saia dos seus depósitos” (SI 135.6,7).

Quem mandou o Dilúvio nos tempos de Noé? Deus disse: “Eis que vou trazer águas sobre a terra, o Dilúvio, para destruir debaixo do céu toda

criatura que tem fôlego de vida. Tudo o que há na terra perecerá" (Gn 6.17). Deus determinou o momento certo, a duração e a intensidade da chuva. Tudo isso aconteceu de acordo com sua palavra.

Quem enviou as pragas do Egito, o granizo e as trevas que podiam ser apalpadas? Quem fez com que o sol "parasse" para que Josué pudesse vencer uma batalha? Quem fechou os céus no tempo de Elias e depois trouxe chuva em resposta à sua oração? Quem mandou o terremoto quando os filhos de Corá se rebelaram contra Moisés?

Este acontecimento é de especial interesse: "Assim que Moisés acabou de dizer tudo isso, o chão debaixo deles fendeu-se e a terra abriu a sua boca e os engoliu juntamente com suas famílias, com todos os seguidores de Corá e com todos os seus bens. Desceram vivos à sepultura, com tudo o que possuíam; a terra fechou-se sobre eles, e pereceram, desaparecendo do meio da assembléia" (Nm 16.31-33).

Pode alguém duvidar que Deus é a causa final desses desastres?

A Bíblia não deixa dúvida quanto a quem foi o causador da tempestade que forçou os marinheiros a jogarem Jonas para fora do navio: "O SENHOR, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar, e caiu uma tempestade tão violenta que o barco ameaçava arrebentar-se" (Jn 1.4). Os marinheiros estavam desesperados, querendo jogar fora a carga desnecessária, mas lemos: "Em seguida pegaram Jonas e o lançaram ao mar enfurecido, e este se aquietou" (Jn 1.15). Está claro que Deus é o responsável por aquela tempestade.

O que todas essas histórias têm em comum? Primeiramente, percebemos que Deus controlou esses acontecimentos meticulosa-mente. O terremoto, o vento impetuoso, ou ainda a tempestade, tudo vinha e ia embora de acordo com a Palavra de Deus. Segundo, na maioria dos casos, esses acontecimentos foram atos de julgamento. Foram esses os meios pelos quais Deus expressou seu ódio pela desobediência. Nos tempos do Antigo Testamento esses julgamentos normalmente separavam o justo do ímpio (não é o que acontece hoje, como veremos daqui a pouco). Contudo, até mesmo naqueles tempos, vemos que, às vezes, o justo também era vítima

desses julgamentos. Os filhos de Jó morreram não porque fossem ímpios, mas porque Deus queria testar o pai deles.

Se você ainda tem alguma dúvida de que Deus é quem tem o controle da natureza, deixe-me perguntar-lhe: você já orou pedindo tempo bom para um dia de casamento? Já orou pedindo chuva em época de seca? Já orou pedindo proteção durante uma tem-pestade com relâmpagos e trovões? Muitas pessoas que não acreditam no controle de Deus sobre o tempo mudam de idéia quando veem uma nuvem em espiral se aproximando de suas casas.

O grande pregador inglês do século xix, Charles Haddon Spurgeon, estava convencido de que o controle que Deus exerce sobre a natureza é preciso e completo:

Creio que cada partícula de poeira que dança diante de um raio de sol não move um átomo sequer para um lado ou para outro sem que Deus deseje; cada partícula de água que se choca contra um navio tem sua órbita determinada do mesmo modo que o sol descreve seu caminho no céu. A moinha que sai da peneira traça uma rota do mesmo modo que as estrelas têm suas órbitas. O caminhar de um inseto sobre uma roseira é tão determinado quanto a marcha de uma pestilência devastadora; a queda das folhas secas de uma árvore são plenamente ordenadas como a dança de uma avalanche. Aquele que acredita em Deus deve crer nessa verdade.[4]

Como era de esperar, algumas pessoas acusaram Spurgeon de ser fatalista, mas ele disse que era uma doutrina completamente diferente. “A sina diz o que uma coisa é e o que deve ser; assim está decretado. Mas a verdadeira doutrina é: Deus fixou isto e aquilo, não porque deva ser assim, mas porque é melhor que seja dessa maneira. *A sina é cega, mas o destino das Escrituras está cheio de olhos*” (grifo do autor).[5] Deus não faz nada por acaso, mas sempre age com um propósito. Assim, enquanto o destino é austero e não permite que existam lágrimas de tristeza, a providência de Deus é gentil e boa. Podemos descansar seguramente nisso.

Como já mencionei, se você encontrar um cristão que se oponha à idéia de que Deus seja a causa final das condições do tempo, verá essa pessoa mudar sua teologia quando estiver no meio de uma

[A]*The treasury of the Bible, the Old Testament,* Grand Rapids: Zondervan, 1962, p. 212, v. 4.

[”]*The Metropolitan Tabernacle pulpit,* Pasadena: Pilgrim Publications, 1970, p. 460, v. 15.

tempestade com relâmpagos e trovões. Quando ela sair de casa e ouvir o ruído da eletricidade no ar, fatalmente orará pedindo proteção. Podemos tentar distanciar Deus desses acontecimentos, mas no momento em que curvarmos a cabeça em oração, saberemos que ele está no controle. Os pastores daquela reunião em São Francisco estavam certos ao agradecer a Deus pelo terremoto ter acontecido pela manhã, quando havia pouco tráfego nas mas. Mas estavam errados ao dizer que Deus não era responsável por aquela tragédia. Naturalmente que era. Isso não pode acontecer de outra forma, quer analisemos a situação à luz da Bíblia, quer usemos a lógica.

É claro que não fico totalmente feliz com a palavra *responsabilidade* quando a aplicamos a Deus. Para nós, responsabilidade normalmente significa dar satisfações. Deus não precisa dar satisfações a ninguém. “O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada” (SI 115.3).

ESTARÍAMOS LUTANDO CONTRA DEUS QUANDO LUTAMOS CONTRA A NATUREZA?

Ao lutarmos contra as catástrofes naturais, estaríamos lutando contra Deus? No livro *A peste,* o escritor francês Albert Camus debate a questão: será que estamos realmente lutando contra Deus quando tentamos dominar a peste? Em sua história, os ratos trazem uma peste bubônica à cidade de Orã, no início da Segunda Guerra Mundial. A escolha, diz Camus, é se vamos nos juntar aos médicos e lutar contra Deus ou se nos juntamos ao sacerdote, tornando-nos anti-humanitários.[6] Se Deus está por trás da natureza, se as calamidades acontecem de acordo com sua vontade e seus propósitos, lutar contra a natureza não é a mesma coisa que lutar contra Deus?

A resposta é *não.* Podemos combater a peste (ou qualquer outro desastre) e não lutar contra Deus. Seja qual for o controle que Deus exerça sobre a natureza, a Bíblia é clara em dizer que *a natureza não*

[6]Trad. Valerie Rumjanek, Rio de Janeiro: Record, 1966.

é Deus. O cristianismo coloca-se em forte oposição ao panteísmo, que ensina que "tudo é Deus e Deus é tudo". Na verdade, *a natureza nos foi dada para que pudéssemos subjugá-la.* A ordem original que Deus deu a Adão foi: "Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gn 1.28). Depois da Queda, o homem passou a lutar contra a natureza, enfrentando espinhos e cardos. Ganharia a vida com trabalho duro e suor.

Como já disse antes, Deus normalmente exerce seu controle sobre a natureza por meio de causas imediatas. Pode usar o Diabo, como no caso de Jó, ou as leis da natureza. Utiliza as combinações meteorológicas para criar os tornados e as falhas da crosta terrestre para provocar os terremotos. Deus usa as causas imediatas para exercer sua direção e seu controle sobre a natureza, mas também nos convida a nos opormos a essas calamidades.

A *Confissão de fé de Westminster* destaca essa importante distinção e, embora escrita em uma linguagem bastante formal, encorajo-o a ler estas linhas com atenção:

Embora, em relação à presciência e ao decreto de Deus, a causa primeira, todas as coisas aconteçam imutável e infalivelmente, pela mesma providência, todas as coisas sucedem de acordo com a natureza das causas secundárias, obrigatória, livre ou eventualmente.[1]

Devemos controlar a natureza da melhor maneira possível. Deus usa a natureza tanto para nos abençoar quanto para nos desafiar, para nos alimentar e para nos instruir. O plano de Deus com relação a essas forças, do mesmo modo que em relação ao Diabo, é o nosso benefício eterno, para que, tanto quanto possível, possamos vencê-las. Sim, podemos e *devemos* lutar contra a peste.

Na verdade, os crentes devem ansiar ajudar aqueles que passam por dificuldades mesmo que seja muito arriscado. Quando foi confrontado quanto à possibilidade de os cristãos ajudarem ou não o doente moribundo quando a peste chegou a Wittenberg, Lutero disse:

Esse é o decreto de Deus e a punição à qual devemos pacientemente nos submeter, servindo nosso vizinho, arriscando nossas vidas do mesmo modo que João ensina: “Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos” (ljo 3.16).[8]

Lutero também escreveu:

Se *é* da vontade de Deus que o mal venha sobre nós e nos destrua, nenhuma de nossas precauções nos ajudará. Todos devem ter isto no coração: antes de mais nada, se a pessoa sente-se compelida a permanecer onde a morte está atacando, com o objetivo de servir ao próximo, deixem que se entregue a Deus e diga: “Senhor, estou em tuas mãos; tu me preservastes até aqui; seja feita a tua vontade. Sou tua humilde criatura. Tu podes matar-me ou preservar-me da pestilência, como se eu estivesse sob fogo, água, seca ou em qualquer outro perigo”.[9]

Sim, a peste foi o “decreto de Deus”, mas, na realidade, devemos fazer o que pudermos para salvar as vidas dos que estão doentes e ministrar aos que estão morrendo. Devemos agradecer a Deus quando cristãos aproveitam a oportunidade de resgatar os feridos por ocasião de algum desastre. E se alguém morre enquanto está ajudando aos outros, como Lutero disse, que seja feita a vontade de Deus.

Veja o choro de Jesus na tumba de Lázaro e ouça seu lamento: “Jesus, outra vez profundamente comovido, foi até o sepulcro. Era uma gruta com uma pedra colocada à entrada” (Jo 11.38). Depois que a pedra foi removida, Jesus gritou: “Lázaro, venha para fora!” (Jo 11.43). O Jesus que permitiu a morte de Lázaro é o mesmo

"Timothy LULL, org., *Martin Luther’s basic theological writings*, Minneapolis: Portress Press, 1989, p. 744.

"Ibid., p. 742.

Jesus que o ressuscitou dos mortos. Do mesmo modo, o Deus que criou as leis da natureza que “seguem seu curso” é o mesmo Deus que nos convida a lutar contra essas forças naturais. Podemos tentar protelar a morte tanto quanto possível, por meio de remédios e tecnologia, mas terminaremos sendo vencidos por seu poder. Contudo, no final venceremos, pois Cristo veio para vencer a decadência da natureza corrompida.

No entanto, se Deus é a causa final de todas as coisas, ousaremos culpá-lo pelo mal? Seus dons não são todos bons, perfeitos e úteis? Continuaremos em nossa reflexão.

OUSAMOS CULPAR A DEUS PELO MAL?

No livro de Jó, o jovem teólogo Eliú diz o seguinte sobre Deus:

Ele diz à neve: ‘Caia sobre a terra’, e à chuva: ‘Seja um forte aguaceiro’. [...]

O sopro de Deus produz gelo, e as vastas águas se congelam.

Também carrega de umidade as nuvens, e entre elas espalha os seus relâmpagos.

Ele as faz girar,

circulando sobre a superfície de toda a terra, para fazerem tudo o que ele lhes ordenar.

Ele traz as nuvens, ora para castigar os homens, ora para regar a sua terra e lhes mostrar o seu amor (Jó 37.6, 10-13).

“Ele traz as nuvens, ora para castigar os homens, ora para regar a sua terra e lhes mostrar o seu amor.” Gostamos de pensar que Deus está no controle somente das coisas positivas da natureza: o sol, a irresistível sedução das águas calmas e os céus estrelados. Porém, como aprendemos, Deus está no controle da totalidade da natureza. Se a bondade de Deus é evidente nas bênçãos da natureza, seus juízos são evidentes na “maldição” da natureza. Seja qual for o propósito, a natureza existe para nos instruir, para nos ajudar a entender melhor a Deus.

Os céus estrelados refletem a glória de Deus; os ventos calmos e a luz do sol nos lembram a misericórdia do Senhor; as convulsões da natureza demonstram o julgamento de Deus. Se estes primeiros acontecimentos nos antecipam a beleza do céu, os últimos antecipam o sofrimento do inferno: “Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para

com aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na bondade dele" (Rm 11.22). Não deveriamos nos surpreender com o fato de a natureza ser tanto bondosa quanto severa.

Reclamamos das catástrofes naturais, mas, com freqüência, ficamos calados diante da chuva e do sol que Deus nos manda sem parcialidade, tanto a justos quanto a injustos. Na verdade, a razão pela qual devemos ser bondosos para com nossos inimigos se deve a esta promessa: "Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta. Então, a recompensa que terão será grande e vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com os ingratos e maus" (Lc 6.35). Como somos ingratos pelos momentos em que a terra não treme, quando os tornados não sopram e quando as inundações não chegam. "Graças ao grande amor do SENHOR é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade!" (Lm 3.22,23)

Como Deus pode ser bom quando permite (ou faz) coisas que parecem tão destrutivas e prejudiciais aos seres humanos? Certamente, se tivéssemos o poder de impedir o terremoto, se pudéssemos deter as enormes ondas em Honduras, teríamos feito isso. Apenas pense nas crianças que ficaram órfãs depois de um desastre natural, nas novas viúvas e viúvos, nos recursos destruídos e nos novos túmulos. Devemos culpar a Deus pelo mal?

Primeiramente, devemos concordar que Deus age de acordo com um conjunto diferente de regras. Se você estivesse diante de uma piscina e visse uma criança pequena cair e não pulasse para tirar a criança dali, sua negligência poderia tornar-se a causa de um processo movido contra você. Contudo, todos os dias Deus vê crianças se afogando ou, em outras situações, morrendo de fome e não intervém. Dele provêm a seca, a falta de alimento, enormes ondas que varrem nossas casas e nossas colheitas.

Somos obrigados a manter as pessoas vivas pelo maior tempo possível. Se Deus se guiasse por esse padrão, ninguém jamais morrería. Podería manter toda a população do mundo viva indefinidamente. O que para nós seria um crime, para Deus é algo corriqueiro.

Por que a diferença? Ele é o Criador; nós somos as criaturas. Pelo fato de ser o doador da vida, ele também tem o direito de tirar a vida. O Senhor tem uma agenda de longo prazo que é muito mais complexa que manter as pessoas vivas o maior tempo possível. A morte e a destruição são parte de seu plano. "'Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos', declara o SENHOR. "Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos'" (Is 55.8,9).

Você já percebeu que nem todos os Dez Mandamentos se aplicam a Deus? Ele não pode, por exemplo, roubar, pois já possui todas as coisas. Ele não pode dar falso testemunho, mas, por não ter pai nem mãe, precisa, por necessidade, honrar somente a si mesmo. Não é com ffeqüência que Deus tira a vida de uma pessoa, mas, por meio da doença, do desastre e de várias outras calamidades, ele realmente tira a vida humana com regularidade, a cada dia, a cada hora.

O famoso filósofo John Stuart Mill escreveu que as catástrofes naturais provam que Deus não é nem bom, nem onipotente, pois, se o fosse, distribuiría o sofrimento e a felicidade ao mundo de maneira meticulosa, cada um recebendo exatamente o que merecesse. Dado o caráter aleatório das catástrofes naturais, Mill escreve: "Nem mesmo na mais distorcida e contraditória teoria do bem já formulada pelo fanatismo religioso ou filosófico, o governo da natureza pode ser feito de maneira a representar a obra de um ser considerado tanto bom quanto onipotente".[10]

[w]*Nature:* the utility of religion and theism, Watts & Co., The Rationalist Press, 1904, p. 21.

Mill se esquece, porém, de outro princípio: a recompensa e a punição final não são alcançadas nesta vida. Na verdade, as Escrituras ensinam que o justo sempre sofre as mais terríveis calamidades. Na verdade, Deus é tanto bom quanto onipotente, mas sempre age sob o ponto de vista da eternidade, em vez de se basear no tempo. Toma todas as decisões a partir de uma perspectiva infinita. Se você pensasse em uma fita métrica que chegasse até a estrela mais distante, a existência do planeta Terra representaria somente um fio de cabelo. Desse modo, o que vemos do ponto de vista do tempo,

Deus vê dentro do vasto panorama da eternidade. Haverá muito tempo para punição e recompensa. Acreditamos que Deus tinha um propósito bom e sábio para a terrível tragédia da Turquia que levou milhares de vidas. Na realidade, o escritor John Piper argumenta que “ele tinha centenas de milhares de propósitos, a maioria dos quais permanecerão ocultos a nós até que sejamos capazes de entendê-los no final dos tempos”.[11]

Em segundo lugar, Deus não se alegra com o sofrimento da humanidade. Certamente isso seria inconsistente com sua natureza básica de amor pelo mundo. Mas Deus realmente tem prazer em executar seus julgamentos. Moisés disse aos israelitas quais seriam as conseqüências caso pecassem: “Assim como foi agradável ao SENHOR fazê-los prosperar e aumentar em número, também lhe será agradável arruiná-los e destruí-los. Vocês serão desarraigados da terra em que estão entrando para dela tomar posse” (Dt 28.63). A razão é óbvia: Deus alegra-se em defender sua glória e é zeloso de que isso aconteça.

Finalmente, como seres finitos, não podemos julgar o Ser infinito. Deus não é obrigado a nos dizer tudo o que planeja fazer. Não é necessário conhecermos os propósitos eternos de Deus para acreditarmos que tenha tal plano e que saiba o que está fazendo. Como Paulo refutou o opositor imaginário da soberania de Deus, o barro não tem direito de julgar o oleiro. Não é necessário que saibamos os propósitos de Deus antes de nos curvarmos perante sua autoridade. O fato de confiarmos em Deus, apesar de ele nao

“*World Magazine*, 4/9/1999, p. 33.

nos revelar os detalhes, é algo que alegra seu coração. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6).

William Cowper colocou os mistérios de Deus em perspectiva:

Deus trabalha de maneiras misteriosas Para realizar suas maravilhas.

Coloca seus pés no mar E viaja na tempestade.

Em minas profundas e insondáveis Com habilidade precisa Armazena seus desígnios E opera sua soberana vontade.

Servos tementes, coragem!

As nuvens que tanto temeis

Estão repletas de *misericórdia* e romperão

Em bênçãos sobre suas cabeças.

Não julguem o Senhor com sentimentos tão débeis,

Mas confiem nele por sua graça.

Por trás da providência sombria,

Ele oculta uma face sorridente.

Seus propósitos logo se mostrarão,

Revelando-se a cada hora.

O botão pode ter uma aparência ruim,

Mas a flor será bela.

A crença cega certamente leva ao erro,

E esquadrinhar suas obras é vão;

Deus é seu próprio intérprete E deixará as coisas bem claras.[2]

"Não vos entristeçais, pois não compreendeis os mistérios da vida", escreveu um homem sábio, "por trás do véu esconde-se o deleite".[3] O crente confiante sabe que as coisas são assim.

QUAL É A MENSAGEM DAS CATÁSTROFES NATURAIS?

Ao ouvir sobre o modo como Pilatos havia sacrificado um grupo de galileus e que havia misturado o sangue deles ao dos sacrifícios pagãos, Jesus disse: “Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lc 13.2,3). Certamente sua resposta não nos surpreende, uma vez que o martírio normalmente é creditado à fé de uma pessoa. O fato é que até mesmo Jesus foi brutalmente assassinado.

Contudo, a seguir, complementa: “Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lc 13.4,5). Os desastres são um retrato do julgamento, mas os que morrem neles não são mais pecadores do que quem é poupado de tal sorte.

Essa é uma importante diferença entre o Antigo e o Novo Testamento. Nos tempos antigos, Deus governava diretamente sobre a nação judaica e lidava com eles como um grupo. Assim, havia a relação imediata de causa e efeito entre a obediência e a cooperação das forças naturais. Deus ligava a bênção sobre o povo diretamente com a cooperação da natureza: “Se eu fechar o céu para que não chova ou mandar que os gafanhotos devorem o país ou sobre o meu povo enviar uma peste, se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra” (2Cr 7.13,14). Nos tempos do Novo Testamento; em alguns momentos Deus dá boas colheitas até mesmo quando a nação se volta contra ele, como podemos ver nos dias de hoje. Assim] como o ímpio é abençoado junto com o justo, o justo com freqüên-t cia morre com o ímpio nas catástrofes naturais que se colocarri 'diante de nós.

Não podemos fingir que entendemos tudo o que Deus tem em mente quando as tragédias atingem um país ou até mesmo uma família ou uma pessoa. Mas as catástrofes naturais são o megafone de Deus, transmitindo a nós mensagens que deveriamos aprender com maior rapidez.

1 A primeira delas é que a morte é inevitável. Quando lemos os obitu-| ários dos que morreram repentinamente em função de calamidades, deveriamos

visualizar nosso nome escrito ali. Todos conhecemos alguém que morreu inesperadamente. Nesses momentos a morte é tão real para nós que lembramos que também podemos morrer sem aviso. As catástrofes naturais são um lembrete de nossa mortalidade.

Certa vez, li sobre um casal que se mudou da Califórnia por causa do medo dos terremotos e que acabou morrendo por causa de um tornado no Missouri. A vida é uma espécie de empréstimo que Deus faz a nós, podendo tirá-la quando e como quiser. Isso pode soar bastante frio, mas C. S. Lewis estava certo quando destacou que as catástrofes naturais não aumentam as mortes; todas as vítimas desses desastres terminariam morrendo em virtude de causas naturais e velhice. Por mais cruel que isso possa parecer, o fato é que a morte é certa para todos nós, por meio de um câncer, de um acidente ou de um desastre natural. Todos morreremos de alguma coisa, pois a Bíblia nos ensina que a morte é um compromisso marcado por Deus.

Segundo, as catástrofes naturais lembram-nos de que o julgamento está por vir. “...se não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lc 13.3). E óbvio que quem não se arrepende não morrerá necessariamente em uma calamidade similar, mas será levado a julgamento sem aviso.

Jesus predisse que as calamidades seriam um sinal do final dos tempos: “Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Tudo isso será o início das dores” (Mt 24.7,8). As convulsões da natureza serão parte do soberano julgamento de Deus. Veja a seguir um “desastre natural” futuro:

Observei quando ele abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto.

O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se

vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte. O céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares.

Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos — todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: “Caiam sobre nós e

escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?”. (Ap 6.12-f7)

Muitas pessoas dizem que não acreditam que Deus vai julgar as pessoas com severidade e acham o inferno inimaginável. Mas se ele permitiu que seis milhões de judeus — entre eles, centenas de milhares de crianças — fossem cruelmente massacrados, então é possível que não seja tão difícil acreditar nos horrores do inferno e do juízo final. O Deus da teologia liberal, o Deus que busca a todo custo a felicidade de sua criação, o Deus que nunca nos julga por nossos pecados ou não manda pecadores para o inferno — esse Deus não existe na Bíblia e é negado pela existência das catástrofes naturais no mundo inteiro. Ele não se alegra com o sofrimento humano, mas verdadeiramente tem prazer no triunfo da verdade e da justiça, bem como no cumprimento de seus propósitos ocultos.

A lição final é que podemos escapar do julgamento final por meio do arrependimento. Lembre-se de que quando afundou, o *Titanic* levou consigo 1 522 pessoas para uma sepultura submarina. Ainda que sejamos capazes de atribuir o afundamento a uma série de erros humanos, Deus certamente seria capaz de evitar o afundamento sem qualquer violação da vontade humana. Esse é outro lembrete de que o Deus que faz tais coisas é o Deus a ser temido.

Depois que as notícias da tragédia do *Titanic* correram o mundo, o desafio era informar os parentes, dizendo se seus queridos estavam na lista dos mortos ou dos vivos. No escritório da companhia White

Star, em Liverpool, na Inglaterra, uma grande placa foi colocada na porta. De um lado, lia-se “salvos com certeza” e, do outro, “desaparecidos com certeza”. Centenas de pessoas reuniram-se para ver aquelas placas. Quando um mensageiro trazia novas informações, a pergunta era: para qual lado vai? Que nomes escreveria no quadro?[4]

Apesar de os passageiros do *Titanic* terem embarcado na primeira, segunda e terceira classes, depois do acidente só havia duas categorias: mortos ou vivos. Em nossos dias podemos classificar as pessoas em. função de-

geografia. raça, educação e riqueza .Con tudo, no dia do . iuízo haverá somente duas classes:<61 salvos e os perdidos?)

E possível que no céu uma mãe esteja procurando por seu filho, / tentando saber se chegará em segurança aos portões de pérola. Esposas *f* esperarão por seus maridos e pais aguardarão seus filhos.

Hoje, Deus está clamando dos céus: “Se não se arrependerem, todos vocês também perecerão”.

‘jgtAgiÒ «C&ww* <Wu. iwii-VV} t/JVfn 0^ ^ ^

*%0**Ç***> ,CNr,v?

UM CONVITE À REFLEXÃO

Diante das terríveis convulsões da natureza, nossa primeira reação deveria ser a adoração. Jó não sabia qual seria o prólogo de seu livro quando perdeu os dez filhos em uma tempestade. Não sabia que Deus e Satanás haviam tido um diálogo e que ele fora escolhido para passar por uma provação especial. Sem qualquer explicação, sem poder ler as cláusulas escritas em letras pequenas dos propósitos de Deus, um desastre natural ceifou a vida de seus filhos. Diante das dez tumbas recém-cavadas em uma colina, deparou-se com uma escolha e sua opção foi adorar. “Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. O SENHOR O deu, o SENHOR O levou; louvado seja o nome do Senhor” (Jó 1.21)

No dia seguinte, as coisas foram de mal a pior. Foi nesse dia que Satanás teve permissão de Deus para afligir Jó “com feridas terríveis, da sola dos pés ao alto da cabeça” (Jó 2.7). Novamente Jó precisava escolher o que fazer: adoraria ou amaldiçoaria?

Satanás disse a Deus que se Jó fosse destituído de suas posses, este amaldiçoaria a Deus em sua face (Jó 1.11). Jó não agiu dessa maneira, embora Satanás tivesse feito tal previsão, e a esposa de Jó, incapaz de suportar tal sofrimento, o tivesse encorajado com o obscuro comentário “Amaldiçoe a Deus, e morra!” (Jó 2.9). Com a perspicácia de um teólogo, corrigiu sua esposa: “Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem

dado por Deus, e não o mal?" (Jó 2.10). Ele sabia que os momentos bons e as dificuldades vinham de Deus. Escolheu bendizer a Deus e não amaldiçoá-lo.

Podemos confiar no Deus que controla a natureza? Sim, pois se não o fizesse, estaríamos sujeitos aos caprichos do destino impessoal. Não encontro nenhuma consolação em aceitar a idéia de que Deus não é a causa final das catástrofes naturais. Se o Diabo criasse tornados e furacões sem.a aprovação de Deus, eu poderia morrer em um desastre antes do momento reservado para mim. Talvez Deus ainda queira que eu faça algumas coisas, mas um raio sobre o qual Deus não tem controle poderia me atingi r enquanto cam i nho pela calçada. Mas se o tempo está sob o controle de Deus, posso descansar tranqiii-lo com a confiança de que minha vida é conduzida de acordo com sua vontade e seu plano. *Se a natureza não está mãos divinas, então minha vida também não está nas mãos de Deus.*

Longe de desencorajar a fé, o controle de Deus sobre os fenômenos naturais a fortalece! Se Deus é soberano, então podemos ter a confiança de que "todas as coisas cooperam para o bem" (Rm 8.28, RA). Não acreditamos no destino, mas no propósito específico determinado pelo Deus que possui toda a sabedoria. E possível que as catástrofes naturais afastem algumas pessoas de Deus. Para outras, o efeito é oposto: os desastres fazem com que elas se aproximem de Deus, pois nos fazem pensar no que é temporário e no que é permanente.

Quando a terra treme sob nossos pés, quando um tornado varre nossa rua, nós nos protegemos, mas, na realidade, nos escondemos nos braços do único que é capaz de nos abrigar. Não importa quantas coisas se abalem neste mundo: sempre teremos uma terra firme nas consolações do Todo-poderoso. Somos lembrados de que todas as coisas passarão, mas somente o que é eterno ficará.

Os filhos de Corá (os autores dos salmos, não as vítimas do terremoto) sabiam que, quando tudo o mais passa, Deus permanece. Esses salmistas nos convidam a reconhecer a majestade de Deus e a correrm os a ele em busca de segurança.

SÉTIMA MENTIRA

Deus *é o nosso* refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade.

Por isso não temeremos, ainda que a terra trema e os montes afundem no coração do mar, ainda que estrondem as suas águas turbulentas e os montes sejam sacudidos pela suá fúria.

Há um rio cujos canais alegram a cidade de Deus, o Santo Lugar onde habita o Altíssimo.

Deus nela está! Não será abalada!

Deus vem em seu auxílio desde o romper da manhã. Nações se agitam, reinos se abalam; ele ergue a voz, e a terra se derrete.

O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é a nossa torre segura.

Venham! Vejam as obras do SENHOR, seus feitos estarrecedores na terra.

Ele dá fim às guerras até os confins da terra; quebra o arco e despedaça a lança; destrói os escudos com fogo.

“Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus!

Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra.”

O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é a nossa torre segura.

1

HODGE, *A commentary on the confession of faith*, p. 134.

2

Hugh I’ANSON, org., *Cowper’s poems*, New York: Everyman’s Library, 1966, p. 188-9.

3

Ap. Charles SWINDOIX, *O mistério da vontade de Deus,* São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 131.

4

Moody ADAMS, *The litanies last hero,* West Colombia: Olive Press, 1997, p. 23.

QUAIS DECISÕES TOMAREMOS

FAÇAMOS UMA VIAGEM IMAGINÁRIA. Suponha que alguém está ao seu lado todos os dias de sua vida, registrando tudo o que você faz. A pessoa toma nota do número de vezes que você piscou, deu um passo, sentou-se, levantou-se e penteou o cabelo.

Suponhamos também que cada palavra que você disse faça parte daquele registro. A pessoa transcreve todas as suas manifestações: as boas, as más, as feias, as palavras que você sussurrou e as que pronunciou em público. Imagine o tamanho dessa armazenagem. Diz-se que, durante toda a vida, uma pessoa comum fala uma quantidade de palavras suficiente para encher uma biblioteca!

Continuando em nossas suposições, imaginemos que sua companhia registre também seus pensamentos — a corrente de consciência que flui por sua mente a cada momento em que está acordado e consciente. Todas as suas reflexões — boas, indiferentes e pecaminosas — estão sendo registradas com precisão. Imagine só: se a pessoa que o acompanha juntar essas informações às que já coletou, teremos muitas e muitas bibliotecas de informações, todas sobre você!

Agora, vamos um pouco além. Suponha que essa biblioteca inclua não apenas as informações verdadeiras sobre você, mas também tudo o que teria sido verdade *se* você tivesse nascido cm outra família, em uma cultura diferente e em um outro país. Na verdade, suponhamos que a biblioteca seja tão ampla que inclua

tudo o que teria sido verdade sobre você em todas as circunstâncias possíveis: o que teria feito, dito ou pensado em cada uma das famílias do mundo, em cada um dos séculos, em cada um dos anos.

Pergunta: Será que Deus detém todo esse conhecimento há mil anos, ou, para ser mais preciso, por toda a eternidade? Ou será que esperou até que chegássemos a este mundo para saber o que faríamos, pensaríamos, diriamos ou as decisões que tomaríamos?

Tocamos nesse assunto em um capítulo anterior, mas quero expandi-lo agora, porque o assunto é oportuno e muitíssimo importante. Os teólogos evangélicos de hoje debatem a questão de Deus ter ou não o conhecimento pleno. Alguns insistem em que seu conhecimento é limitado: sabe mais do que nós, mas não sabe quais decisões tomaremos até que as tomemos. Além do mais, prossegue o argumento, somos criaturas livres — tão livres que nem mesmo Deus sabe as ações que tomaremos ou os pensamentos que teremos antes mesmo de agirmos ou pensarmos.

Com relação ao futuro, essas pessoas dizem que Deus conhece apenas as potencialidades, não o real. Quando estamos diante de uma decisão, sabe qual é a nossa opinião, sabe o que provavelmente escolheremos, mas só descobre a nossa escolha quando a fazemos. Naturalmente, no final é Deus quem vence, pois nada se coloca na frente de seu poder ou de seus planos, do mesmo modo como um jogador de xadrez mais experiente fatalmente derrotará um novato. Porém, não sabe quais serão os movimentos de seu oponente até que este finalmente execute a jogada.

Você se interessa por esse debate ou acha que tudo isso é apenas acadêmico? Acho que deveria se preocupar bastante com isso, porque essa opinião chamada a “abertura de Deus” ou *neoteísmo* poderia minar tudo o que a igreja tem considerado importante. Se um míssil deixar sua plataforma de lançamento um grau fora da trajetória desejada, provavelmente errará seu alvo em centenas de quilômetros. Aquilo que parece ser um erro de menor importância na teologia torna-se crítico quando entendemos suas implicações. Por isso, a crença de que Deus é finito em conhecimento pode parecer um desvio aceitável do cristianismo histórico, mas, no final, destrói nossa fé em Deus.

Fique comigo e explicarei.

A ORIGEM DA IDÉIA DO DEUS FINITO

Será que é nova a idéia de que o conhecimento de Deus é limitado? Não. Durante a época da Reforma, um homem chamado Fausto Socino (1539-1604) aceitava apenas as partes da Bíblia que lhe pareciam razoáveis. Um de seus objetivos e de seus seguidores era reviver o conceito grego do livre-arbítrio absoluto do homem. Alguns desses filósofos argumentavam que, para ser completamente livre, alguém deveria estar livre de qualquer controle por parte dos deuses. Liberdade que envolvia até mesmo estar livre do conhecimento que esses deuses poderíam ter da pessoa. Na verdade, diziam que quando as aranhas teciam teias sobre as pálpebras das imagens gregas (seus deuses), as pessoas visitavam com mais freqüência os templos de adoração! Quanto menos os deuses soubessem sobre as pessoas, mais confortáveis elas se sentiam.

Os socinianos, que aceitavam essas idéias gregas, não queriam negar abertamente a onisciência divina, de modo que redefiniram o termo. Diziam que onisciência significava que Deus conhecia apenas o que era possível ser conhecido; as decisões das criaturas não eram possíveis ser conhecidas. Desse modo, uma vez que Deus não pode conhecer o que não é possível ser conhecido, não sabe quais serão nos-sas decisões até que as tomemos.

William James (1842-1910) talvez sej a um dos defensores mais famosos dessa idéia. Afirmou que o homem era radicalmente livre e que Deus era finito, fazendo o melhor possível para erradicar o mal do mundo, mas sem obter sucesso. Segundo James, Deus não conhece o futuro: “Ele não pode antever com exatidão quais serão os movimentos de seu adversário. Sabe, porém, quais serão os possíveis movimentos de seu oponente; sabe de antemão como reagir diante de cada uma das possibilidades, realizando os movimentos que o levarão à vitória”. Ele diz que o conhecimento de Deus “é como o nosso”.[1] Baseando suas idéias em seu pensamento racional, em lugar de na Bíblia, chegou até mesmo a postular a idéia de que é possível haver diversos deuses no universo, em lugar de apenas um.

Não deveriamos nos surpreender de que tais teorias tenham florescido entre teólogos liberais. Além do mais, se a Bíblia não é uma fonte confiável, o homem é livre para criar o Deus que melhor se encaixe em suas fantasias. O que é surpreendente é que alguns teólogos — que pretendem ser chamados evangélicos — apoiam alguns pontos das idéias de James e as ensinam aos

jovens que estão sendo treinados para o ministério. Essa heresia está presente não apenas no mundo, mas na própria igreja.

E possível que Clarck Pinnock, professor de teologia da McMas-ter Divinity College em Ontário, mencionado anteriormente, seja a pessoa mais conhecida nos círculos contemporâneos que difundem a idéia do Deus finito. Há muitos anos estudei com o dr. Pinnock e considerei-o uma pessoa dedicada e de mente bastante ativa. Naquela época estava começando a repensar sua herança teológica e a negar algumas doutrinas, como a da inerrância da Bíblia e a completa onisciência de Deus. Pinnock escreveu: "Deus [...] interage com suas criaturas em uma situação de mudança. Sua experiência de mundo está aberta, e não fechada. Ele tem ciência de nossas decisões no momento em que as tomamos, não antes de acontecerem [...] Sua experiência do mundo está aberta e ele está envolvido com o curso atual dos acontecimentos".[2]

Um número pequeno de outros teólogos segue sua orientação. O dr. Greg Boyd, professor do Bethel College, na época da publicação desse livro, por exemplo, disse o seguinte:

Dentro da visão cristã, Deus conhece toda a realidade — tudo o que está aqui para ser conhecido. Mas presumir que sabe antes do tempo como cada pessoa agirá livremente é assumir que a livre escolha de cada pessoa já está à disposição para ser conhecida — antes mesmo de a pessoa fazê-la espontaneamente! Mas não é assim. Se recebemos liberdade, criamos a realidade a partir de nossas próprias decisões ao tomá-las. Até que tomemos uma decisão, ela não existe. Assim, pelo menos de acordo com minha visão, não existe nada a ser conhecido até que o tornemos conhecido. Portanto, Deus não pode conhecer antecipadamente as decisões boas ou más das pessoas que cria até que crie estas pessoas e elas, por sua vez, criem suas decisões.[3]

Tal como William James, o dr. Boyd reduz o futuro ao que "pode ser conhecido", e as ações independentes dos homens colocam-se fora desse perímetro.

Richard Rice, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, prossegue nesse argumento, dizendo que o futuro é tão "aberto" que Deus não poderia saber

antecipadamente se Cristo pecaria ou não, quando o Diabo o tentou. Sim, o futuro é tão aberto, de modo que Cristo poderia ter falhado em sua missão e Deus não poderia ter previsto que seu plano fosse fracassar.[4]

Por que esses teólogos desejariam limitar o conhecimento de Deus?

Primeiramente, porque acham que essa limitação é necessária para preservar a liberdade humana. Como disse Pinnock: “Se Deus é imutável em todos os aspectos de seu ser e conhece a história, então não pode haver verdadeira liberdade”.[5] Vamos seguir a linha do seu pensamento: todos concordamos que se Deus sabe antecipadamente quais serão as nossas decisões, então tomaremos as decisões que Deus sabe que tomaremos. Desse modo, se Deus sabe o futuro em detalhes, o futuro é, em certo sentido, “fixo”.

[3]*Letters from a skeptic*, Wheaton: Victor Books, 1994, p. 30. [i]*The openness of God*, Nashville: Review and Herald, 1979, p. 36-7. [5]*Predestinação e livre-arbitrio*, p. 96.

'Ap. Robert MOREY, *Battle of the Gods*, Southbridee: Crown Publications, 1989, p. 77.

[2]BASINGER & BASINGER, ORGS., *Predestinação e livre arbítrio*, p. 97-8.

Pense a respeito desse argumento do seguinte modo: conhecimento antecipado implica inevitabilidade. Se Deus sabia que Caim mataria Abel, isso *não* poderia “não acontecer”. Se Deus fosse ignorante com relação a esse assassinato iminente, Caim estaria mais livre e não teria limitações em suas opções. Se Deus conhece o futuro, sabe quem será salvo e quem se perderá. Esse conhecimento infalível significa que o futuro se dará da maneira como Deus o vê. É por isso que teólogos querem negar que Deus saiba essas coisas de modo a manter o futuro “aberto”.

Segundo, esses escritores desejam proteger Deus da culpa pelo mal. Se Deus não sabia que Lúcifer pecaria, ficamos com a impressão de que Deus é menos responsável do que seria se soubesse antecipadamente o que aconteceria no futuro. Se Deus soubesse que alguns de seus anjos se rebelariam, ele poderia ter usado seu poder para criar um futuro diferente. Mas, como prossegue o argumento, ele não sabia sobre a decisão dos anjos de desobedecer até que o desobedecessem, o que fez com que Deus tivesse

de consertar a situação. Em resumo, quanto mais ignorante Deus for com relação ao que acontecerá, menos responsabilidade terá sobre os resultados.

Nesse cenário, o papel de Deus é o de um observador interessado nos acontecimentos do mundo. Escolhe intervir o menos possível nas questões dos homens, dando-nos grande espaço para exercermos nosso livre-arbítrio. Embora não saiba qual será nosso próximo passo, espera que tudo saia da melhor forma possível e se ajusta para o pior. Deus triunfa ao ser capaz de lidar com qualquer coisa que aconteça no mundo.

Os proponentes dessa "visão aberta" de Deus citam diversos textos bíblicos como evidências. Sugerem, por exemplo, que as Escrituras afirmam que Deus "se arrependeu" de seus atos em diversas situações (Gn 6.6; ISm 15.11; 2Sm 24.16). O argumento desses teólogos é o seguinte: como seria possível que Deus se arrependesse de algo que criara, se tinha certeza do que aconteceria mesmo antes de criá-lo? A implicação é que Deus não poderia se arrepender de algo que ele mesmo previra.

Porém, como veremos logo a seguir, é óbvio que Deus previu a devastação que o pecado causaria e que sofreria por causa disso. "Contudo", destaca John Piper, "Deus não considera que suas escolhas sejam erros e que faria tudo de outra maneira se pudesse ter previsto o que estava por acontecer".[6] Em outras palavras, como vimos no capítulo 4, Deus optou por sofrer quando Cristo morreu. Escolheu ser entristecido pelas ações dos homens. Isso, de forma alguma, significa que não tinha conhecimento da tristeza pela qual passaria em função da rebelião de suas criaturas.

A visão "aberta" de Deus não segue as principais linhas teológicas cristãs, as quais ensinam que Deus sabe de nossas decisões antes de as tomarmos. Os arminianos (que enfatizam o livre-arbítrio) e os calvinistas (que destacam a soberania de Deus em nossas escolhas) têm suas diferenças, mas sempre concordaram que Deus sabe o futuro plenamente: o Senhor sabe de tudo, incluindo de nossas decisões futuras.

Desse modo, neste capítulo não estou considerando o debate arminiano/ calvinista, mas, sim, a "visão aberta de Deus" que é um desvio da teologia evangélica. Faço a pergunta outra vez: será que esse argumento representa

uma diferença doutrinária importante ou irrelevante? Antes de responder, detalharemos as conseqüências dessa visão de Deus.

ALGUMAS DIFICULDADES PARA ACREDITAR NO DEUS FINITO

Se uma das cordas de um violino estiver desafinada, você precisará afiná-la para que fique em harmonia com as outras cordas; ou poderá também afinar as outras cordas para que estejam em harmonia com a corda desafinada. Desse modo, espero mostrar que, o conhecimento de Deus estando comprometido, tudo o mais — especialmente

''Why the glory of God is at stake in the 'Foreknowledge' debate, *Modern Reformation*, Sep./Oct., 1999, 43.

nossa confiança em Deus — está ameaçada. No final, veremos que o pleno conhecimento de Deus nos assusta, mas, felizmente, é também o travesseiro no qual podemos descansar nossas almas abatidas. Deixe-me apresentar algumas dificuldades relacionadas a essa visão "aberta" de Deus.

As afirmações das Escrituras

A idéia de que Deus não conhece de antemão as decisões de suas criaturas é contrária às declarações explícitas das Escrituras. O Deus de Isaías conhecia o futuro plenamente:

Lembrem-se das coisas passadas, das coisas muito antigas! Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como eu.

Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá.

Digo: "Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada" Is 46.9,10).

Como seria possível que Deus tivesse conhecido o fim desde o início se não soubesse que Lúcifer se rebelaria e que Adão e Eva pecariam? E como pode saber exatamente de que modo as coisas terminarão, se não sabe as opções

que nós e milhões de outras pessoas faríamos? Se nao tivesse conhecimento desses assuntos, Deus teria muito pouco a declarar.

E claro que quem acredita no Deus limitado argumenta que sabe como tudo vai terminar, porque pode exercer o poder (que fique claro, sem jamais infringir o livre-arbítrio), agindo de maneira semelhante ao jogador de xadrez que vence no final. Mas o assunto é mais sério que isso. De acordo com a visão aberta de Deus, ele não pode estar absolutamente certo de que não teremos um holocausto nuclear amanhã. Alguns desmiolados podem tomar a estúpida decisão de explodir o planeta. Deus não os impede, pois eles têm livre-arbítrio, e opta por deixar que o mal prossiga seu curso. Entretanto, de maneira repentina, Deus enfrentará a realidade de reagir diante do fim do mundo, antes da data que pensava que isso pudesse acontecer, caso algum poder governamental dê início à guerra nuclear.

Davi não teria aceitado a noção de um Deus limitado, pois escreveu: "Grande é o nosso Soberano e tremendo é o seu poder; é impossível medir o seu entendimento" (SI 147.5). E interessante perceber que o próprio Deus faz de seu conhecimento prévio a prova de sua maioridade sobre os ídolos. Zomba deles, ridicularizando-os pelo fato de não conhecerem o futuro.

"Exponham a sua causa", diz o Senhor.

"Apresentem as suas provas", diz o rei de Jacó.

"Tragam os seus ídolos para nos dizerem o que vai acontecer.

Que eles nos contem como eram as coisas anteriores, para que as consideremos e saibamos o seu resultado final; ou que nos declarem as coisas vindouras, revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses. Façam alguma coisa, boa ou má,para que nos rendamos, cheios de temor." (Is 41.21-23)

"... revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses!" Será que os ídolos aceitam esse desafio? Claro que não. Deus zomba deles dizendo: "Eles não são nada, e as suas obras são totalmente nulas; detestável é aquele que os escolhe!" (Is 41.24). Alguns versículos adiante, conclui: "Veja, são todos falsos! Seus feitos são nulos; suas imagens fundidas não passam de

um sopro e de uma nulidade!” (Is 41.29). Uma das características distintivas entre um deus falso e o Todo-Poderoso é que Deus conhece o futuro de maneira infalível.

A precisão da profecia

Se Deus não soubesse que decisões as pessoas terminariam por tomar, centenas de profecias da Bíblia simplesmente não teriam se realizado. Por exemplo: como Jesus poderia saber que Judas o trairia? Isso nos força a uma análise mais detalhada.

Imagine a cena: depois de Judas ter traído a Jesus, Pedro saca sua espada no que aparentemente foi um ato de bravura e Jesus responde: “Guarde a espada! [...] Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos? Como então se cumpriríam as Escrituras que dizem que as coisas deveríam acontecer desta forma?” (Mt 26.52-54). De acordo com o contexto, o que Jesus disse só poderia significar uma coisa: a traição, a prisão e sua morte iminente *precisavam* acontecer como aconteceram.

Segundo Pinnock, Deus não sabia que Judas trairía Jesus até o momento em que ele realizou tal ato. É possível que existissem algumas indicações de que isso aconteceria, algumas situações que apontavam para aquela direção, mas tanto Judas quanto os sacerdotes poderíam ter mudado de idéia. Se Judas pudesse ter tido uma mudança de intenções, isso também poderia ter acontecido com os judeus durante aqueles julgamentos vergonhosos, bem como com os romanos, os quais poderíam ter desistido de levar adiante aqueles feitos horrendos. A seqüência lógica desse pensamento é que nem mesmo Deus tinha certeza de que Jesus seria realmente crucificado. Todas as personagens principais da história poderíam ter decidido que Jesus não merecia tal punição. Poderíam tê-lo deixado vivo.

É óbvio que esse não é o ensinamento das Escrituras. Séculos antes desses acontecimentos, Deus sabia que os pais de Judas se casariam em uma determinada época, que teriam um menino que crescería em uma região, a mesma em que Jesus passaria o período que viveu aqui na terra. Mas Deus teria também conhecido os avós de Judas, e sabia quando se casariam, quantos filhos teriam e assim por diante, *ad infinitum.* Não havia

possibilidade de Judas morrer na infância, assim como não poderia ter adoecido naquela tarde, ficando incapacitado de trair a Jesus, pois Deus sabia desde a eternidade que aquilo *deveria* acontecer daquela maneira.

Pinnock sugere que se o "plano A" falhasse, Deus teria um "plano B". Talvez uma outra pessoa crucificasse Jesus, se as personagens principais mudassem de idéia. Mas se o "plano A" falhasse, o que nos leva a crer que o "plano B" poderia ser bem-sucedido? O mesmo poderia acontecer com os planos C e D. Imagine Jesus vindo à terra e, não obstante todas as profecias, ninguém o matasse!

Um pouco de reflexão sóbria nos faz perceber que isso não é o que a Bíblia ensina. A morte de Cristo foi um acontecimento determinado antes da fundação do mundo. Como Pedro e João declararam a Deus em oração: "De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse" (At 4.27,28). Pedro disse essencialmente a mesma coisa em uma mensagem anterior: "Este homem lhes foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz" (At 2.23). Cristo morreu da maneira como Deus havia *determinado* de antemão. Tudo aconteceu de acordo com os propósitos estabelecidos por Deus.

Jesus certamente sabia que Pedro o negaria três vezes. "Eu lhe digo, Pedro, que antes que o galo cante hoje, três vezes você negará que me conhece" (Lc 22.34). Jesus tinha conhecimento absoluto de que Pedro pecaria e em que momento isso aconteceria. Jesus apresentou as razões de sua predição em João 13.19: "Estou lhes dizendo antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vocês creiam que Eu Sou". Como destacou John Piper;

Seu conhecimento prévio de 'todas as coisas que aconteceriam com ele' era um aspecto essencial de sua glória como o Verbo encarnado, o Filho de Deus. Creio que João diria que a negação (intencional ou não) da presciência é uma afronta à divindade de Cristo.[7]

Apesar das dezenas de profecias que provam que Deus conhece as decisões futuras dos homens, citarei apenas mais uma. Cerca de 150 anos antes do

nascimento de Ciro, Deus o nomeou, predisse que seria o rei da Pérsia e sabia antecipadamente qual seria uma de

[7]Ibid., p. 42.

suas mais importantes decisões no âmbito da política externa (Is 44.24-8; 45.1-6). Mais uma vez, pense em todas as coisas que Deus precisava saber para poder fazer essa profecia: precisava conhecer cada um dos ancestrais de Ciro, com quem cada um deles se casaria e os vários membros daquela linhagem familiar; cada um deles deveria viver para que Ciro pudesse nascer. Deus também precisava saber quem seriam os envolvidos na disputa do poder pelo reino da Pérsia e que Ciro venceria. Então, Deus precisava saber que os judeus estariam nas terras da Pérsia naquela época e que Ciro promulgaria um decreto que permitiría que voltassem à sua terra. É impensável acreditar que Deus pudesse ter tal conhecimento sem saber quais seriam as decisões futuras dos homens.

A onipotência de Deus

A "visão aberta" de Deus corrói a confiança na onipotência divina. Esse assunto ficará mais claro no próximo capítulo, mas, por enquanto, simplesmente levanto o seguinte assunto: existe uma ligação entre a presciência e a onipotência de Deus. Colocando as coisas de maneira mais clara, Deus conhece o futuro porque está envolvido no planejamento dele. Caso não esteja envolvido nesse planejamento, conforme afirma a "visão aberta", então os acontecimentos deste mundo não estão direcionados para um fim determinado. Deus abdicou de seu poder e, as coisas realmente estão fora de controle, ainda que Deus possa, de alguma maneira, fazer com que, no final, as coisas aconteçam de acordo com o que planejou.

Se isso parece um exagero com relação à "visão aberta", ouça as palavras de Greg Boyd, que diz que sua visão "pressupõe a realidade da contingência radical e do risco genuíno. Pressupõe também que, em alguns momentos, esse risco resultou em maus resultados, até mesmo em escala cósmica, o que fez com que a terra se transformasse em uma verdadeira zona de guerra".[8] A pergunta que deveriamos fazer é: se Deus é onipotente, por que

as coisas teriam “dado errado” para ele? E claro que não quero contestar o fato de que várias coisas

[5]*God M war:* the Bible and spiritual conflict, Downers Grove: InterVarsity, 1997, p. 58.

deste mundo se deterioraram, mas quero afirmar que isso não aconteceu porque Deus optou por algo que não deu certo. Falarei mais sobre isso no próximo capítulo.

A confiabilidade de Deus

Finalmente, a “visão aberta” de Deus enfraquece nossa confiança nele. Um bêbado está correndo pela estrada a cem quilômetros por hora e Deus tem tanto conhecimento do que o motorista fará quanto o piloto de helicóptero que está sobrevoando aquela região. O Todo-Poderoso não pode prever se haverá um acidente ou se aquele motorista chegará seguro à sua casa. (Além do mais, ninguém tem um livre-arbítrio tão imprevisível quanto o do bêbado correndo na estrada.) Enquanto isso, você está dirigindo na direção oposta e aquele motorista bate de frente com o seu carro. Você morre instantaneamente.

Não apenas a decisão do bêbado era desconhecida de Deus, mas também a sua morte. Você chega ao céu naquela noite e, embora Deus soubesse que aquilo *podería* acontecer, não sabia que realmente *aconteceria.* Assim, Deus não sabe quem vai viver ou morrer hoje. Não sabe quem será salvo hoje ou no futuro. Não sabe como ou quando o anticristo verdadeiramente se levantará. Com efeito, Deus precisa ler o jornal diário junto conosco para ficar atualizado sobre a situação do mundo.

Você confiaria em um Deus assim? Seria possível confiar em um Deus que, de manhã, não sabe que você estará morto à tarde? Será que a “visão aberta” de Deus não nos faz sentir pena dele, uma vez que somente pode reagir da melhor maneira possível diante das decisões imprevistas de Satanás e dos homens? Pessoalmente, sou grato pelo fato de a “visão aberta” não representar o Deus da Bíblia.

Por que essas coisas me perturbam tanto? Porque quero recomendar-lhe o Deus no qual você possa confiar plenamente. O Deus que não foi pego de

surpresa quando Lúcifer pecou; o Deus que não foi surpreendido quando Adão e Eva escolheram a desobediência; o Deus que sabia que Caim mataria Abel. O Deus que sabe exatamente o que acontecerá com você na semana que vem e no próximo ano; o

Deus que pode mantê-lo vivo até que complete sua obra aqui na terra.

Greg Boyci diz: “Assim como a salvação unicamente por meio da fé foi redescoberta por Lutero, a idéia de que Deus está “aberto” foi recuperada”.[9] Mas é melhor que essa visão seja deixada com os socinianos e com William James, que fizeram tantas coisas para destruir a fé de muitos. A idéia de que Deus não possui pleno conhecimento é uma visão distorcida do Todo-Poderoso. Superficialmente, pode até parecer que se encaixe dentro da estrutura da teologia evangélica, mas, juntamente com suas conclusões lógicas, não apenas é uma visão distorcida, mas se trata de uma abordagem herética de Deus.

O CONHECIMENTO OUE DEUS TEM DE NÓS

O salmo 139 nos ensina sobre o imenso conhecimento de Deus. Apesar de Davi estar basicamente enfatizando o conhecimento atual que Deus tem de nós, também fala da presciência de Deus. Tenho certeza que Davi ficaria escandalizado diante da sugestão de que existe alguma coisa em nosso futuro que é desconhecida do Todo-Poderoso.

Deus nos conhece plenamente

“SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos. Sabes muito bem quando trabalho e quando descanso; todos os meus caminhos são bem conhecidos por ti” (Sl 139.1-3). Você consegue lembrar quantas vezes se sentou e se levantou ontem? Eu não consigo. Mas Deus estava ao nosso lado o tempo todo. Será possível lembrar de tudo o que pensamos ontem, ainda que de modo geral? Não muito bem e, com certeza, sem muita precisão. Deus, porém, sabe todas essas coisas com exatidão impecável. Ele sabe tanto sobre ontem quanto sobre algum acontecimento de vinte anos atrás. Todas essas coisas estão no conhecimento dele.

[?]Ap. Rebecca J. RITZEL, Marketing heresy?, *World Magazine,* 20/11/1999, p. 27.

Davi passa pelas ações e pensamentos, chegando à palavra: “Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, SENHOR” (v. 4). Mesmo que eu não saiba o que vou dizer, que não tenha a menor idéia do que vou pensar ou falar na próxima terça-feira à tarde, Deus sabe. Meus pensamentos e palavras que ainda não se formaram são como sementes, e seu fruto é conhecido antecipadamente por aquele que cuida do meu ser. Meus atos e pensamentos futuros são plenamente conhecidos.

“Tu me cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre mim” (v. 5). Davi medita sobre estar continuamente cercado pelo conhecimento de Deus. Pode dormir e esquecer-se de Deus, mas o Todo-Poderoso nunca dorme. Davi, na realidade, disse que os olhos de Deus estavam constantemente sobre ele. Certa vez um prisioneiro contou-me o que é estar sob a vigilância de um guarda dia e noite. Não importava para onde o preso olhasse, havia sempre outro par de olhos olhando para ele através das barras. Ficamos incomodados quando um homem olha para nós porque não sabemos suas intenções, mas, quando Deus nos vê, podemos tanto ficar aterrorizados quanto confortados.

Se você já foi mal compreendido, mal interpretado ou se tiraram vantagem de você, ficará reconfortado em saber que Deus sabe disso. Talvez nos sintamos encurralados, achando que não existe ninguém nesse mundo em quem possamos confiar, ninguém que realmente compreenda a nós e a nossa história. Podemos nos confortar na certeza de que Deus tem todos os fatos em suas mãos.

Não é de surpreender que Davi continue dizendo: “Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance” (v. 6). Nossa mente é incapaz de compreender a quantidade imensa de informações que sempre esteve presente diante do Todo-Poderoso. Podemos somente contemplá-la, mas não podemos compreendê-la.

Deus nos conhece continuamente

A seguir, Davi imagina-se fugindo de Deus. Fica pensando onde poderia haver um lugar para escapar do olhar contínuo do Todo-Poderoso. Talvez, o salmista sinta-se incomodado por saber que o constante foco de Deus está sobre ele como se fosse o único habitante de todo o universo.

“Para onde podería eu escapar do teu Espírito? Para onde podería fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás” (v. 7,8). Se Davi chegasse aos céus, certamente Deus estaria lá; se descesse ao mais profundo abismo, o Senhor também lá estaria. Sim, é inevitável que Deus saiba o que acontece na sepultura e até mesmo no inferno. Não existe lugar na terra ou nos céus onde Deus não nos veja.

Talvez Davi pudesse escapar do olhar de Deus viajando aos lugares mais remotos do mundo: “Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará e me susterá” (v. 9,10). Ficamos surpresos com a declaração do profeta Jonas quando disse que “estava fugindo do Senhor” (Jn 1.10). Isso é algo que não podemos fazer, pois a presença do Senhor está na mais remota profundeza dos mares.

Existe uma possibilidade final. E se Davi se cobrisse com a escuridão? “Mesmo que eu diga que as trevas me encobrirão, e que a luz se tornará noite ao meu redor, verei que nem as trevas são escuras para ti. A noite brilhará como o dia, pois para ti as trevas são luz” (v. 11,12). Os ladrões praticam suas obras à noite, na esperança de escapar aos olhares dos homens. Mas para Deus até a mais escura das noites é tão brilhante como o sol do meio-dia. Deus não tem essas limitações e restrições. Nós cometemos todos os nossos atos na fulgurante luz do pleno conhecimento de Deus.

Deus nos conhece profeticamente

Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe.

Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.

Tuas obras são maravilhosas!

Digo isso com convicção.

Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra.

Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir (SI 139.13-16).

Antes dos dias da neurologia e da revelação do código genético, o DNA, Davi já sabia que era uma obra por demais maravilhosa. O que o mundo chama de feto, Davi chama de criança ainda não nascida. Somos conhecidos por Deus muito antes do nosso nascimento e somos formados de acordo com sua vontade e seu propósito.

Um amigo meu criado sem pai em um lar de alcoólatras, encontrou conforto nas palavras de Davi. O fato de Deus tê-lo formado no ventre de sua mãe serviu-lhe de grande conforto. Talvez seu pai não o tivesse tocado, mas o Pai celestial o fizera.

"... Todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir" (v. 16). Devemos perguntar mais uma vez: de que maneira todos os dias dele poderíam estar determinados, se Deus não conhecesse o futuro de maneira infalível? Deus não podería saber o número dos nossos dias a não ser que soubesse com antecedência nossas decisões e as decisões das pessoas que nos cercam. Davi compreendia que Deus havia planejado sua vida de maneira maravilhosa.

No livro *O conhecimento de Deus*, J. I. Packer fala da alegria e da maravilha que o pleno conhecimento de Deus deve provocar em nós:

Estou gravado nas palmas de sua mão, e nunca estou longe de seu pensamento. Todo o meu conhecimento dele depende de sua iniciativa básica de me conhecer. Eu o conheço porque ele me conheceu primeiro e continua a fazê-lo. Ele me conhece como amigo, alguém que muito me ama e seus olhos ou sua atenção jamais se afastam de mim, e por nenhum momento seu cuidado me faltará.

Este é um conhecimento maravilhoso. Há um conforto indescritível, do tipo que nos anima, e nunca enerva — saber que

Deus está constantemente atento a mim com amor, e me vigiando para meu próprio benefício. Há um alívio tremendo em saber que seu amor é profundamente realista, baseado em todos os pontos no conhecimento prévio do que há de pior sobre mim, de modo que nada pode agora desapontá-lo a meu respeito como acontece freqüentemente comigo, pois estou sempre me desiludindo sobre mim mesmo, nem extinguir sua determinação de me abençoar. [1]

"Como são preciosos para mim os teus pensamentos, ó Deus! Como é grande a soma deles! Se eu os contasse, seriam mais do que os grãos de areia. Se terminasse de contá-los, eu ainda estaria contigo" (v. 17,18). Os pensamentos que o Senhor tem sobre Davi são tão preciosos que Davi se lembra deles todas as manhãs. O interesse e o conhecimento meticuloso que Deus tem de Davi é uma fonte de alegria e esperança.

Davi então pensa nos ímpios e ora para que Deus os julgue. "Quem dera matasses os ímpios, ó Deus! Afastem-se de mim os assassinos!" (v. 19). Ficamos surpresos com essas palavras, mas precisamos nos lembrar que Davi estava falando de pessoas que queriam matá-lo. "Acaso não odeio os que te odeiam, SENHOR? E não detesto os que se revoltam contra ti?" (v. 21). O verbo *odiar*, conforme usado por Davi nesse versículo, é similar ao termo *rejeitar.* Davi não quer nada com aqueles que odeiam a Deus. O salmista os rejeita e afirma que os inimigos de Deus também são inimigos dele.

Davi não apenas sabe que Deus tem perfeito conhecimento dele, mas também dos ímpios. Deus os levará a julgamento e, quando isso acontecer, nada será deixado de lado. Os ímpios não terão oportunidade de refinar sua história ou dar sua versão dos fatos.

Mas Davi é suficientemente sábio para entender que não pode se satisfazer com o fato de Deus saber todas as coisas sobre, se não reagir afirmativamente à sua revelação. Pode falar sobre o conhecimento que Deus tem dos fatos e dos ímpios, mas, agora, os holofotes precisam se voltar para a sua própria alma.

UM CONVITE À REFLEXÃO

O salmo começa com Davi dizendo que o conhecimento que Deus tem dele é ponto pacífico: a busca na verdade já aconteceu. Agora, porém, diz: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende, e dirige-me pelo caminho eterno” (v. 23,24). Na realidade, está dizendo: “Deus, o Senhor já olhou para mim, e agora eu peço que o Senhor me mostre o que está vendo”. Essa é uma oração corajosa. Não desejamos ver aquilo que Deus vê, mas tal experiência é a maneira de ser curado e receber bênçãos.

Quanto mais honestos formos, mais dispostos estaremos a admitir que não temos uma idéia clara das mentiras que habitam em nosso coração. Somos muito cegos e espiritualmente dissimulados. Já enganamos a nós mesmos um número suficiente de vezes para sermos capazes de encarar o pecado que habita dentro de nós. Existem muitas coisas em nosso coração que não podemos ver, a não ser que Deus as revele a nós. Li, em algum lugar, a história de uma mulher que disse o seguinte a seu pastor:

— Há algo errado na minha vida. Já pedi a Deus que me mostrasse o que é, mas não tenho a mínima idéia — disse ela.

— Simplesmente ajoelhe-se e julgue o que é — respondeu o pastor.

Sim, às vezes sabemos exatamente o que é que está dentro de nós e que está desagradando a Deus. Em outras situações, devemos orar tal como Davi: “Sonda-me [...] conhece o meu coração”.

Depois da sondagem, vem a prova: “... prova-me, e conhece as minhas inquietações” (v. 23). Talvez Davi esteja falando da ansiedade que sente em função das ameaças dos ímpios. Quer ser provado assim como o ourives refina o metal. E quer saber se existe algo “ofensivo” em sua conduta. Talvez Davi tivesse um pecado específico em mente ou talvez não. Fosse o que fosse, queria saber o que era.

O sondar de Deus leva à prova, e a prova leva à direção:

dirige-me pelo caminho eterno” (v. 24). Clamamos por direção, mas não insistimos tanto na sondagem e na provação. É possível, porém, que haja uma ordem importante aqui. A direção vem após um coração aberto à presença de Deus.

Estamos dispostos a fazer essa oração?

Sim, Deus sabe se vamos fazê-la ou não, mas seu conhecimento não nos exime da responsabilidade. Seu pleno conhecimento deve nos levar a ele e jamais nos afastar. Que digamos como Pedro: “Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo” (Jo 21.17). Porque: “Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas” (Hb 4.13).

OITAVA MENTIRA

A OU EDA ARRUINOU

1

P. 34.

o pla.no de Deus

Todos concordamos em que o pecado arruinou o paraíso. Mas será que arruinou o plano eterno de Deus?

Deus estaria realmente presumindo, ou até mesmo esperando, que Adão e Eva fossem obedecer seu mandamento para que pudessem viver em júbilo? Ou todo o esquema de pecado e plano de redenção estariam na mente de Deus muito antes de o belo fruto da árvore proibida ter seduzido Eva?

Vejamos como algumas pessoas entendem essa situação. Deus tinha um "plano A", a saber, todos os seres criados deveríam viver em obediência e alegria. Contudo, pelo fato de essas criaturas tirarem vantagem de seu livre-arbítrio, uma porcentagem dos anjos e, posteriormente, toda a raça humana, lançaram-se no pecado e sofreram todas as suas horríveis conseqüências. Em resposta a essa situação, Deus deu início ao "plano B", vindo ao mundo na pessoa de Cristo para redimir o maior número de pessoas possível. Felizmente, somos convidados a participar desse plano e, naturalmente, insistimos com outras pessoas para que se juntem a nós.

Resumindo: de acordo com esse cenário, a Queda do homem no jardim do Éden arruinou o plano de Deus. Colocado diante da realidade da maldição, Cristo veio ao mundo para arrumar a bagunça. A ação de Deus poderia ser considerada mais como uma *reação* à ruína deixada no rastro do pecado. Tal como um artista que encontra em sua tela um traço indelével feito por seu inimigo e que

por não poder ser removido, termina por incorporá-lo à sua obra, Deus tomou a desordem que suas criaturas rebeldes lhe entregaram e fez o que de melhor poderia fazer com ela.

Em minha opinião, essa é uma interpretação errônea do que a Bíblia diz. Existem fortes razões que provam que a Queda de Lúcifer e Adão faziam parte do "plano A". O esquema da história da redenção sempre esteve na mente de Deus, pois criou para que pudesse redimir; e redimiu para que

pudesse mostrar sua glória da melhor maneira. Sim, o mundo atual, com todo o pecado e dor, faz parte do “plano A”.

Posso ouvir um coro de objeções: “Lúcifer, Adão e Eva não tinham livre-arbítrio?”. “Será que as criaturas de Deus são robôs, simples marionetes que, sem saber, estão seguindo um projeto divino e invisível?” Ou, como alguém já disse: “Você quer dizer que Eva não caiu, *mas foi empurrada!"*.

“E o que isso diz sobre Deus — por acaso ele deseja o sofrimento no mundo, as guerras, o abuso infantil, o Holocausto? Podemos confiar no Deus que faz essa escolha como se fosse a melhor de todas? Será que não tinha alternativas?”

Há ainda uma outra questão: “Se esse é o “plano A”, isso significa que devemos aceitar passivamente este mundo, com todo seu mal, porque, de qualquer modo, tudo está de acordo com a vontade Deus? Se nos opusermos às circunstâncias, não estaremos nos opondo a Deus?”.

Sei que é difícil dizer aos pais das crianças que foram assassinadas na Escola Columbine que este *é* o “plano A”. Este mundo está tão claramente fora do eixo que qualquer pessoa concorda que as coisas não são como deveríam ser. Contudo, como veremos, somente colocando o mal dentro da estrutura do plano eterno de Deus é que temos qualquer esperança de que o sofrimento possa fazer algum tipo de sentido.

Voltaire, o famoso escritor francês, escreveu um romance chamado *Candida.* Nessa sátira, Candide passa por uma tragédia atrás da outra e fica dizendo a si mesma que “isso é o melhor que poderia acontecer”. Parece tão óbvio para Voltaire que os males deste mundo não tinham qualquer significado, que a própria idéia de que isso era o plano de Deus parecia impensável.

Quando confrontados com questões de tamanha importância, não podemos tecer juízos pessoais até que tenhamos avaliado os dados bíblicos sobre a natureza de Deus e seus propósitos. No capítulo anterior, tentei explicar a onisciência de Deus e suas implicações. Quando entendemos como a onisciência se combina com a onipotência e com a sabedoria, não podemos acreditar que as coisas tenham saído errado a partir da perspectiva divina.

Sim, existem males terríveis no mundo; Deus não tem prazer no sofrimento humano; contudo, seus propósitos eternos estão em curso. Se olharmos do ponto de vista da eternidade, este é o "plano A".

Antes de pensarmos nas objeções, faremos uma meditação sobre Deus e sobre sua revelação. Queremos fazer uma breve jornada pela mente dele, tentando entender o que disse sobre seu plano eterno. Junte-se a mim enquanto mergulhamos nessas profundezas teológicas. As águas são tão profundas que, em alguns momentos, nossos pés não tocarão o fundo. Quando emergirmos, meu desejo é que adoremos a Deus como nunca fizemos antes. Quero que o vejamos com nunca o vimos antes e que coloquemos nossa confiança nele como nunca fizemos.

Deparamo-nos então com a grandeza de nosso Deus e com o mistério que cerca seus propósitos. Como veremos adiante, a teologia deve culminar em doxologia. Se penetrarmos na mente de Deus, seremos levados ao louvor a Deus. Portanto, voltemo-nos às Escrituras para defendermos a idéia de o pecado, mesmo com todo o seu horror, não ter arruinado o plano eterno de Deus.

OS PROPÓSITOS ETERNOS DE DEUS

Se puder, tente visualizar o momento em que nada existia, a não ser Deus: sem estrelas, anjos, mundos, ar, nenhum ser vivente. Apenas Deus, existindo em glória e esplendor.

Já enfatizamos que Deus não escolheu os atributos que possui: santidade, poder e misericórdia já faziam parte do que ele era e é.

Se fosse sádico em vez de benevolente, ainda assim teríamos de aceitar a Deus como ele é e não teríamos qualquer direito de recriá-lo de acordo com nossas palavras. Felizmente é amoroso, e por isso existe comunhão entre os membros da Trindade desde toda a eternidade. Deus estava contente e não precisava de nada mais fora dele para existir e estar plenamente satisfeito. Paulo disse: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas" (At 17.24,25).

Se você perguntar a quanto tempo Deus existia antes de criar o mundo ou o que estava fazendo esse tempo todo, o grande teólogo Calvino diria que estava preparando o inferno para as pessoas que fizessem tal pergunta! E claro que Calvino estava brincando. Simplesmente não sabemos a resposta porque Deus não considerou adequado que soubéssemos. Existem algumas coisas que sabemos e outras que não sabemos.

Então, por que Deus criou o universo? Talvez Jonathan Edwards nos dê a melhor explicação para isso: para o "transbordar de sua glória". Desejava revelar a si mesmo, criar trilhões de estrelas e um pouco menos de planetas que, diante das ordens de Deus, irradiariam a glória e a energia divinas.

Esse pensamento nos leva às raias do mistério: Deus não usou nenhum material preexistente quando chamou todas as coisas à existência. Simplesmente imagine ir a um laboratório com a intenção de criar uma simples molécula a partir do nada! Isso está muito além de nós, porque a lógica nos mostra que nada pode sair do nada. Isso é verdade para nós, mas não para Deus: do "nada" fez "alguma coisa".

Até mesmo criar uma única coisa do nada requer onipotência. Somente o ser Todo-Poderoso pode fazer isso. Deus criou todas as coisas sem qualquer esforço: "Mediante a palavra do SENHOR foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de sua boca v(SÍ 3T6jj

E claro que Deus se restringiu. Poderia ter criado milhares de planetas ao redor do Sol, em vez de criar pouco menos de uma dúzia. Também poderia criar muito mais do que as trilhões de estrelas que iluminam a noite escura. Poderia ter colocado os seres humanos em outros planetas, se isso lhe desse prazer. Tudo foi escolha dele. "Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas" (Ap 4.11).

Deus criou o Diabo? Bem, não como ele é hoje. Deus realmente criou o anjo que se tornou o diabo e os anjos que se tornaram demônios. Poderiam não ter existido. A verdade é que eles não poderíam existir hoje, se não fosse pela soberana escolha e vontade de Deus.

Se, porém, perguntarmos sobre os propósitos eternos de Deus, os objetivos de sua criação, a Bíblia responde essa pergunta dezenas de vezes. A criação mostra-se como o primeiro elo da cadeia de um planejamento providencial, que engloba tudo o que Deus queria fazer. O elo final dessa cadeia sempre é a glória de Deus.

Como John Piper gosta de destacar, Deus serve a si mesmo incansavelmente. Tudo o que existe contribui para a sua glória. Isso não significa que seja egoísta no sentido comum da palavra. Deve colocar a si mesmo em primeiro lugar porque seria de esperar que honrasse tudo o que fosse de maior valor, ou seja, ele mesmo. Na condição de humanos, quando somos absorvidos por nós mesmos, colocamos nossa ênfase naquilo que é de menor valor, mas a criatura nunca e mais que valiosa que o Criador. Deus não tem escolha senão colocar sua glória acima de tudo o mais.[1]

As Escrituras enfatizam essa verdade. O Senhor Deus declara:

Direi ao norte: Entregue-os! e ao sul: Não os retenha.

De longe tragam os meus filhos, e dos confins da terra as minhas filhas; todo o que é chamado pelo meu nome, *a quem criei para a minha glória*, a quem formei e fiz (Is 43.6,7; grifo do autor).

[l]*The pleasures of God.* Portland: Multnomah, 1991, p. 38.

Então todo o seu povo será justo, e possuirá a terra para sempre.

Ele é o renovo que plantei, obra das minhas mãos,

para manifestação da minha glória (Is 60.21; grifo do autor).

“Assim como um cinto se apega à cintura de um homem, da mesma forma fiz com que toda a comunidade de Israel e toda a comunidade de Judá se apegasse a mim, *para que fosse o meu povo para o meu renome, louvor e honra.* Mas eles não me ouviram”, declara o Senhor (Jr 13.11; grifo do autor).

Contudo, ele os salvou *por causa do seu nome, para manifestar o seu poder* [...]

Então creram nas suas promessas e a ele cantaram louvores (SI 106.8,12; grifo do autor).

Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. Isso acontecerá *no dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram, inclusive vocês que creram em nosso testemunho* (2Ts 1.9,10; grifo do autor).

Essas são apenas algumas das muitas passagens que enfatizam que todas as coisas foram criadas para a glória de Deus. Se ainda não estiver convencido quanto à razão de Deus ter criado todas as coisas, pense nas seguintes palavras: "... pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele" (Cl 1.16). Nada ficou de fora: todas as coisas foram criadas *pore*, le *epara* ele. Deixe-me dizer outra vez: *pore* le e *para* ele! *Este mundo foi feito para Cristo.*

Com esse objetivo final em mente, Deus criou os anjos e o universo, com Adão e Eva no jardim do Éden. Para atingir seu objetivo final, Deus possuía uma série de objetivos menores planejados para conduzir ao objetivo final. Desse modo, todos os seus propósitos estão relacionados. Deixe-me apresentar um exemplo contemporâneo. Quando estava no colegial, estudei química. Como eu precisava passar naquela matéria, trabalhei duro para conseguir as notas. Mas aquele propósito era parte de um projeto, me formar no colegial; esse propósito levava a um ainda mais importante, ou seja, ir para um seminário. Na verdade, até mesmo esse propósito tinha em vista levar-me a um propósito final, a saber, tornar-me pregador e professor da Bíblia. Esse propósito também me leva a um mais importante ainda: ver vidas transformadas pelo poder do evangelho.

Desse modo, vemos que todos os propósitos de Deus formam um sistema inter-relacionado, no qual um acontecimento existe em função do próximo e este surge a partir do primeiro. A criação do mundo levou à criação de Adão e Eva; o nascimento de seus filhos levou a outros propósitos e assim

tem acontecido por todas as eras. *Com relação aos anjos, Deus os criou para um* propósito *que levaria* a outros propósitos, todos contribuindo para a glória de Deus.

Nossas intenções normalmente são frustradas por causa da falta de conhecimento. Você deseja comprar flores para sua esposa quando está voltando para casa, mas, quando pára na floricultura, descobre que fechou. Ou, para sua surpresa, os cinqüenta reais que você pensou que tinha na carteira foram usados por seu filho adolescente que estava precisando muito pagar o livro da escola, mas esqueceu de contar-lhe que havia retirado o dinheiro quando você estava tomando banho.

Certo dia, fui até um hospital visitar um amigo, sem saber que já havia morrido. Minha "presciência" não era conhecimento prévio de forma alguma. Em outra ocasião, minha esposa e eu planejá-vamos fazer um cruzeiro e terminamos descobrindo que fora cancelado, porque o navio precisava de consertos inesperados. Graças ao pouco conhecimento que tenho, meus planos precisam ser constantemente revisados.

Mas Deus não sofre desses problemas. diz o Senhor, que faz estas coisas' conhecidas desde os tempos antigos" (At 15.17,18).

Analisaremos essa questão com cuidado. Primeiramente, Deus é *onipotente*, ou seja, tem todo o poder. Não há nada que não possa fazer, a não ser violar a própria natureza. Poderia até mesmo ter feito criaturas que sempre o obedeceriam. É verdade, poderia ter criado um exército de criaturas semelhantes aos bons anjos que até hoje obedecem aos seus comandos. Ainda no que se refere a esse assunto, poderia ter nos criado do modo como seremos no céu: perfeitos, sem desejo nem capacidade para pecar. Todas essas opções, além de um número enorme de outras, estavam diante de Deus.

Segundo, Deus é *onisciente.* Nada que venha a acontecer vai pegá-lo de surpresa. Quando criou Lúcifer, Deus sabia que esse anjo pecaria. Quando criou Adão, sabia que o homem cairia. Nenhum fato novo pode surgir sobre o qual Deus não tenha conhecimento. Nenhuma criatura pode fazer uma escolha da qual Deus não tenha consciência. "Mas foi Deus quem fez a terra com o seu poder, firmou o mundo com a sua sabedoria e estendeu os

céus com o seu entendimento" (Jr 10.12). A onipotência e a onisciência de Deus estão ligadas.

Onisciência, como já aprendemos, significa que todas as coisas são conhecidas de antemão. Uma vez que o conhecimento de Deus não é falho, ele sabia que o futuro aconteceria do jeito que se revelou diante dele. Sabendo o que ele sabia, Deus poderia ter optado por criar um mundo completamente diferente: um mundo sem o diabo, com pessoas cujos corações estariam sempre inclinados a fazer o que fosse certo. Suas opções estavam além da nossa imaginação.

Terceiro, Deus é *onipresente.* Ele preenche o universo. Isso significa que não há lugar onde Deus não esteja. Nada pode acontecer atrás de suas costas. Nenhum plano pode ser engendrado numa sala cheia de fumaça na qual Deus não tenha permissão de entrar. Vá até os confins do espaço e Deus estará lá. "'Poderá alguém esconder-se sem que eu o veja?', pergunta o SENHOR. 'Não sou eu aquele que enche os céus e a terra?', pergunta o SENHOR" (Jr 23.24).

Veja como seus atributos são freqüentemente combinados nas Escrituras. Jeremias uniu a onipotência e a sabedoria de Deus: "Mas foi Deus quem fez a terra com o seu poder, firmou o mundo com a sua sabedoria e estendeu os céus com o seu entendimento" (Jr 10.12). De maneira semelhante, a onipresença e a onisciência estão interligadas. Quando Deus age, todos os seus atributos agem em conjunto; nenhum age de maneira independente; nenhum diminui o outro.

Já é possível, a essa altura, fazer uma pergunta: você acha que esse Deus — tão poderoso, tão cheio de conhecimento e de sabedoria — teria criado um universo no qual alguma coisa pudesse acontecer de maneira contrária à sua vontade? Eu acho que não. Jó estava certo quando disse: "Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado" (Jó 42.2). Nem mesmo o livre-arbítrio pode se colocar no caminho dos propósitos finais de Deus. O poder, o conhecimento e a sabedoria de Deus são infinitos.

Ouça as palavras de Charles Alexander:

Se Deus fosse menos que onipotente ou se permitisse que o mal se desenvolvesse e multiplicasse a si mesmo nos domínios da criação divina sem o decreto e a permissão prévia de Deus, então não seria Deus e não poderia ser Deus. Se o mal precisa existir, que isso aconteça sob o cuidado das mãos de Deus e não por acaso, pois, se o mal vem de outra fonte que não seja o decreto divino, contrário à vontade de Deus, então deve haver um outro deus ao lado de Deus.[2]

A criação foi a primeira das ligações importantes na inter-relação dos propósitos de Deus. Contudo, muito antes da criação, a morte de Cristo, a salvação de seu povo e o triunfo de Cristo sobre o mal já estavam na mente divina. A criação foi a produção exterior que ocorreu no momento certo do plano eterno.

A REDENÇÃO ETERNA PROVIDA POR DEUS

Paulo mostra a ligação entre a criação e a redenção: "Porque Deus nos escolheu nele [em Cristo] antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença" (Ef 1.4). Paulo refere-se à criação do mundo, mas diz que alguma coisa já havia

[1]*Hallelujab! For the Lord God omnipotent reignethl,* Pensacola: Mt. Zion Publications, p. 12. Extraído de uma mensagem proferida na reunião anual da Sovereign Grace Union, Londres, julho de 1969.

acontecido antes do nascimento da terra. Antes de os mundos passarem a existir, antes de Adão e Eva caminharem por entre as árvores do Éden, o plano de redenção estava na mente de Deus. Já naquele momento, portanto, havia escolhido um grupo de pessoas para ser santo e inculpável. Não podemos pensar na criação separadamente da redenção: as duas estavam interligadas desde o início na mente de Deus. "O mundo foi feito para o calvário. Deus criou o mundo com a intenção de morrer por ele. O remédio já estava pronto antes da doença."[3]

Conheço um pastor que acredita que Deus tinha grandes esperanças para Adão e Eva, mas que eles o desapontaram. Então, Deus pôs em prática o "plano B". Em uma mensagem intitulada "Deus, o apostador", esse homem disse que Deus apostou na humanidade, jogando tudo na idéia de que a

humanidade o serviria. Quando perdeu a aposta, Deus fez o que todo jogador faz: aumentou a aposta e jogou tudo em seu único Filho. Esse pastor até reescreveu João 3.16: “Porque Deus tanto amou o mundo que *apostou em* seu Filho Unigênito”.

Para esse pastor, se é que podemos chamá-lo assim, não existem garantias: Deus não tinha certeza de que todo o mundo creria em Jesus depois que este morresse pelos pecadores. Além do mais, por causa do livre-arbítrio, era concebível que ninguém cresse em Jesus. Deus poderia ter perdido todo o montante apostado! De acordo com esse cenário, a morte de Cristo foi a resposta de Deus para uma emergência que não esperava que fosse acontecer. Podemos ser agradecidos pelo fato de Deus ter optado por limpar a bagunça, mas ele perdeu o jogo. Não havia nenhuma certeza com relação a seus planos. Contudo, como Deus é amor, podemos estar certos de que fará tudo o que estiver ao seu alcance para nos ajudar.

Que coisa degradante!

É desnecessário dizer que a cruz de Cristo foi um acontecimento planejado desde a eternidade. Apesar de já ter citado esses versículos neste livro, eu os repetirei. “Este homem”, disse Pedro com relação a Jesus, “lhes foi entregue *por propósito determinado e pré-conhe-*

[3]Ibid., p. 16.

cimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz” (At 2.23; grifo do autor). E, novamente: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. *Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse*” (At 4.27,28; grifo do autor).

Deus esquematizou a cruz nas distantes eras da eternidade porque planejou nossa redenção antes mesmo de nos criar. “... [Deus] nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus *desde os tempos eternos*” (2Tm 1.9; grifo do autor). O texto

grego diz literalmente que a graça nos foi concedida “desde os tempos eternos”!

É possível, porém, que o texto que mais claramente mostra que Deus criou para que pudesse redimir esteja em Efésios, no qual Paulo diz que fora chamado para pregar, aos gentios, o insondável conhecimento de Cristo que, por muito tempo, “foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, *de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor'* (Ef 3.9-11; grifo do autor).

Não perca a ligação: o Deus que criou todas as coisas planejou que a igreja disseminasse sua sabedoria e este era seu “eterno plano”! Não é de surpreender que não possamos separar a criação da redenção. O propósito inicial de Deus era redimir, e a criação era o passo necessário para que isso se realizasse. Sem a criação, não haveria criaturas redimidas para mostrar sua glória. Sem uma igreja, sua multiforme sabedoria na salvação não teria sido manifesta. O mundo foi criado “*por* ele e*para* ele”.

Por mais que lutemos com o fato de que Deus não tem começo, podemos nos alegrar por saber que desde sempre ele conhece os remidos. Desde eras inimagináveis, sabia que derramaria sua graça a nós. Colocando de outra forma, se você é redimido, nunca houve uma época em que Deus nao o tivesse amado, nem um momento sequer em que você nao tenha sido objeto de seus propósitos específicos. E por isso que João pode dizer que nossos nomes estavam escritos no livro da vida do Cordeiro “desde a criação do mundo” (Ap 13.8).

E compreensível a dificuldade em dizer que Deus escolheu, desejou e planejou desde os tempos eternos. O importante é que percebamos que havia uma cruz no coração de Deus muito antes de uma cruz ser levantada no monte Calvário. Deus não deixou nada ao acaso em seu universo. Não fez nenhuma aposta aqui.

Caro leitor, se você acha que foi deixado de fora no plano de Deus, se fica questionando se está entre os escolhidos, a quem Deus conheceu desde a eternidade, deixe-me encorajá-lo. Você pode descobrir se Deus lhe deu

graça desde a eternidade. Simplesmente venha a Cristo e receba-o pela fé. Coloque nele toda a sua confiança de ser salvo eternamente. Ele prometeu receber você. O desejo que você tem de pertencer a ele é uma boa razão para acreditar que ele o atraiu para si mesmo (Jo 1.12).

Apesar de a criação ter precedido a redenção no tempo, é a redenção que ocupa o lugar mais elevado na mente de Deus. A criação estabeleceu o cenário para a redenção. Era um elo necessário para mostrar o propósito eterno. Agora, o terceiro elo da cadeia tornará os propósitos de Deus ainda mais claros.

A CONSUMAÇÃO FUTURA EM DEUS

Enfatizamos que Deus criou todas as coisas para sua glória. Agora, chegamos ao propósito de tudo isso: “E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos” (Ef 1.9,10).

Paulo refere-se à “dispensação da plenitude dos tempos”, ou seja, quando todas as eras da terra terão passado. Os historiadores falam de diversas eras, comp a Era Pré-Histórica, a Era das Trevas, a Idade Média, a Era de Aquário. Um propósito se ligará ao outro até que a vontade de Deus seja plenamente cumprida. Quando tudo tiver acabado, todas as coisas serão unidas sob a autoridade de Cristo — não de Maomé nem de Buda, mas de Cristo.

Deixadas por si mesmas, a maioria das coisas se desintegra, em vez de se reunir. A desintegração é parte da observação natural das coisas: a natureza se encaminha ao acaso. Já disseram que o universo ainda está se expandindo. Deus dará um fim a toda essa desunião e colocará todas as coisas sob o estandarte de Cristo. Não existe nada solto no planeta Terra, nada fora de controle, nada que tenha sido deixado ao sabor de forças aleatórias ou do acaso. Deus segura todas as cartas. A certeza de seus propósitos deve nos alegrar.

Existe uma história de um homem que visitou uma fábrica de tapetes. Enquanto estava em um piso, olhou para cima e pôde ver o fundo de um

imenso tapete que estava sendo tecido no andar maior. As linhas eram esticadas e amarradas. As diferentes cores de linhas se cruzavam em padrões que não mostravam nenhuma relação entre si. Porém, quando subiu um lance de escada para ver a parte de cima do tapete, ficou maravilhado com os impressionantes desenhos e a simetria. A beleza das cores e os detalhes daquele trabalho manual cativaram sua atenção.

Estamos olhando a vida de baixo para cima. Insistimos em que deve haver algum erro; certamente algo parece errado. Talvez o tecelão não tivesse conseguido encontrar um padrão para os males sem sentido deste mundo. Achamos que nada poderia justificar o sofrimento encontrado neste planeta. Mas o belo desenho que se forma no lado que não podemos ver é o retrato do Filho amado de Deus. Seu plano está na direção certa.

PERGUNTAS SOBRE O GRANDE PLANO DE DEUS

Quer dizer que o jardim do Éden foi apenas um cenário, um palco para as marionetes chamadas Adão e Eva? E quanto a Lúcifer? Que chance teve, se tudo isso era plano de Deus? O holocausto poderia ter sido evitado se tudo tivesse acontecido de acordo com o plano divino?

Podemos confiar em um Deus que desejou que o mal fosse uma parte do que desejava realizar? Essas perguntas precisam de respostas.

A questão do livre-arbítrio

Há uma história sobre um grupo de teólogos que estava discutindo a doutrina da predestinação e a do livre-arbítrio. Quando a discussão ficou mais acalorada, os dissidentes separaram-se em dois grupos. Um homem que participava da discussão, incapaz de decidir a que grupo pertenceria, acabou indo para o da predestinação. Quando lhe perguntaram sobre a razão de estar ali, respondeu:

— Estou exercendo o meu livre-arbítrio.

— Livre-arbítrio! Você não pertence a este grupo! — responderam os defensores da predestinação. Assim, retirou-se e foi para o grupo oposto, o

do “livre-arbítrio”. Quando chegou ao grupo, as pessoas perguntaram por que havia mudado de posição, e o homem respondeu:

— Fui mandado para cá.

— Saia já daqui! — bombardearam os membros do grupo. — Você não pode vir para cá a não ser que faça isso por livre e espontânea vontade.

O homem, confuso, foi abandonado à indiferença.

O relacionamento entre a vontade de Deus e a vontade dos homens tem sido assunto de debate por vários séculos, e não pretendo resolver o mistério em poucos parágrafos. A verdade é que nem todos os teólogos definem o termo *livre-arbítrio* da mesma maneira. Dentro de poucos parágrafos, posso somente apontar a direção que tal discussão deveria tomar.

Deus nos criou com vontades que agem baseadas em nossas inclinações, desejos e conhecimento. Não temos consciência do decreto divino. Se você perguntasse a Pilatos por que permitiu que Cristo fosse morto, não teria dito “porque Deus me convenceu de que era assim que deveria acontecer”. Agiu de acordo com os seus desejos, mas, como já vimos anteriormente, Pedro destacou que Pilatos e os outros cohspiradores cometeram atos que Deus já havia predeterminado que aconteceriam. “Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse” (At 4.28).

Deus arranjou o universo de modo que nossos desejos convergissem com seus propósitos. E interessante perceber que a Bíblia não vê contradição entre a responsabilidade humana e a providência e direção divinas. A mesma Escritura que ensina que Cristo morreu por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus também chama de perversos os homens que levaram a cabo sua execução. São responsáveis por seus atos (At 2.23).

Talvez a melhor coisa que possa fazer nesse contexto seja simplesmente dizer isso: qualquer visão de livre-arbítrio que nega que Deus governa os habitantes da terra é antibíblica. Qualquer visão de predestinação que nos transforma em marionetes é igualmente antibíblica. A Bíblia apresenta a convergência entre nossas inclinações, nossos desejos e nossas escolhas e a vontade e o plano de Deus. Essas coisas se juntam para realizar os

propósitos divinos. O lado de Deus mostra os acontecimentos da maneira correta; o nosso lado diz que devemos agir com responsabilidade. Escrevi sobre esse assunto em mais detalhes em outra publicação.[4]

[4]*Doctrines that divide*, Grand Rapids: Kregel, 1998, p. 153-223. Muitas pessoas acham que o problema do mal pode ser resolvido apelando-se ao livre-arbítrio das criaturas de Deus. Essa visão é totalmente insatisfatória por muitas e diferentes razões. Primeiramente, se Deus planejava que suas criaturas não pecassem, mas que seria incapaz de executar seu plano por causa do livre-arbítrio, devemos destacar que Deus poderia ter escolhido criar apenas os anjos e os homens que ele sabia de antemão que não pecariam ou que teria criado criaturas como aquelas que estão no céu, sempre desejosas de servir a Deus e livres da capacidade de pecar. Além do mais, é difícil acreditar que o livre-arbítrio seria o responsável por tanto sofrimento neste mundo e pelo inferno no mundo futuro. Finalmente, se o livre-arbítrio fosse tão decisivo no plano de Deus, seria de esperar que fosse ensinado nas Escrituras, mas não é. A Bíblia não ensina que somos robôs, mas, sim, pessoas responsáveis, embora também destaque que não somos assim tão livres quanto os defensores do livre-arbítrio querem nos fazer acreditar. Ler as passagens a seguir vai mostrar que é errado acharmos que Deus se limitou, em razão do livre-arbítrio de suas criaturas: Êx 4.21; 12.36; SI 105.25; Pv 21.1; Dn 4.25; Am 3.6; Jo 1.13; 5.21; 12.39,40; At 4.27,28; 13.48; Rm 9.22-4; Ef 1.4,5; 2Ts 2.13.

A questão da vontade de Deus

Como podemos dizer que o mal é “da vontade de Deus”? Não está claro que o mal é *contrário* à vontade de Deus? Como é possível que esse plano ímpio seja o “plano A”? Seria da vontade de Deus o horrível sofrimento na Armênia, em Kosovo ou em Ruanda?

Devemos fazer distinção entre a vontade revelada de Deus (que não está sendo feita na terra) e sua vontade oculta (ou decreto) que está sempre sendo executada. Certamente o mal deste mundo viola tudo o que Deus revelou sobre os valores da vida humana, a necessidade da bondade e a essencialidade da pureza moral. Deus revelou suas leis, que são constantemente quebradas no planeta Terra, e várias passagens detalham a vontade de Deus para o cristão (Rm 12.2; lTs 4.3; 5.18). Porém, como Lutero destacou, existe uma vontade oculta de Deus que está sempre sendo cumprida. Essa vontade secreta não é algo que podemos questionar, mas apenas mais uma razão para nos prostrarmos maravilhados diante de Deus.

Podemos encontrar evidências dessa grandiosa e secreta vontade de Deus em muitos lugares nas Escrituras. Deus ordenou a Abraão que sacrificasse Isaque, muito embora tivesse planos secretos para o garoto continuar vivendo (Gn 22). Deus mandou Moisés dizer a faraó que deixasse o povo ir, mas, secretamente, Deus pla-nejou que o coração de faraó endurecesse para que não obedecesse a Moisés (Ex 4.21). E possível que a mais clara evidência dessa von-tade oculta esteja em Romanos 9; encorajo-o a ler esse capítulo e a ponderar sobre ele. Quando os santos em Roma achavam que a vontade de Deus estava fracassando, Paulo reafirmou a eles que os propósitos eternos do Todo-Poderoso estavam em curso. Ele é o oleiro que "tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer" (v. 18). É o oleiro que usa "os vasos de sua ira [...] para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória" (v. 22,23).

Li em algum lugar uma história que ilustra como a vontade secreta de Deus está sendo cumprida. Suponha que exista um nobre que possui terras cobertas com árvores. Ama essas árvores, chamando-as pelo nome, cuidandcrdelas da maneira adequada. Infelizmente, tinha um inimigo que queria feri-lo da pior maneira possível. Assim, certa noite, o homem mau escalou a cerca e cortou aquela que acreditava ser a árvore favorita daquele nobre. Infelizmente, para ele, estava tão animado com o feito que correu para a direção errada e a árvore caiu sobre ele, afundando-o no chão.

Logo depois do amanhecer, o homem mau viu o nobre e um outro homem caminhando em sua direção. Sabia que seria pego, mas o fato de ter cortado a árvore favorita do nobre o enchia de alegria.

—Arruinei sua árvore favorita — disse ele, com um sussurro de escárnio. O nobre olhou para aquele homem em uma situação patética e disse:

— Este homem que está comigo é um construtor. Eu sabia que precisava cortar uma árvore para construir para mim mesmo uma casa de verão e trouxe o construtor justamente para mostrar qual seria esta árvore. Obrigado por fazer isso por mim — disse o nobre. (Logicamente o homem foi julgado de maneira apropriada por seu ato maligno, embora ele se encaixasse perfeitamente nos planos daquele nobre.)

Será que a vontade revelada de Deus está sempre sendo executada na terra? Não, os homens maus estão fazendo coisas terríveis, insultando o Todo-Poderoso. Independentemente do que os homens maus façam, isso promove o avanço do plano eterno de Deus, e, no final, como escreve Charles Alexander, "o mal será visto como se tivesse sido o escravo da providência para introduzir um bem maior e mais elevado do que poderia ter havido caso não existisse mal algum na terra".[5] Certamente é isso o que Paulo tinha em mente quando disse que somos predestinados "conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade" (Ef 1.11). Assim, a rebelião das criaturas continua promovendo a vontade e os propósitos do Criador.

A questão do conflito

Se o mundo está funcionando de acordo com o plano de Deus, isso quer dizer que devemos aceitar o mal passivamente porque todas as coisas são da vontade de Deus? Não, não devemos ficar

[5]*Hallelujah! For the Lord God omnipotent reigneth*, p. 2.

passivos, porque acreditamos que a vontade revelada de Deus é que lutemos contra o mal em todos lugares em que o encontrarmos. Como já aprendemos com relação às catástrofes naturais, *o mal é dado a nós com o objetivo de que, ao vencê-lo, estejamos glorificando a Deus.* Honramos a Deus quando promovemos uma guerra contra o mundo, contra a carne e contra o diabo.

Foi fácil para Voltaire escrever uma sátira dizendo: "Isso é o melhor que podería acontecer". Obviamente não é: injustiça e crueldade de toda sorte sobejam no mundo. Contudo, da perspectiva de Deus, o melhor de todos os *planos* possíveis está em ação. "Se Deus me concedesse a onipotênciá por 24 horas, veríam quantas coisas faria no mundo", escreveu J. Monsabre. "Mas se Deus também me desse a sabedoria, *eu deixaria as coisas como estão*" (grifo do autor).[1] Muito sábio.

Este não *é* o melhor de todos os planetas, mas, da perspectiva da eternidade, o melhor de todos os arquitetos escolheu o melhor de todos os esquemas. Pensando nisso, você acha que o Deus bondoso e onipotente escolhería qualquer coisa que não fosse a melhor? O fato de este ser o "plano A" não

quer dizer que Deus esteja satisfeito com a injustiça e o sofrimento deste planeta, nem que nós deveriamos estar. E verdade, o "plano A" inclui o mal, mas também inclui sucesso final na luta contra ele. Esse plano inclui eternidade, não apenas tempo.

Há uma ilustração que deve ajudar. Será que uma cirurgia cardíaca dolorosa seria a melhor de todas as experiências possíveis? Meu amigo que acabou de passar por tal cirurgia e sofreu bastante gritaria: "Não!". Contudo, se olharmos para a cirurgia a partir de um ponto de observação mais distante, a resposta é *sim*, pois a cirurgia é o meio para se obter vida mais longa e saúde melhor.

Os cristãos devem estar na linha de frente, lutando para colocar um fim no racismo, para resgatar os pobres e para proteger os fetos contra o aborto. Acima de tudo, devemos estar dispostos a seguir a liderança do nosso Salvador e a dar nossa vida por outros. O triunfo final da justiça, do amor e do governo soberano de Deus é um aspecto indispensável do "plano A". E por isso que repreendemos o diabo, lutamos com a armadura de Deus, colocamo-nos contra a injustiça, identificamo-nos com o sofrimento da humanidade do mesmo modo que Cristo fez. Não estamos satisfeitos com o *status quo*. Dedicamos nossa vida para fazer deste mundo um lugar melhor para se viver.

Quem usa a soberania de Deus como uma desculpa para a falta de ação direta na batalha contra o diabo, deixou de manter o equilíbrio bíblico. Esqueceu de que a soberania de Deus inclui o conflito entre o bem e o mal e que Deus é glorificado quando nos identificamos com ele no conflito.

A questão da confiança Podemos confiar em Deus?

Façamos essa pergunta a uma criança de Kosovo cujos pais tenham sido assassinados na guerra civil. Perguntemos aos judeus que sobreviveram aos campos de concentração, se o Deus bondoso optou pelo melhor plano para o mundo. Perguntemos aos pais cujos filhos estão sofrendo de diversas doenças, se acham que o plano de Deus é bom. Perguntemos às crianças que estão sofrendo abuso hoje, se o plano de Deus é justo e correto.

Será que Deus não poderia ter escolhido o mundo com um pouco mais de cuidado? Podemos confiar no Deus cujo plano inclui tal sofrimento para tantas pessoas e, para milhões de outras, o julgamento no inferno eterno?

Sim, podemos confiar nele.

Na verdade, a única razão pela qual podemos confiar em Deus é que sabemos que ele está no controle e, portanto, deve haver uma boa razão para permitir que o mal tenha entrado no mundo. Deve ter tido um bom propósito ao incluir o mal como parte de seu plano eterno. Na verdade, somente um Deus para o qual não há nenhum risco é que pode ser considerado digno de confiança. Somente pelo fato de sua soberania estender-se a todas as partes da história é que podemos ter confiança de que cada mal será substituído por um bem ainda maior.

Assim, deparamo-nos com uma escolha: temos um Deus que se coloca como um espectador interessado, limitado no que pode fazer pelo fato de suas criaturas terem livre-arbítrio; ou, então, temos um Deus para quem este mundo é o "plano A". Se você escolher a segunda opção, poderá ter certeza de que qualquer pequeno detalhe deste planeta tem significado. Todo mal deve ser respondido com a justiça divina. Todo bem deve ser recompensado de acordo com seu valor. *Podemos ter certeza de que deve existir uma razão moralmente suficiente para o mal, muito embora essa razão seja conhecida apenas por Deus.*

Talvez você tenha objeções ao que escrevi neste capítulo, insistindo em que a Queda do homem realmente arruinou o plano original que Deus tinha em mente. Se esse é o caso, as conseqüências são assustadoras. Eu teria dificuldades de confiar no Deus que precisou mudar para um "plano B" porque o "plano A" foi arruinado. Se aconteceu alguma coisa que estava realmente além do seu plano, então outras coisas inesperadas podem acontecer no futuro. Acho que é bem mais fácil confiar no Deus que desde o início tinha um plano que está em andamento até hoje. É possível que, algum dia, Deus nos explique de que modo os males sem sentido desta vida realmente fizeram sentido de acordo com seu ponto de vista divino. Diminuir o controle de Deus não aumenta minha fé. Quanto maior for o seu controle, maior é a minha fé de que cumprirá todas as coisas. Somente se Deus reinar sobre todas as coisas é que eu posso ter esperança.

Colocando de maneira clara, o mal sem sentido tem um propósito somente se fizer parte do plano de Deus. Um avião que está levando uma equipe de pessoas que ajudarão refugiados de guerra em um país assolado por conflitos, cai no meio da viagem. Será que Deus não se importa com os refugiados e suas necessidades? Depois do terremoto na Turquia, veio a chuva, dificultan-do ainda mais os esforços dos sobreviventes para encontrar seus paren-tes e cuidar de si mesmos. Depois de receber propina, um juiz dá a custódia de uma criança a um marido com histórico de abuso. Existem tnííhares de acontecimentos como esses que, do nosso ponto de vista, são malignos e sem sentido. Contudo, se este mundo caído é parte do plano de Deus, podemos ter certeza de que deve haver um propósito em tudo isso. Nem mesmo um único fato ocorre que não seja usado para algum fim justificável.

Darrell Scott, mãe de Rachel, assassinada no massacre da Escola Columbine, conhece essa verdade. Ela não tem ódio mortal. De acordo com a revista *Time,* Darrell e sua família encontraram libertação de seu desespero: "Para eles, a morte de Rachel foi um martírio cristão — *um ato de Deus* para dar início a uma revolução espiritual entre os jovens (grifo do autor).[7] E desnecessário dizer que Deus não comete nenhum mal, mas se a morte de Cristo foi um "ato de Deus" executado por homens perversos, a morte de uma jovem executada por adolescentes perversos pode ser descrita da mesma maneira. Somente se Deus for soberano é que temos a esperança de que os males deste mundo promoverão os propósitos de Deus.

Certo dia eu estava aparando o gramado de casa quando vi um pedaço de carta caído em meu jardim. Consegui ler várias frases. Descrevia uma amizade rompida entre o autor e o destinatário. Pude compreender um pouco do que havia acontecido, mas, para ser franco, não consegui compreender a situação como um todo. Eu precisava do resto da carta, dos detalhes do início e da conclusão. Precisava do contexto.

E isso o que acontece com os propósitos de Deus. Temos sua Palavra, que é confiável, mas incompleta. Temos conhecimento suficiente para a fé, mas não para a vista. Temos compreensão suficiente para viver, mas não para explicar. Nesta vida, temos apenas uma cena do drama, mas ainda não

assistimos à peça inteira. Sabemos quem vence, mas não sabemos os porquês. Poderiamos fazer uma centena de perguntas e a Bíblia continuaria silenciosa. Como diz Charles Swin-doll, a soberania de Deus "não elimina minhas perguntas. Ela dissipa minha ansiedade".[8]

[7]S. C. GWYNNE, An act of *Go&Jime,* 20 Dec., 1999, p. 58.

[s]*0 mistério da vontade de Deus, Sito* Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 108.

Diante de tudo isso nos curvamos diante do nosso Criador e humildemente admitimos que existem muito mais coisas sobre ele do que conhecemos. Deus tem o direito de revelar somente uma parte de sua vontade. Tudo o que podemos dizer é que revelou a si mesmo como soberano, amoroso e sábio. E claro, teríamos feito de outra maneira, mas, como a Bíblia diz, Deus não tem conselheiros com os quais discute seus próximos passos. Somente podemos nos regozijar com o fato de que toma todas as suas decisões, tendo em mente intenções amorosas e justas.

O que aconteceria se Deus quisesse a companhia de pessoas que confiassem nele, embora os caminhos de Deus sejam "inescrutáveis"? E se desejasse que acreditássemos que é bom, embora aparentemente existam muitas evidências em contrário? Confrontado com os caminhos inescrutáveis de Deus, Pedro escreveu:

Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado (lPe 1.6,7).

Finalmente, devemos cair aos pés de Deus em adoração. A Bíblia começa com a declaração: "No princípio Deus criou os céus e a terra" (Gn 1.1). E no fim, lemos: "Aleluia!, pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todo-Poderoso" (Ap 19.6). Nessas duas passagens está a segurança de que servimos ao Deus que faz todas as coisas boas.

UM CONVITE À REFLEXÃO

Vamos imaginar que estamos no céu olhando para o planeta Terra e o drama que se desenrola ali, em um espaço de milhares de anos. Ficamos impressionados ao ver quão pequena é a Terra, quando colocada contra a vastidão das miríades de estrelas nos céus distantes. Ainda assim, nesse pequeno ponto no universo, a luta entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas chega ao glorioso fim. Juntamente com os anjos, nós dizemos:

Amém!

Louvor e glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre.

Amém! (Ap 7.12)

Só assim compreenderemos que Deus fez todas as coisas boas.

Até lá, nos alegraremos em adoração, acreditando que a vontade de Deus e seus caminhos são justos e bons. Quando Paulo abordou a questão dos propósitos finais de Deus, terminou com uma impressionante doxologia, lembrando-nos que podemos ter apenas um vislumbre do plano final de Deus. Nós o adoramos tanto por aquilo que sabemos quanto pelos mistérios que não podemos sondar. Paulo diz que “inescrutáveis [são] os seus caminhos!”.

O profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus!

Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!

“Quem conheceu a mente do Senhor?

Ou quem foi seu conselheiro?”

“Quem primeiro lhe deu, para que ele o recompense?”

Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.

A ele seja a glória para sempre!

Amém. (Rm 11.33-36)

Vamos ponderar sobre essas últimas linhas. “Pois *dele* [a criação], *por* ele [a redenção] e *para* ele [a consumação] são todas as coisas”.

Sim, a ele seja a glória para sempre. Amém!

NONA MENTIRA

1

Frank MEAD, org., *12JXH) religious quotations*, Grand Rapids: Baker, 1989,

Devemos escolher entre o prazer de Deus e o nosso

Devo satisfazer a Deus ou satisfazer a mim mesmo?

Na Moody Church, entrevistamos os candidatos ao diaconato para avaliar se eles se encaixam nesse ofício. Nossa constituição exige que façamos um número de perguntas, incluindo esta: “Você se opõe, tanto em teoria quanto em prática, aos prazeres e a todos os divertimentos questionáveis ou sensuais que possam interferir em seu relacionamento com Cristo?”. Um dos candidatos respondeu: “Sim, eu realmente me oponho a essas coisas. Na verdade, meu casamento é bastante enfadonho”.

Apesar de os outros terem dito isso de maneira mais diplomática, aquele homem refletiu a mentalidade dos cristãos mal informados. Essas pessoas acham que ou devemos buscar os próprios prazeres, ou devemos agradar a Deus por meio de nossa obediência, mas não podemos fazer ambos. A escolha se dá entre a satisfação pessoal e a obrigação, entre a liberdade e o trabalho penoso. Um cristão chegou a me dizer que não comprou uma roupa simplesmente porque gostou dela. Algumas vezes, esse homem disse: “Existe alguma coisa errada comigo. Faz tempo que não choro”. Para ele, todos os prazeres eram pecado; a automortificação sem fim e o enfado eram as chaves para a vida cristã.

“Como só vivo uma vez, acho que devo ter toda a felicidade que puder”, disse-me um outro jovem. Tentei ajudá-lo a entender que seu estilo de vida repleto de bebida e imoralidade não o estava levando

a lugar algum. Deveria aceitar a Cristo como Salvador e reconciliar-se com Deus. Mas a própria sugestão de se afastar de seus prazeres e voltar-se para Deus era impensável para ele. O que deveria fazer? Sentar-se em casa e assistir a reprises de filmes de antes de 1964? Por que deveria trocar seus prazeres pela estagnação? Achava que Deus colocaria um fim em sua alegria.

“Não posso viver a boa vida e depois aceitar a Cristo logo antes de morrer?”, perguntou um alcoólatra. Ele também achava que aceitar a Cristo como Salvador significava que sairia da “boa vida” para alguma coisa muito distante disso. Trocar sua garrafa por Deus significava que ficaria no prejuízo.

O propósito deste capítulo é mostrar que Deus tem prazeres e que nós também devemos ter. A Bíblia não nos nega alegria. Na verdade, ordena que busquemos os mais altos prazeres: “Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração” (SI 37.4). Nossos desejos não devem ser desprezados, mas satisfeitos. Minha esperança é mostrar que, ao buscar os prazeres de Deus, estaremos buscando os nossos. Felizmente, a escolha não é entre colocarmos Deus ou nós mesmos em primeiro lugar. *Quando colocamos Deus no primeiro lugar, estamos colocando nós mesmos em evidência!*

Sou devedor a dois livros de John Piper — *Teologia da alegria:* a plenitude da satisfação em Deus e *The pleasures of God [Os prazeres de Deus*] — por muitas das idéias encontradas neste capítulo. Recomendo esses livros para estudo e reflexão.[1] A conclusão a que cheguei estudando esses livros é que podemos estudar a doutrina de Deus, mas no final do dia é nosso desejo e nossa busca por ele que devem ser o objetivo de nosso conhecimento.

CINCO ELOS NA CORRENTE DA ALEGRIA

Se é para buscarmos prazer em Deus, o Senhor não pode nos dar felicidade a nãoi ser que ele mesmo a tenha. Felizmente, ele é um

Deus de prazer e quer que sigamos seu exemplo. As cinco afirmações a seguir são elos de uma corrente que nos leva à felicidade e à satisfação. Essas afirmações demonstram que nossa busca por significado e felicidade está baseada na própria natureza de Deus. Acreditar que o fato de conhecer a Deus nos leva ao enfado está praticamente tão longe da verdade quanto uma pessoa possa se afastar.

Atenção: não tire qualquer conclusão a partir desses elos na corrente da alegria até que veja como estão interligados. Vamos ancorar a alegria no caráter de Deus como uma base para nossos próprios prazeres espirituais.

Uma verdade está firmada sobre a outra até que vejamos mais claramente que damos alegria a Deus, quando encontramos nosso próprio prazer nele.

O próprio Deus tem muitos prazeres

"Boas notícias: Deus é gloriosamente feliz", escreve John Piper. "Ninguém gostaria de passar a eternidade com um Deus triste."[2] As incontroláveis guinadas e mudanças da vida normalmente frustram nossos anseios pela felicidade. O trabalho que escolhemos não é como nos disseram que seria; a pessoa com quem casamos recebe o diagnóstico de uma doença cujo nome nem mesmo conseguimos pronunciar; nossas férias são interrompidas por uma inundação. Somos lembrados diariamente de que nossos mais elaborados planos estão sujeitos a dezenas de circunstâncias imprevistas.

Agora, imagine por um momento, da melhor maneira que puder, como seria ser Deus. Você é todo-poderoso, de modo que nada pode derrotá-lo. É onisciente e, por isso, nada lhe escapa. Está presente em todos os lugares, de modo que nada está longe de você. Está claro que você possui todos os recursos necessários para ser feliz!

Adicione a tudo isso sabedoria, bondade, glória e beleza e você poderá ver que os desejos de Deus nunca são frustrados. "O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada" (SI 115.3).

[2]*The pleasures of God,* p. 23.

'V. nota 26 do cap. 1; *The pleasures of God* (v. nota 1 do cap. 8).

Imagine ser capaz de fazer tudo o que você quiser! Não é de admirar que Deus seja feliz!

Em que Deus se alegra? Antes de mais nada, no próprio Filho: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!" (Mt 17.5). Isaías escreve citando a Deus: "Eis o meu servo, a quem sustento, o meu escolhido, em quem tenho prazer" (Is 42.1). Paulo ecoa a alegria que Deus tem em seu Filho: "Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude" (Cl 1.19).

O prazer que o Pai tem no Filho existe desde que Deus existe e existirá para sempre. “Se existe algum entusiasmo em Deus. [...] é o entusiasmo que tem por seu Filho, que nunca mudará; nunca se esfriará, pois arde com fervor e zelo inimagináveis”.[3] Jonathan Edwards tinha razão quando disse que “a infinita felicidade do Pai consiste na alegria que tem por seu Filho”. Como já aprendemos, Deus não revelou o que estava fazendo antes de os mundos serem criados, mas de uma coisa podemos ter certeza: estava se deliciando com o Filho e ambos se congraçavam com enorme satisfação mútua.

Segundo, Deus se deleita em sua criação. “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gn 1.31). Ele estava satisfeito com a obra que tão facilmente havia concluído. O salmista sabe que a glória do Senhor permanece para sempre e ora para que o Senhor possa se alegrar “em seus feitos” (SI 104.31).

Deus perguntou a Jó se sabia o que era necessário para criar o mundo: “E os seus fundamentos, sobre o que foram postos? E quem colocou sua pedra de esquina, enquanto as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam?” (Jó 38.6,7). Ao que tudo indica, Deus criou os anjos antes de criar o universo, de modo que pudesse haver uma platéia para o acontecimento. Imagine a efusão dos anjos quando as galáxias flutuavam na existência! Se esses seres foram contagiados pelo Pai em seu estado de espírito, podemos ter certeza de que o Todo-Poderoso estava regozijando-se com eles também. John Piper diz que quase chegamos a imaginar

Deus dizendo: “Vejam isso!” e as hostes celestiais rompendo em um caloroso aplauso.[1]

Quando Deus deu o mandamento: “Não terás outros deuses além de mim” (Ex 20.3), esta lei também se aplicou a ele mesmo. Se Deus encontrasse deleite em qualquer outra criatura ou até mesmo em sua própria criação, seria culpado de idolatria. Portanto, seu prazer está enraizado nele mesmo. Porém, pode se alegrar com sua criação porque esta expressa sua glória: “Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite” (SI 19.1,2). Dia e noite a criação clama: “Deus é glorioso! Deus é glorioso!”.

Deus também se regozija com suas obras na criação porque elas o louvam (SI 103.22). Na verdade, a vida marinha que criou também o adora em "todas as profundezas" (SI 148.7). Ele se deleita nos segredos ocultos do mar, mesmo que os homens nunca venham a descobri-los.

O Pai e o Filho cooperaram na criação (Cl 1.16). Nenhuma insuficiência neles os levou a criar; o universo era a expressão de sua alegria mútua. "Tanto o Filho quanto o Pai são igualmente glori-ficados na criação, pois a criação é o transbordar da alegria que tinham um no outro".[2]

Assim como Deus se regozija na criação, nós também podemos. A essência da idolatria é substituir o Criador pela a criatura, mas não seremos idólatras se virmos a criação como expressão da glória e do poder de Deus. Ver as maravilhas do que Deus criou nos estimula a considerar: se a criação é gloriosa, que glória muito maior tem o Criador!

Deus também se deleita em seu povo. "Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome" (SI 23.3). A razão essencial de Deus ter investido na vida de seu povo é a sua própria reputação. John Piper diz: "O primeiro amor de Deus está firmado no valor de seu

[3]Ibid., p. 31.

santo nome, não no valor do povo pecador".[6] Contudo, ele se alegra em fazer o bem ao seu povo: "O SENHOR, o seu Deus, está em seu meio, poderoso para salvar. Ele se regozijará em você; com o seu amor a renovará, ele se regozijará em você com brados de alegria" (Sf 3.17). Mais uma vez, Deus se regozija em nós porque trazemos glória a ele. Ele se volta para si mesmo inevitavelmente porque não existe ninguém além dele a quem deva sua existência ou seu sucesso.

Deus encontra muitas coisas nas quais pode se deleitar.

Mas será que está sempre feliz? Não existem várias coisas no mundo que fazem com que se entristeça? Existem muitas passagens que falam que Deus está irado. Na realidade, "Deus é um juiz justo, um Deus que manifesta cada dia o seu furor" (SI 7.11). Algumas coisas não lhe dão nenhum prazer: "Teria eu algum prazer na morte do ímpio? Palavra do

Soberano, o SENHOR. AO contrário, acaso não me agrada vê-lo desviar-se dos seus caminhos e viver? [...] Pois não me agrada a morte de ninguém. Palavra do Soberano, o SENHOR" (Ez 18.23,32). O versículo 32 nos força a perguntar se Deus poderia estar sempre feliz ou não. Se alguns acontecimentos o preocupam, será que não estaria sendo *encurralado* pela infelicidade?[7]

John Piper encontra a resposta na "infinitamente complexa vida emocional de Deus". Em certo sentido, Deus está entristecido pela morte do ímpio, pela rebelião da humanidade. Mas quando consideramos todos os acontecimentos que levaram a tal rebelião e as conseqüências disso, vemos que Deus está satisfeito. Moisés advertiu sobre o julgamento que estava por vir e disse: "Assim como foi agradável ao SENHOR fazê-los prosperar e aumentar em número, também lhe será agradável arruiná-los e destruí-los" (Dt 28.63). E interessante notar que o mesmo salmo que diz: "O SENHOR faz tudo o que lhe agrada...", também descreve como Deus abateu os egípcios e os "reis poderosos" (SI 135.6-12). Tais julgamentos lhe dão prazer por causa de seu anseio por justiça e justa condenação.

Em resumo, Deus nunca cai em uma armadilha nem é forçado a fazer alguma coisa que não lhe agrade. No final de tudo, todas as suas obras lhe dão prazer.[3]

Deus é o Deus feliz.

Deus nos criou para que buscássemos satisfação Seria realmente estranho se o nosso Criador gostasse de alguns prazeres, mas os negasse a nós! Podemos imaginar nosso Pai celestial regozijando-se e ao mesmo tempo nos dizendo que não devemos buscar nossa alegria? Ele nos criou para que buscássemos a satisfação. O fato é que não podemos agir de outra maneira.

Talvez ninguém mais tenha escrito tão convincentemente sobre nossa frustração em tentar encontrar a felicidade do que Blaise Pascal. Apesar de nossa busca incansável, não encontramos a felicidade nas coisas que prometem realização. Falando sobre a natureza humana, escreveu: "Ela deseja ser grande e vê que é pequena. Deseja ser feliz e descobre que é infeliz. Quer ser perfeita e vê a si mesma cheia de imperfeições. Deseja ser o objeto do amor e da estima de outra pessoa e percebe que suas faltas

merecem somente sua desaprovação e crítica”.[4] Nosso problema não é o procuramos a felicidade, mas procuramos nos lugares errados.

Pascal continua: “Todos, sem exceção, procuram a felicidade. Apesar de usarem meios diferentes, as pessoas se esforçam rumo a esse objetivo. E por isso que alguns vão para a guerra e outros fazem outras coisas. Essa é a motivação para todos os feitos do homem, mesmo aqueles que dão fim à própria vida”.[5] Ele afirma que o presente nunca pode nos satisfazer. Embora nossa experiência atual prometa satisfação, somos enganados por seguir uma pista falsa atrás da outra até que a morte finalmente nos chame. Por favor, tenha em mente que Pascal não estava dizendo que não deveriamos buscar a felicidade. Na verdade, é necessário que o façamos.

[6]Ibid., p. 108. [7]Ibid., p. 61.

Contudo, como veremos, nossa sede por felicidade deve levar ao objeto correto.

C. S. Lewis colocou o mesmo pensamento, afirmando que nosso desejo por felicidade é algo que, na verdade, nos foi dado por Deus.

Se na maioria das mentes modernas existe o engano de que desejar nosso próprio bem e honestamente esperar par satisfação é uma coisa ruim, sugiro que esta noção tenha sido criada por Kant e pelos estóicos, não fazendo parte da fé cristã. Na verdade, se considerarmos as impressionantes promessas de recompensa e a inacreditável natureza de tais prêmios prometidos nos evangelhos, parecería que nosso Senhor não considera nossos desejos muito fortes, mas fracos demais. Somos criaturas indiferentes, desperdiçando tempo com bebida, sexo e ambição enquanto a alegria infinita nos é oferecida, taí quaf uma criança ignorante que deseja fazer tortas de barro nas ruas de um bairro pobre porque não consegue imaginar o que é a possibilidade de passar um frm de semana na praia. Nós nos satisfazemos com muito pouco.[11]

Ninguém busca a infelicidade. Já realizei muitos casamentos, mas nunca ouvi o noivo ou a noiva dizerem “estamos nos casando porque queremos ser infelizes”. Mesmo os que sabem que não deveríam se casar o fazem, porque acreditam que a dor de viver sozinhos será muito maior que a dor do

casamento. Sim, Pascal estava certo: a pessoa que comete suicídio o faz porque acredita que a dor que sentirá do outro lado da sepultura será menor que a dor atual.

Pense nas maneiras pelas quais tentamos minimizar a dor e maximizar o prazer. Nos submetemos a cirurgias, na esperança de que, no final, nos ajudem a nos sentir melhor. Se escolhemos uma vocação da qual não gostamos, fazemos isso porque acreditamos que o baixo salário que nos oferecerá nos fará mais felizes do que se morrermos de fome. O homem que comete atos imorais o faz porque acha que isso maximizará seu prazer se puder minimizar a dor ao

[n] *Peso de glória:* mensagens para o homem moderno, 2.ed., São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 94-5.

manter isso em segredo. O dedicado professor da escola bíblica prepara bem sua lição porque acredita que isso trará maior felicidade e benefícios a seus alunos. Além do mais, tem a satisfação de realizar um trabalho bem feito. Cristãos, muçulmanos, judeus ou ateus buscam evitar a dor e aumentar o prazer.

Deus, que busca o prazer, nos criou de modo que pudéssemos fazer o mesmo. Criados à sua imagem, buscamos nossos interesses e calculamos o que é melhor para nós. Porém, Deus não se desvia, mas nós sim.

Nossa tentação é buscar prazeres menores Quando estavam no jardim, Adão e Eva gozavam de dois prazeres especiais: conhecer a Deus e andar com ele. Também houve a tentação do prazer de comer o fruto da árvore proibida: “Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também” (Gn 3.6). A árvore era boa, porque tudo o que Deus havia criado era bom. O problema é que Deus dissera a eles para não comerem dela. Nossos primeiros pais se viram diante de uma escolha: o que lhes daria maior prazer? Na mente deles, comer traria mais prazer que não comer. Obter sabedoria seria mais agradável do que não obter nenhuma. Mas pelo fato de não serem capazes de antever as conseqüências da desobediência, sua decisão trouxe grande infelicidade sobre si mesmos e ao

mundo. A desobediência que achavam que aumentaria sua felicidade terminou por maximizar sua dor.

Tal como Adão e Eva, Moisés também buscou prazer, mas optou por encontrá-lo na obediência. “Pela fé Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo. Por amor de Cristo, considerou sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa” (Hb 11.24-6).

Moisés avaliou suas opções: *devo buscar os prazeres do pecado ou deleitar-me em Deus, a “recompensa eterna’*? Independente da escolha, estava motivado pelo que fosse melhor para ele, o que lhe trouxesse mais alegria. Assim, afastou-se dos prazeres fugazes do pecado e optou pelos prazeres duradouros que encontram todos aqueles que seguem o caminho de Deus.

Jesus fez o mesmo: “... tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus” (Hb 12.2). Jesus sabia que a alegria futura seria maior que a dor atual. Sim, poderia ter chamado milhares de anjos e eles o teriam livrado da dor que sentia naquele momento. Mas ele teria perdido a maior alegria que se seguiu à sua obediência.

Quando optamos por prazeres menores, substituímos a criação pelo Criador. Podemos facilmente nos tornar idólatras, adorando os deleites temporários da vida em vez do Deus eterno. Tanto os prazeres deste mundo quanto os prazeres de Deus fazem a mesma promessa. Ambos desejam a nossa fidelidade. Contudo, os prazeres menores não podem entregar aquilo que prometem.

Como podemos descrever os prazeres mundanos? Eles são frágeis, sem substância; evaporam no momento que pensamos que estão ao nosso alcance. D. L. Moody, o fundador da igreja na qual sirvo como pastor principal, tinha um versículo favorito que fazia o contraste entre dois tipos diferentes de prazer: “O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 Jo 2.17). Mesmo que

passemos alguns anos gozando dos prazeres do mundo, realizando os desejos que tivermos, estes não permanecerão. Robert Burns disse com propriedade:

Os prazeres são como o abrir de um botão:

Para desfrutar da flor, seu botão se perde.

Ou como a neve que cai sobre o rio:

Em um momento, alva; depois se desvanece.[6]

Esses prazeres também pretendem assumir o lugar de Deus, mas não dão conta do recado. Lutero tinha razão quando disse que “nenhum homem peca, a não ser que pense erradamente sobre Deus”. Certamente Adão e Eva não teriam pecado se tivessem acreditado que Deus era bom. Os prazeres sensuais dizem: “Deus não satisfaz minhas necessidades! Deus não satisfaz minhas necessidades!”. Citando Piper mais uma vez, “pecado é o que fazemos quando não estamos satisfeitos com Deus; o pecado não cumpre a promessa de felicidade”.[7]

Finalmente, esses prazeres prometem liberdade, mas trazem escravidão. Ouçamos o que Jesus disse: “Digo-lhes a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado. O escravo não tem lugar permanente na família, mas o filho pertence a ela para sempre” (Jo 8.34,35). O servos não levantam de manhã e dão ordens; quem faz isso são os mestres. Prazeres pecaminosos dão a ilusão de liberdade, mas são o pior tipo de fardo.

No Natal eu vi uma criança andando em um carrinho, freneticamente virando o volante para a direita, enquanto o carrinho se dirigia para a esquerda. Seu pequeno volante não tinha o controle do carro. Ele poderia virar para qualquer direção que quisesse, mas sua mãe era quem estava no controle. Do mesmo modo, o pecado nos dá a ilusão do controle, mas, na maior parte do tempo, o mecanismo que muda a direção está desconectado. Obedecemos fielmente às nossas inclinações. Quem tem a última palavra não somos nós, mas o pecado.

Uma das tragédias do século xix foi a vida de Oscar Wilde. Embora possuísse uma mente brilhante e tivesse recebido os mais altos prêmios na literatura, viu-se aprisionado pelas tentações de um vício terrível e acabou seus dias em desgraça, na prisão. Admitiu:

Os deuses me deram quase tudo. Mas deixei-me enganar pelos encantos dos prazeres sensuais e sem sentido [...] Cansado de estar nas alturas, deliberadamente fui às profundezas em busca

[13]*Future grace*, Sisters: Multnomah, 1995, p. 8.

de uma nova sensação. A perversidade, que para mim era um paradoxo na esfera dos pensamentos, penetrou no âmbito da paixão [...] Busquei prazer no que me satisfazia e continuei. Esqueci-me que pequenos atos do dia-a-dia formam ou deformam o caráter e, portanto, aquilo que alguém faz no secreto de seu quarto, algum dia terá que gritar em alta voz do telhado de sua casa. Eu não era mais o capitão de minha alma e não sabia disso. Permiti que o prazer me dominasse. Acabei em terrível desgraça.[8]

O desejo é um péssimo mestre. Os prazeres do pecado são superestimados e rotulados de maneira enganosa.

Houve tempo em que nós também éramos insensatos e desobedientes, vivíamos enganados e escravizados por toda espécie de paixões e prazeres. Vivíamos na maldade e na inveja, sendo detestáveis e odiando uns aos outros. Mas quando, da parte de Deus, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tt 3.3-5).

Somos tolos ao olharmos para o mundo e acharmos que fomos iludidos. Pergunte a Oscar Wilde e ele dirá que o pecado sempre o leva além do que você deseja ir, retém você por mais tempo do que você deseja e custa mais do que você está disposto a pagar.

Além disso, vemos a maneira de Deus nos dizer que o pecado é uma má idéia. Podemos ver o engano do pecado mais claramente em assuntos como alcoolismo, jogo e obsessão sexual. Mas a mesma coisa acontece com “os

pecados do espírito”, ou seja, a ganância, o ciúme e a auto-exaltação. Os problemas é que esses prazeres podem apresentar-se como irresistíveis. Não podemos imaginar a vida sem eles; achamos que fazem parte de quem nós somos.

Há uma história sobre uma pipa que disse o seguinte sobre si mesma: “Se eu pudesse me livrar desse barbante que me prende, poderia voar tão alto quanto quisesse. Mas esse barbante me impede de ser livre”. Certo dia, a pipa teve seu desejo satisfeito. O barbante se rompeu e, fmalmente, a pipa estava livre para voar até às nuvens, rumo às estrelas. Porém, quase que imediatamente, a pipa estatelou-se no chão, porque o barbante que controlava sua altura era o mesmo que a mantinha no ar. Existe uma lição para nós aqui: se quisermos voar para além das nuvens, devemos deixar que Deus assuma o controle.

A maturidade espiritual está substituindo os prazeres menores pelos maiores

De que maneira os prazeres de Deus competem com a euforia da, digamos, pornografia? O que dizer com relação aos prazeres da imoralidade, das drogas ou da bebida? Ou da alegria que vem do jogo? Ou ainda os prazeres da autopromoção, da auto-absorção e da autopreservação? Os prazeres que vêm por retermos o ódio no coração? De que modo os prazeres que Deus nos provê podem ser tão satisfatórios quanto esses?

Deus nos satisfaz de uma maneira que os outros prazeres não podem. Ele nos dá o que é de maior valor: nos dá a si mesmo. Vamos citar Pascal novamente:

Houve certa vez no homem a verdadeira felicidade da qual hoje resta apenas uma marca, um traço vazio que o homem em vão tenta preencher com tudo o que o cerca, buscando nas coisas ausentes a ajuda que ele não consegue obter nas coisas presentes.

Mas todas essas coisas são inadequadas, porque o abismo infinito somente pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, ou seja, o próprio

Deus.[9]

14 The mind on fire, p. 109.

C. S. Lewis disse que, nos salmos, Deus é o "objeto que provê toda a satisfação". Seu povo regozija-se nele com "imensa alegria": "Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, crêem nele e exultam *com alegria indizível e gloriosa*, pois vocês estão alcançando o alvo da sua fé, a salvação das suas almas" (lPe 1.8,9; grifo do autor).

Davi também falou dessa alegria:

SENHOR, TU ÉS A MINHA PORÇÃO E O MEU CÁLICE; *és* tu que garantes o meu futuro.

As divisas caíram para mim em lugares agradáveis:

Tenho uma bela herança!

Bendirei o Senhor, que me aconselha; na escura noite o meu coração me ensina!

Sempre tenho o Senhor diante de mim.

Com ele à minha direita, não serei abalado.

Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranqüilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição.

Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita. (SI 16.5-11)

Nos primeiros versos do salmo, Davi afasta-se dos falsos deuses. Percebe a falência dos falsos amores que não podem cumprir suas promessas. Dá as costas aos prazeres impuros que sempre deixam um gosto na boca e cuja recompensa é a alma vazia.

Olha ao redor e vê que Deus o cercou de bênçãos. Olha para trás, para o tempo quando os israelitas entraram na terra e ela foi dividida de acordo com um sorteio das áreas. Percebe que sua porção nesta vida foi muito boa: “As divisas caíram para mim em lugares agradáveis: Tenho uma bela herança!” (v. 6). Hoje precisamos parar um pouco para lembrar da bondade de Deus em nossa vida.

Os que depositaram sua fé em Cristo têm uma herança indescritível que não podemos desprezar.

A medida que Davi olha para os desafios à sua frente, honra ao Senhor em sua mente e em seu coração. “Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele à minha direita, não serei abalado” (v. 8). Davi dá ao Senhor a posição de honra e dignidade. Alguém já disse que Davi “esconde-se nos puros deleites da comunhão com o Senhor”. Anos antes, quando Davi arrependeu-se de seu deslize, escreveu: “Provem, e vejam como o SENHOR é bom. Como é feliz o homem que nele se refugia!” (SI 34.8). Não há prazer semelhante ao de provar um relacionamento com Deus.

Esse reconhecimento das bênçãos divinas tem dois benefícios. Primeiro, existe o senso de satisfação atual: “Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto” (v. 9). Davi encontrou a felicidade que todos nós natuialmente ptocntamos. Imagine alegrar-se sem culpa, sem arrependimento e com verdadeira liberdade. Naturalmente, não quero dizer que Davi nunca teve um dia ruim (na verdade, se você ler os salmos, saberá que quase sempre tinha um dia ruim). Mas sabia que era melhor ter um dia ruim com Deus que ter um bom dia consigo mesmo e com seus prazeres. Não é contraditório dizer que existe alegria no meio da tristeza e felicidade em meio à dor.

Segundo, existe um benefício futuro. Seu corpo, diz ele, “repousará tranqüilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição” (v. 9,10). Descerá à sepultura na esperança de uma vida futura. Morrerá com confiança e, mesmo na morte, encontrará alegria: “Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita” (v. 11).

Não devemos desprezar o fato de que, nesta vida, o Senhor está à mão direita de Davi e, na vida futura, Davi estará à mão direita do Senhor! Assim como amamos a Deus hoje, seremos honrados algum dia. E a alegria será pura, exuberante e eterna.

Seria possível sentirmo-nos de outra maneira na presença de Deus, contemplando sua beleza e recebendo sua aceitação? Certamente essa alegria será a experiência que teremos na vida futura, mas até mesmo agora temos um pouco do sabor da bênção divina.

Os prazeres de Deus e os nossos estão em harmonia Conhecer a Deus não significa renunciar à alegria, mas, em vez disso, a realização dela. Servimos a quem adoramos, em quem nos deleitamos. E se Deus nos mandar para o campo missionário? E se um membro de nossa família morre? E se nossas necessidades emocionais não forem satisfeitas? A resposta das Escrituras é que é melhor viajar pela estrada difícil com a bênção de Deus o que definirmos o próprio caminho sem a intimidade de sua companhia. O que é melhor para Deus é o melhor para nós; tudo o que dá prazer a Deus é mais compensador para nós. Busque os prazeres errados e você não obterá nada; busque a Deus e você conseguirá tudo. Como disse C. S. Lewis, você tem satisfação nesta vida "e recebe o céu junto". Jerry Walls tinha razão ao dizer que "em nossa geração, assim como em todas as outras, as pessoas estão desejando a felicidade, mas não percebem que o que estão procurando, na verdade, é a santidade".[10]

O que mais glorifica a Deus também é o melhor para nós.

UM CONVITE À REFLEXÃO

George Mueller (1805 - 1898) foi um grande homem de oração e fé. Fundou orfanatos na Inglaterra não apenas para cuidar dos necessitados, mas também para demonstrar como se pode confiar em Deus. Nunca pediu fundos, mas confiou apenas na oração. Sua vida é uma história de milagres. Aprendeu alguma coisa que revolucionou seu relacionamento com Deus:

Vi mais claramente que nunca, que o maior e principal negócio ao qual deveria me dedicar todos os dias era ter minha alma feliz em Deus. A primeira coisa com que devia me preocupar não era o quanto eu podería

servir ao Senhor ou como podería glorificá-lo, mas como deveria colocar a minha alma em um estado de felicidade e como meu homem interior poderia ser nutrido.[11]

Prossegue, dizendo que se dedicou à leitura do Novo Testamento todas as manhãs. Nesses momentos, confessava seus pecados e intercedia juntamente com a meditação até que seu coração estivesse em paz na presença do Todo-poderoso. Somente então começava seu dia com a alma nutrida.

Que possamos aprender com seu exemplo. Se você não está começando o seu dia na presença de Deus, permita-me pedir que comece a fazê-lo. Não importa quanto esforço isso exige de nós, pois seremos recompensados com a segurança de que existe alegria genuína na presença de Deus. Vinte minutos por dia mudarão nossas vidas. Leia um salmo e um capítulo do Novo Testamento por dia. Os puritanos costumavam dizer: “Quem tem Deus e tudo o mais não tem mais que quem tem apenas a Deus”.

Fanny Crosby escreveu:

Oh, que pura e santa alegria é Aos teus santos pés me achar,

E com viva e mui reverente fé Com o Salvador falar!

Mais perto da tua cruz, quero estar, ó Salvador!

Mais perto, para tua cruz,

Leva-me, ó meu Senhor

Façamos de nosso deleite em Deus nossa maior prioridade.

DÉCIMA MENTIRA

1

Ibid., p. 85.

2

Ibid., p. 89.

3

Ibid., p. 66.

4

The mind, on fire, p. 66.

5

Ibid., p. 108.

6

John BARTLETT, *Familiar quotations,* org. Emily Morison Beck, Boston:

7

Little, Brown and Company, 1968, p. 495.

8

De profiindis, ap. William BARCLAY, *The letters of the Galatians and Ephesians,*

9

Edinburgh: Saint Andrew's Press, 1954, p. 177.

10

Jerry L. Wails, *Good News,* May/Jun., 1995, ap. *Christianity Today,* 17/7/1995,

11

p. 49.

DEUS AJUDA A QUEM SE AJUDA

CONTA-SE A HISTÓRIA DE UM HOMEM que ficou preso em sua casa durante uma inundação. Um barco veio para resgatá-lo no momento em que a água estava batendo nos degraus do alpendre de sua casa, mas acenou para a equipe de resgate, dizendo: “Deus vai me resgatar!”. No dia seguinte, a água subiu um pouco mais e outro barco de resgate foi até aquele homem, agora com a água chegando quase ao piso do andar de cima da casa. Recusou novamente a ajuda, dizendo “Deus vai me resgatar!”. Mais tarde, no dia seguinte, ele estava sentado sobre a chaminé, com as águas fazendo redemoinhos à sua volta. Um helicóptero pairou sobre sua cabeça e um homem disse:

— Deixe-nos ajudá-lo!

Mas a resposta foi novamente:

— Deus vai me resgatar!

Como era de esperar, as águas subiram ainda mais, e o homem morreu afogado. Chegou ao céu não muito bem-humorado, reclamando com Pedro:

— Eu esperava que você fosse me resgatar! — disse o homem. — Para ser bastante franco, estou surpreso em vê-lo aqui — respondeu Pedro — porque mandamos dois barcos e um helicóptero para ajudá-lo!

Quase podemos ouvir Pedro dizendo: “Lembre-se, *Deus ajuda a quem se ajuda”*.

[17]Ap. Piper, *Future grace,* p. 127.

^ Muitas pessoas acham que a afirmação “Deus ajuda a quem se 'H ajuda” está na Bíblia.[1] Parece evidente que precisamos fazer nossa ! § parte se esperamos que Deus faça a dele. Por que deveriamos esperar , que Deus fizesse tudo? Somente se fizermos o que podemos é que j-Vt) devemos

esperar a ajuda divina para realizar o que não conseguimos, t Sp Esse princípio é bastante razoável e está baseado em duas ^ « pressuposições. A primeira delas é a necessidade e o valor do trabalho. *{* - Ficamos ressentidos em dar aos que são preguiçosos. Se uma pessoa

í ■ prefere ajudar a si mesma, terminamos por ajudá-la, mas a pessoa 5 |rque está em necessidade precisa fazer algum esforço também, x ^ Esperamos que nossos filhos façam algum trabalho, e dizemos: “Vou pagar a mensalidade da escola se vocês fizerem algum trabalho extra durante as férias para conseguir pelo menos algum dinheiro para suas despesas. Eu os ajudarei se vocês ajudarem a si mesmos primeiro, pois precisam tornar-se dignos do meu investimento e do meu sacrifício. Por que deveriam receber alguma coisa sem fazer nada?”. Odiamos a preguiça.

Segundo, essa frase está baseada na pressuposição da capacidade, ou seja, existe realmente alguma coisa que você possa fazer. Você pode dar pelo menos o primeiro passo. Se tivesse uma incapacidade que o impossibilitasse de trabalhar, então, naturalmente, não esperaríamos que “ajudasse a si mesmo”. Mas se você é sadio e capaz, nós o ajudaremos se fizer algum esforço. Posso ajudá-lo até certo ponto. Na verdade, poderiamos fazer mais do que isso, mas, por favor, entenda que não pode esperar que façamos tudo. Não existe comida gratuita; alguém tem de pagar e essa pessoa bem podería ser você mesmo.

Nossa tentação é assumir que Deus pensa dessa mesma forma em relação a esses assuntos. Mas Deus não é um homem. Já aprendemos que cometemos um erro quando atribuímos características humanas a Deus. Devemos testar nossa compreensão de Deus a partir das Escrituras. Devemos tentar entender o que disse sobre si mesmo antes de atribuir nossas atitudes a ele.

'Born again Christians ignorant of faith, survey also finds hell’s description divides Americans. *Bama Research Outline*, 18/3/1995, p. 1.

Por um lado, existe um pouco de verdade na afirmação que diz que “Deus ajuda a quem se ajuda”. A Bíblia nos adverte quanto a tirarmos vantagens das bênçãos de Deus sem reconhecermos nossa obrigação de servi-lo com o melhor de nossa capacidade. Paulo, por exemplo, disse que se um homem não trabalhasse, não deveria comer (2Ts 3.10). Não devemos sentar e

esperar que Deus faça tudo por nós. O Senhor realmente espera que aproveitemos um barco ou um helicóptero se precisarmos ser resgatados. Existem algumas coisas que podemos fazer primeiro, e então Deus nos ajudará. Tiago diz aos crentes: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês!” (Tg 4.8).

Porém — e isso é muito importante — cada vez em que vemos que “Deus ajuda a quem se ajuda”, existe uma dezena de exemplos nos quais Deus ajuda os que *não podem* ajudar a si mesmos. A verdade é que, se não ajudasse quem não pode ajudar a si mesmo, todos nós estaríamos perdidos. Como veremos em alguns instantes, somente os que sabem que não podem ajudar a si mesmos recebem a graça do perdão. O fato é que nossa salvação surge a partir do reconhecimento de que somos plenamente incapazes de fazer qualquer coisa por nós mesmos. Deus nem mesmo nos deu a capacidade de receber o dom gratuito!

A propósito, a afirmação “Deus ajuda a quem se ajuda” não está na Bíblia, pois essa expressão origina-se na religião pagã. Cinco séculos antes de Cristo, Esopo escreveu: “Os deuses ajudam os que ajudam a si mesmos”. Euripides, um filósofo grego, disse: “Tente primeiro e, depois, peça a Deus”. No século XVII, George Herbert disse: “Ajuda-te e Deus te ajudará”. A frase que usamos atualmente foi criada por Benjamin Franklin: “Deus ajuda a quem se ajuda”.

Essa afirmação é inimiga da graça, e, se Franklin acreditava nela, isso contribuiu para sua rejeição do evangelho. Como deísta, Franklin acreditava firmemente em Deus e na providência divina, mas não podia aceitar a divindade de Cristo. Era amigo próximo do grande evangelista George Whitefield, que insistia para que as pessoas se arrependessem e aceitassem o evangelho. Contudo, apesar de uma amizade forte e mutuamente agradável que perdurou por trinta anos, Franklin escreveu depois da morte de seu amigo: “Whitefield costumava orar por minha conversão, mas nunca teve a satisfação de acreditar que suas orações foram ouvidas”.[1] Com a aproximação da morte, Franklin não via razão para acreditar, uma vez que, em breve, veria se aquilo era verdadeiro ou falso.

A capacidade de ajudarmos a nós mesmos depende de qual seja o problema. Se nosso maior problema for a ignorância, podemos ajudar a nós mesmos

estudando. Se há necessidade de expressar nossos mais profundos sentimentos, podemos obter ajuda de um psicólogo. Se estivermos nos afogando, podemos lutar para nos salvar ou um salva-vidas pode nos resgatar. Infelizmente, nosso problema é muito maior que todos esses. Se você estiver morto, então seu problema é do tamanho de Deus. A ressurreição é algo que somente Deus pode fazer.

No que se refere à redenção, Deus deve intervir para nos salvar por que não podemos ajudar a nós mesmos. Na realidade, enquanto acharmos que podemos ajudar a nós mesmos, nunca seremos resgatados. O cerne da mensagem do evangelho está na compreensão tanto da extensão de nossa necessidade quanto da extensão do poder de Deus. Fique comigo enquanto explico.

NOSSO DILEMA ANTES DA CONVERSÃO

Leia o texto a seguir e pergunte a si mesmo se existe alguma coisa quepodemos fazer para nos salvarmos: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência” (Ef 2.1,2).

Antes de nos convertermos, estávamos *mortos* em nossas transgressões e pecados. Não costumamos parar no caminho para o cemitério para comprar remédios para nossos amigos que estão enterrados lá. Se estivessem doentes, a dosagem certa de um remédio prescrito por um médico poderia ajudar, mas a verdade é que estão além do alcance da medicina. Logo, espiritualmente falando, sem Cristo estamos mortos, não apenas doentes. Estamos separados de Deus e somos incapazes de nos unirmos a ele.

Um amigo meu tem uma fotografia do corpo do filósofo Jeremy Bentham. O corpo de Bentbam está em uma cadeira, vestido com as roupas de um cavalheiro do século XIX. Quando estava vivo, Bentham deu ordens expressas para que seu corpo fosse doado ao University College Hospital, em Londres, desde que fosse preservado e levado a todas as reuniões da diretoria do hospital. Até onde sei, isso é feito até os dias de hoje. Seu corpo é levado em uma cadeira de rodas até a mesa da diretoria e o presidente diz: “Jeremy Bentham, presente, mas incapaz de votar”. Desde

sua morte em 1832 nem votou em nenhuma moção, nem apresentou nenhum projeto!

Presente, mas incapaz de votar! É isso o que somos, espiritualmente falando, sem a intervenção de Cristo. Os que estão mortos espiritualmente podem estar bem vivos fisicamente: podem ir ao teatro, ganhar dinheiro e esquiar no Colorado. Sim, podemos fazer todas essas coisas e muitas outras mais. Contudo, sem Cristo, estamos mortos espiritualmente, ou seja, desligados de Deus.

Você já teve a experiência de falar com alguém que não deseja ouvir o que tem a dizer? Esse ouvinte filtra e interpreta todas as afirmações. Suas palavras não se conectam com o coração dele. Essa talvez seja a melhor ilustração de nós mesmos antes da graça de Deus ser derramada em nossa vida:

Os ímpios erram o caminho desde o ventre; desviam-se os mentirosos desde que nascem. Seu veneno é como veneno de serpente; tapam os ouvidos, como a cobra que se faz de surda para não ouvir a música dos encantadores, que fazem encantamentos com tanta habilidade (SI 58.3-5).

Esse não é um retrato agradável, mas quando temos a verdadeira compreensão de quem somos no íntimo do coração, concordamos em que essa descrição não é exagerada.

Sem a intervenção de Deus, também somos cegos. Abandonados a nós mesmos, espiritualmente falando, não enxergamos nossa necessidade nem compreendemos a maravilha do evangelho. “O Deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Co 4.4). Espero que esteja começando a entender o porquê somos incapazes de “ajudar a nós mesmos”. É claro que resolvemos nosso problema dizendo a nós mesmos que estamos vivos e podemos ouvir e ver. “Mas o caminho dos ímpios é como densas trevas; nem sequer sabem em que tropeçam” (Pv 4.19).

Nossos desejos interiores nos levam a maus caminhos, como também nosso inimigo exterior. Paulo diz que seguimos

o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira (Ef

2.2,3).

Satanás coloca em nossa mente pensamentos que consideramos nossos e isso se soma ao nosso desejo de sermos enganados. Se estivéssemos apenas doentes, buscaríamos a cura; se tivéssemos apenas um glaucoma, um cirurgião poderia nos ajudar. Mas estamos mortos e somos cegos, portanto, não é de surpreender que sejamos enganados.

Algumas pessoas acham que o problema é o ambiente. Mudemos as circunstâncias e, em conseqüência, isso nos transformará. Outros acham que o nosso problema é a falta de auto-estima, de modo que nossa grande esperança é a psicologia. Sim, nosso ambiente é importante e os conselheiros podem nos ajudar, mas nenhum dos dois pode nos ligar a Deus. Nenhum deles pode nos dar a vida divina; não podem nos levantar de nossas tumbas morais e espirituais.

O PODER DE DEUS PARA NOS SALVAR

Felizmente, Deus vem visitar o cemitério.

Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

(Ef 2.4-7)

Quando Deus interveio? *Quando ainda estávamos mortos.* Veio até nós no momento em que não podíamos ajudar a nós mesmos. Não podíamos dar qualquer contribuição ao que escolhera fazer. Ressurreições são obras do Deus onipotente. Quando Jesus estava na tumba de Lázaro, não disse:

“Agora, Lázaro, eu o ajudarei se você ajudar a si mesmo um pouquinho. Não vou pedir muito: farei mais do que devo, mas você deve pelo menos mexer o dedao do pé. Se você fizer isso, começarei a ajudá-lo a partir daí”.

No segundo semestre de cada ano, leciono uma matéria sobre pregação na Trinity International University. Esse ano, mais uma vez, pedi aos alunos que se encontrassem comigo em um cemitério, onde pedi que pregassem aos mortos. Diante de mim estava a tumba de um casal que morrera em 1912. Pedi a um dos alunos que pregasse, dizendo que aquela era a manhã da ressurreição! Até hoje, todos os anos, os alunos, em sua totalidade, se recusaram, pois não acreditaram que eu pudesse estar falando sério.

Logo, eu mesmo vou até a tumba e grito para os mortos: “Saiam!”. A seguir, espero por uma resposta. Como ninguém

responde (felizmente!), brinco com os alunos, dizendo-lhes que os mortos não levantaram simplesmente porque são incapazes de ouvir; e se gritasse suficientemente alto, com certeza responderíam! Então, grito mais uma vez, dizendo que deveríam se levantar porque aquela era a manhã da ressurreição. Aguardo mais uma vez por alguns , instantes e, como era de esperar, não há resposta.

Então, pergunto aos alunos:

— Como vocês acham que eu me senti ao fazer isso?

Descrevendo precisamente meus sentimentos, respondem:

— Um perfeito idiota!

Mas é dessa maneira que nos sentimos todas as vezes que pregamos as boas novas do evangelho. Estamos ordenando que os mortos se levantem, que os surdos ouçam e que os cegos vejam! Porém, não somos tolos, pois Deus pode levantar os mortos, abrir os ouvidos dos surdos e fazer com que os cegos enxerguem. Como Paulo disse: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação” (ICo 1.21).

Deus ativa seu poder de ressurreição quando nos salva. Cria dentro de nós alguma coisa que não estava ali antes. “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que '"surgiram coisas novas!” (2Co 5.17). Deus deve invadir nosso mundo particular. É ele quem deve vir até nós. Não pode esperar que “façamos o melhor que pudermos”.

Deixe-me encorajar-lhe um pouco. Obviamente, não é mais difícil ressuscitar alguém que está morto há dez anos do que alguém que morreu há três anos. A condição dos corpos não faz diferença na presença do Deus onipotente. Logo, não é mais difícil para Deus salvar “grandes” pecadores que salvar pecadores “menores”. Morto é morto, e ressurreição é ressurreição. Você pode achar que seu pecado é grande demais, que seu passado é muito sórdido. Mas existe mais graça no coração de Deus que pecado no passado das pessoas. A questão não é a grandeza de seu pecado, mas a aplicação do poderoso remédio de Deus.

O PROPÓSITO DE DEUS EM NOS SALVAR

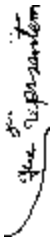
Quais são os propósitos de Deus ao executar essas ressurreições? Paulo apresenta dois deles na passagem de Efésios: “Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus” (Ef 2.6,7). A primeira razão pela qual Deus veio nos salvar é mostrar sua graça. Deus quer nos colocar em exposição de modo que, nas eras futuras, sua misericórdia — que não merecemos — seja evidente a todos: a anjos, a demônios, aos homens e a qualquer outro ser que precise ter um vislumbre da generosidade de Deus. O primeiro propósito da cruz é direcionado para Deus. Paulo diz, por exemplo, que Deus ofereceu a Cristo em sacrifício como demonstração de “sua justiça” (Rm 3.25).

Quando o reverendo Paul Gibson aposentou-se do cargo de reitor de Cambridge, encomendaram um retrato dele a um artista. Para expressar sua gratidão, Gibson fez um bem merecido elogio ao artista, dizendo que, no futuro, as pessoas que olhassem para aquele quadro não perguntariam “Quem é este homem?”, mas “Quem pintou este quadro?”.[3] De modo semelhante, por toda a eternidade as pessoas não perguntarão “Quem foi redimido?”, mas “Quem é o Redentor?”. Quem seria capaz de pegar tais

pecadores e elevá-los a uma posição de proeminência e honra? Quem poderia tomar essas pessoas que nada mereciam e ressuscitá-las com Cristo, de modo que pudessem se assentar com ele à mão direita do Pai?

O segundo propósito da salvação é direcionado a nós. Nesses versículos, três palavras descrevem a benevolência de Deus para com os pecadores. Vamos ler outra vez, enfatizando essas palavras: “Todavia, Deus, que é rico em *misericórdia*, pelo grande *amor* com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pelagrapa: vocês são salvos” (Ef 2.4,5;

[3]John R. W. STOTT, *God’s new society:* the message of Ephesians, Downers Grove: InterVarsity, 1979, p. 82.



grifo do autor). Graça é dar-nos o que não merecemos; misericór-, dia é nos proteger do que realmente merecemos.

^ Pense nisso: a ressurreição de Cristo foi um ato de poder da •çv parte de Deus. Quando nos ressuscitou, foi um ato não apenas de H'poder, mas também de misericórdia. Cristo merecia ser ressuscitado; nós não. O réquiem de Mozart tem uma belíssima frase: “Ajuda-me a lembrar que eu fui a causa de tua jornada”.

Será que “Deus ajuda a quem se ajuda”? Como humanos, somos levados a pensar que precisamos ajudar a Deus, que devemos fazer alguma coisa antes de sermos abençoados. Mas Paulo deixou as coisas bastante claras: “Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida. Todavia, àquele que não traba-lha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Rm 4.4,5). Longe de ajudar os que se ajudam, Deus ajuda somente os que *não podem ajudar a si mesmos.* Deus é atraído não por nossa força, mas por nossa fraqueza; não

por nossa capacidade, mas pelo quão incapazes somos. Ele é o Deus da ressurreição.

Tenha em mente que a<Eois[flE2?se seguem à nossa conversão. Imediatamente depois de Paulo ter ensinado claramente que somos salvos pela graça por meio da fé, acrescentou: “Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos” (Ef 2.10). Antes da conversão, Deus ajuda somente quem sabe que não pode ajudar a si mesmo. Depois da nossa conversão, ele nos ajuda de modo que possamos “ajudar a nós mesmos”. Depois de sermos ressuscitados dos mortos, tornamo-nos “cooperadores de Deus” (ICo 3.9).

Conte essas boas-novas chamadas evangelho a alguém e esta pessoa poderá responder da seguinte maneira: “Se a salvação é um presente, portanto, depois de recebê-la, é minha para sempre. Desse modo, eu posso aceitá-la e viver do jeito que eu quiser, cometendo qualquer pecado ou crime e, ainda assim, ir para o céu”. Tal resposta não leva em conta a mudança radical e a intervenção que Deus faz no coração humano. Quando “nascemos de novo”, recebemos

uma nova natureza, com novos sentimentos e amor por Deus. Boas obras depois da fé salvadora ajudam a confirmar que nossa conversão é genuína.

A DIFICULDADE EM ACEITAR A GRAÇA

A graça de Deus é difícil de aceitar para dois tipos de pessoas. O primeiro grupo é dos que estão profundamente tomados pela culpa: viciados em drogas, alcoólatras, prostitutas e outros semelhantes. Pensam da seguinte maneira: “Deus deve estar tão bravo comigo que não há como me aceitar”. Quando falamos da graça de Deus a essas pessoas, sentem-se indignas demais para aceitá-la.

O segundo grupo de pessoas que encontra dificuldade em aceitar a graça são as pessoas que se auto-justificam, fazendo trabalho voluntário, nunca tendo problemas com a lei, pagando seus impostos e não se metendo na vida dos outros. As pessoas trabalhadoras que são honestas e que podem olhar ao redor e ver uma dezena de pessoas muito piores que elas, acham

que a graça de Deus é ofensiva. A própria noção de que não podem contribuir para a própria redenção é um insulto para seu senso de realização e bem-estar. E por isso que Jesus disse aos religiosos de seus dias: “Digo-lhes a verdade: Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus” (Mt 21.31). Pobres dos que não aceitam a graça de Deus porque estão “ajudando a si mesmos” e, portanto, pensam, equivocadamente, que se darão bem no dia do julgamento. Jesus não tem nada a dar aos que não sentem necessidade.

Um amigo meu cresceu em um lar em que ouvia a frase “Deus ajuda a quem se ajuda”. Quando chegou à adolescência, começou a realizar pequenos furtos, para posteriormente, diplomar-se na vida mais arriscada de ladrão de carro. As drogas e o álcool o consumiram e era preciso roubar cada vez mais para sustentar seus vícios. A idéia de que “Deus ajuda a quem se ajuda” o levou ao desespero. Quando e como poderia ajudar a si mesmo? Violava as próprias resoluções de mudar de vida, tão logo as fazia. O suicídio parecia a alternativa atraente para seus vícios. Ele só se converteu e deixou seu estilo de vida pecaminoso quando aprendeu que Deus ajuda os que *não podem* ajudar a si mesmos.

Deus sempre dá o primeiro passo. Vem até nós quando finalmente desistimos de nossas tentativas de nos salvarmos. Como disse David Hubbard: “em uma enorme conspiração de graça, o Pai, o Filho e o Espírito Santo planejaram juntos virar nossas vidas completamente”.[2] Nossa contribuição é fazer o que Lázaro fez: responder quando Deus chama.

Simon Wiesenthal, sobrevivente do holocausto e uma pessoa que não quer que esqueçamos desse infame episódio da história humana, escreveu um livro intitulado *The sunflower [Ogirassol]*. Nesse livro, trata do assunto da culpa, relatando que, certo dia, foi levado de um campo de extermínio para um hospital improvisado do exército. Ali, foi colocado ao lado de um soldado nazista que pedira para ter alguns momentos em particular com um judeu. Wiesenthal entrou na sala hesitante, sem saber o que esperar. Foi colocado frente a frente com um homem ferido mortalmente, com bandagens dos pés à cabeça. Aquele soldado sofredor virou-se para ele e sussurrou, aliviando seu coração do crime hediondo que cfimetera ao incendiar uma vila de judeus. Sua mente reprisava constantemente os gritos

das mulheres e crianças enquanto morriam queimadas. Sua consciência não encontrava paz. Ciente de que estava morrendo, estava fazendo um esforço desesperado para buscar o perdão de um representante do povo que havia assassinado.

Wiesenthal não pôde atender ao pedido daquele homem. Na realidade, tentou sair várias vezes, mas o soldado sofredor implorava para que permanecesse. O soldado precisava tirar aquela atrocidade de dentro do coração; precisava receber o perdão. Mas Wiesenthal achava impossível que apenas com um pequeno aceno de mão pudesse absolver um crime tão terrível contra a humanidade. E quem era ele para pensar que poderia oferecer perdão pelos mortos, cujos gritos o jovem soldado ouvia em sua mente atormentada?

Mais tarde, Wiesenthal ponderou sobre ter feito a coisa certa. Talvez devesse ter realizado o pedido daquele homem à beira da morte. Assim, escreveu para 32 homens e mulheres de grande respeito, perguntando a opinião deles. Destes, 26 concordaram com a decisão de Wiesenthal: não poderia pensar que seria capaz de perdoar um crime contra uma raça inteira; não poderia falar pelos mortos. Seis pessoas sugeriram que deveria ter escolhido o caminho mais elevado e, falando pelo menos por si mesmo, ter dado ao homem o perdão que buscava.

Ravi Zacharias destacou que a situação de Wiesenthal era genuína, como também era verdadeiro o apelo do soldado nazista que procurava perdão em suas últimas horas de vida. E certo que Wiesenthal não poderia ter falado pelos mortos; além do mais, não poderia ter falado em nome de Deus que, na verdade, era a pessoa a quem o soldado deveria ter se voltado em busca do verdadeiro perdão que precisava.[5] Minha linha de raciocínio segue uma direção diferente: imagine estar ao lado do leito de uma pessoa que está mor-rendo e dizer: “Lembre-se, Deus ajuda a quem se ajuda”.

Não cometemos os crimes daquele soldado, mas temos uma coisa em comum: não podemos ajudar a nós mesmos fazendo boas obras na esperança de que nos tragam reconciliação com Deus. Dizendo de forma simples, não temos a bondade que-Deus exige. Assim, apesar das óbvias diferenças no estilo de vida de todos nós, tanto os nazistas quanto nós estamos condenados no tribunal da santidade de Deus. E, se aquele soldado

tivesse crido em Cristo, também teria entrado no céu, pois Deus dá o mesmo dom de justiça a todos os que crêem e executa os mesmos milagres em seus corações.

No filme *O último imperador,* a pequena criança escolhida como líder da China vive uma vida mágica, de luxo, com milhares de servos ao seu comando.

— O que acontece quando você faz alguma coisa errada? — perguntou seu irmão.

[5]*Cries of the heart*, p. 116.

— Quando faço algo errado, alguma pessoa é punida em meu lugar — respondeu o jovem imperador. Para demonstrar o que disse, ele quebra um jarro e um dos seus servos é espancado.

Na teologia cristã, Cristo faz muito mais que isso. No filme, quando o imperador faz alguma coisa errada, um servo apanha. No cristianismo, os servos fazem coisas erradas e o Imperador é quem sofre as conseqüências. Diante de Deus, estamos sempre ao lado do que é errado, mas felizmente Cristo nos coloca entre as coisas certas. Isso é graça.

Falo hoje aos que não podem ajudar a si mesmos. Quanto mais ferido por seu pecado você estiver, melhores são as chances de enxergar sua necessidade. Convido você a se achegar ao “Deus de toda a graça” que é capaz de firmá-lo na fé mais santa. Quando nos achegamos a ele, nossas vidas são transformadas.

Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo. Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras.

(Tt 2.11-14)

UM CONVITE À REFLEXÃO

Sua resposta a este capítulo depende de onde você se encontra em sua jornada espiritual. Os de que transferiram sua confiança para Cristo podem reservar alguns momentos para adorar a Deus, agradecendo a ele por nos resgatar de nossa desobediência. Podemos contemplar a promessa de que "nas eras que hão de vir", nós mostraremos "a incomparável riqueza de sua graça".

Para você que talvez tenha sentido pela primeira vez a necessidade da intervenção pessoal de Deus em sua vida, é hora de simplesmente admitir que não pode ajudar a si mesmo. Conforme enfatizamos, Deus não vai redimi-lo até que você perca toda a confiança em sua própria bondade e transfira sua fé somente para Cristo.

Jesus contou uma história sobre dois homens que foram orar no templo. O primeiro levantou-se, louvando a Deus pelo fato de ser um bom homem. "Deus", dizia ele, "eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho" (Lc 18.11,12).

Mas o publicano aproximou-se de Deus de maneira diferente. "... ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: 'Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador'." (v. 13). Jesus disse que este homem foi para casa justificado, ao passo que o outro não. Quando o assunto em questão é graça, não colocamos na mesa nada além do que nossa grande necessidade. Deus compreende nossa deficiência. Ele responde aos que não podem ajudar a si mesmos e sabem disso. Ao receber a graça, nossas vidas são transformadas. Neste momento, diga a Deus que você está fazendo esta transferência de confiança.

Agostinho disse que a graça só pode ser recebida com as mãos vazias.

EPÍLOGO

[1]

Arnold DALLIMORE, *George Whitefield, Westchester:* Crossway Books, 1980, p. 453.

2

Ap. MCCULLOUGH, *The trivialization ofGod,* p. 97.

PODEMOS CONFIAR NELE?

GUERRAS, POBREZA, CATÁSTROFES NATURAIS e terríveis injustiças existem neste planeta. Quem pode calcular os rios de lágrimas que os seres humanos estão derramando a cada hora neste mundo decaído? Podemos confiar no Deus soberano que, a qualquer momento, poderia colocar um fim em tal sofrimento, mas não o faz? O Deus que poderia impedir as catástrofes que atingiram o mundo em todos os séculos? O Deus que poderia ter feito Hitler morrer quando criança nos braços de sua mãe?

Existem alguns encontros com o mal que são tão horríveis, que desafiam as fundações de nossa fé no Deus benevolente. Para alguns, esta fé foi destruída. Elie Wiesel escreveu para milhões de judeus e outras vítimas do holocausto, e devemos dar ouvidos à sua angústia:

Nunca me esquecerei daquela noite, a primeira noite no campo, que transformou minha vida em uma noite longa, sete vezes maldita e sete vezes selada. Nunca me esquecerei daquela fumaça. Nunca me esquecerei das faces das crianças cujos corpos se transformaram em espirais de fumaça diante de um silencioso céu azul.

Nunca me esquecerei das chamas que consumiram minha fé para sempre. [1]

'Ap. John STACKHOUSE, *Can God be trusted?:* faith and the challenge of evil, New York: Oxford University Press, 1998, p. 47.

Podemos confiar nele?

Antes de respondermos, vamos sentir a imensa agonia emocional e o desapontamento com Deus expressos nas palavras de Wiesel. Podemos entender porque as chamas poderiam consumir a fé de alguém para sempre. Deixar de acreditar em Deus, contudo, dificilmente é algo confortante diante de males tão brutais pois, se Deus não existe, então não há

possibilidade de as injustiças do passado serem retificadas. Um amigo meu, judeu e ateu, admite que sentiu certa inquietação em seu espírito ao saber que Hitler nunca seria julgado pelo que fez. Não tinha esperança de que haveria um ajuste de contas final que acertaria todas as coisas. Não acreditar em Deus não é a resposta.

Por outro lado, não devemos pensar que temos uma resposta adequada e puramente racional ao dilema de Elie Wiesel. A dificuldade de conciliar o sofrimento humano com a existência do Deus bondoso e poderoso desafia as mentes mais brilhantes. Depois de todos os ensaios teológicos terem sido escritos e de os melhores debatedores se calarem, ainda assim não entenderemos. Ficamos surpresos diante de um grande mistério. John Stackhouse escreveu:

O Deus da predestinação, o Deus da providência, o Deus que criou tudo e que sustem todas as coisas, é, no final das contas, o responsável por tudo — este Deus revelou a nós apenas um vislumbre do plano cósmico divino. Deus não permitiu que víssemos, de maneira plena, o sentido do sofrimento, o método por trás do que parece sem sentido. Em vez disso, Deus optou por permanecer no mistério.[2]

Sim, Deus optou por permanecer no mistério. No livro *Dos princípios*, Orígenes descreveu o que Paulo quis dizer quando escreveu que os juízos de Deus são "insondáveis" e seus caminhos são inescrutáveis (Rm 11.33). Leia estas palavras:

Paulo não disse que os juízos de Deus são difíceis de descobrir, mas sim que são totalmente impenetráveis. Não disse que os caminhos de Deus são difíceis de ser encontrados, mas que é simplesmente impossível achá-los. Pois por mais longe que alguém possa chegar na busca e por mais progresso que faça por meio do estudo crescente e sincero, mesmo que ajudado e iluminado em sua mente pela graça de Deus, a pessoa nunca será capaz de alcançar o objetivo final de suas indagações.[1]

Visando ilustrar as exigências da fé, o filósofo Basil Mitchell nos conta esta parábola:

Em um tempo de guerra num país ocupado por inimigos, um membro da resistência encontra-se certa noite com um estrangeiro que muito o impressiona. Passam a noite inteira conversando. O estranho afirma que também está do lado da resistência — na verdade, é o responsável por ela. Pede que seu companheiro tenha confiança nele, independente do que venha a acontecer. O jovem está impressionado com o estranho e decide acreditar nele.

No dia seguinte, vê que o estranho luta ao lado da resistência e diz a seus amigos: — Vejam, o estranho está do nosso lado. Sua fé está justificada.

Contudo, no dia seguinte, o estranho está usando um uniforme da polícia, entregando patriotas ao poder de ocupação — ao inimigo!

Os amigos daquele jovem murmuram contra ele, insistindo em que o estranho não poderia estar do lado deles, pois fora visto ajudando o inimigo. Mas o jovem permanece intrépido, confiando resolutamente no estranho.

Em alguns momentos, pede ajuda ao estranho e a recebe; às vezes, pede ajuda e não recebe. Nos momentos de maior dificuldade, afirma: “O estranho sabe mais do que eu”.

[2]*Can God be trusted?,* p. 103.

Esse comportamento ambíguo da parte do estranho faz com que os amigos daquele jovem ridicularizem sua fé, dizendo: — Se é isso que significa estar ao nosso lado, quanto mais rápido você for para o outro lado, melhor! Nesse momento, o jovem se vê diante de um dilema: será que acredita que o estranho não está ao seu lado ou continua acreditando, não importa o que aconteça?

Existem duas lições nessa parábola. A primeira, é que o fato de continuarmos acreditando ou não, depende do encontro que tivemos com Cristo. Se em Jesus vemos Deus perto de nós, amando-nos e perdoando nossos pecados, então seremos capazes de prosseguir acreditando, mesmo que não tenhamos a resposta final para a questão do sofrimento nesta vida.

Ao ponderar sobre o mistério dos caminhos de Deus, Lutero nos pede que "fujamos do Deus oculto e corramos para Cristo".

Naturalmente, o "Deus oculto" e o Deus que se fez carne são uma única pessoa. Não são divindades separadas entre as quais devemos escolher uma delas. Porém, como Stackhouse destaca, é exatamente porque os dois são um que o conselho de Lutero funciona. "A pessoa deve fugir dos mistérios da providência de Deus, sobre os quais não sabemos o suficiente para entender (porque Deus revelou pouca coisa sobre eles), e correr para Jesus Cristo, em quem encontramos o Deus suficientemente revelado".[2] Jesus nos assegura em sua Palavra que ele é por nós e que nada nos separará de seu amor. Mesmo assim, suas ações são ambíguas: às vezes parece que não está do nosso lado. O que fazemos? Quando isso acontecer, devemos desistir da esperança e dizer "ele não se importa"?

A resistência de nossa crença depende da extensão de nossa amizade com o estranho (Cristo). Quanto melhor o conhecermos, maior será a probabilidade de continuarmos a confiar nele, mesmo quando suas ações são confusas e não parece estar do nosso lado. Não vamos julgar seu amor por nós baseados em nossas circunstâncias, mas em suas promessas. Cito Stackhouse mais uma vez: "Podemos reagir corretamente ao mal em nossas vidas porque sabemos que Deus é *plenamente bondoso e todo-poderoso, pois conhecemos a Jesus*" (grifo do autor).[5]

Essa é a provação da nossa fé. Jesus veio para revelar o Pai a nós. Por meio dele, sabemos que Deus vê o quanto somos capazes de suportar, enquanto continuamos a acreditar que ele sabe o que faz. Passamos por um teste de lealdade quando Deus opta por fazer o oposto do que pensamos que o Deus amoroso faria. Suponha que Deus quisesse criar um conjunto de circunstâncias que testariam nossa fé em sua bondade e em seu amor. Qual seria a melhor maneira de fazer isso, a não ser agir de um modo que parecesse estar em oposição a seus atributos? Quando parece que o Senhor está do lado do inimigo, você continua acreditando que ele sabe o que faz? Somos capazes de acreditar nele independentemente do que aconteça?

Jesus nos conforta:

Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou (Jo 14.1-4).

Se ele não estava lá ao meu lado antes, por que deveria pensar que ele estará agora? perguntou-me uma mulher. Ela fora abusada quando criança e, já na fase adulta, lutava com a ira e a desconfiança com relação a Deus. Não pôde entender como seu Pai celestial, que tem todo poder à sua disposição, pôde deixar de intervir quando apanhava e era brutalmente estuprada. Felizmente ela acredita, mas é difícil. Cada centímetro do crescimento espiritual é contestado. Sim, nossa fé finalmente estará firmada naquele em quem confiamos.

Isso me leva à segunda lição daquela parábola: as perguntas sobre o mistério do mal não são respondidas nesta vida, mas na próxima.

[5]Ibid., p. 104.

Lembre-se que, em alguns dias, parecia que o estranho estava do lado do exército inimigo e o conflito prosseguia sem solução. Mas lembre-se que Deus tem toda a eternidade para nos explicar (se ele quiser fazê-lo) o mistério dos seus caminhos. Como crentes, concordamos com Paulo: “Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada” (Rm 8.18). Mais uma vez:

Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves ê momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (2Co 4.16-18).

Nosso Pai celestial realmente nos ama mais que um pai terreno que é mais imediatamente responsável por nossas necessidades e solicitações? A resposta é que nosso Pai celestial nos ama mais do que nosso pai terreno poderia, mas tem um conjunto diferente de prioridades. Valorizamos a

saúde, assim como nosso Pai celestial, mas ele valoriza nossa fé ainda mais. Ele se alegra em nos prover alimento, mas se deleita ainda mais quando confiamos nele embora estejamos com fome e até mesmo morrendo de inanição. Sim, Deus se deleita quando confiamos nele, mesmo quando parece que não está lá quando precisamos.

Depois de vários anos lendo e pensando sobre o problema de conciliar o sofrimento deste mundo com o amor de Deus, concluí que não deve haver uma solução racional aceitável. Como tentei destacar neste livro, devemos humildemente confessar que os caminhos de Deus são "inescrutáveis". O Senhor simplesmente optou por não revelar todas as peças do quebra-cabeça. Como Tony Campolo disse, "*é* sexta-feira [da paixão], mas o domingo está chegando!".

Depois de João Batista ter sido jogado na prisão, começou a pensar se Cristo era realmente o Messias. Por um lado, o Antigo Testamento predisse que quando o Messias viesse, libertaria os prisioneiros (Is 61.1). João cometeu o mesmo erro dos que, hoje, acham que Deus é obrigado a nos curar: interpretou erroneamente o momento adequado e a aplicação de algumas das promessas de Deus.

Durante o tempo em que João permaneceu na prisão, parecia que Cristo estava renegando as promessas de Isaías. Tenho certeza que refletiu sobre quão injusto tudo aquilo parecia, pois ele, parte tão vital do ministério terreno de Cristo, estava sendo sumariamente punido por ter tomado uma posição justa contra o casamento pecaminoso de Herodes. Pensando assim, João enviou uma delegação a Cristo para perguntar diretamente: "Es tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?" (Mt 11.3).

Em resposta, Jesus lembrou a João de que os milagres estavam acontecendo e completou: "... feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa" (v. 6). Poderiamos até mesmo parafrasear o que Jesus disse: "Feliz é a pessoa que não fica chateada com a maneira como conduzo as coisas".

Feliz é a pessoa que não diz "Nunca vou confiar em Deus porque ele não me poupou da injustiça e do abuso". Ou feliz é a pessoa que não diz "Acho a doutrina do inferno tão repulsiva que não posso acreditar no Deus da Bíblia".

Feliz é pessoa que entende que devemos confiar no coração de Deus quando não conseguimos entender o que sua mão faz. Feliz é a pessoa que sabe que devemos nos prostrar na presença dos mistérios dos propósitos de Deus. Feliz é pessoa que continua crendo, independentemente do que aconteça. Feliz é pessoa que deixa Deus ser Deus.

“Aleluia!”, cantou a multidão no céu na visão de João na ilha de Patmos. “A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus, pois verdadeiros e justos são os seus juízos” (Ap 19.1,2).

Sim, você pode confiar nele.

[1]

On first principles, New York: Harper and Row, 1966.

[2]

*Can God be trusted*p. 103.